

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**  
**Nathalia Rana Rosa Bernardo**

**A INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE ENSINO SUPERIOR  
TECNOLÓGICO E A FORMAÇÃO PARA O  
EMPREENDEDORISMO:**

**um estudo de caso**

**Taubaté – SP**  
**2015**

**Nathalia Rana Rosa Bernardo**

**A INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE ENSINO SUPERIOR  
TECNOLÓGICO E A FORMAÇÃO PARA O  
EMPREENDEDORISMO:**

**um estudo de caso**

Dissertação apresentada para obtenção do Título de Mestre em Gestão e Desenvolvimento Regional do Programa de Pós-Graduação em Administração do Departamento de Economia, Contabilidade e Administração da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Planejamento, Gestão e Avaliação do Desenvolvimento Regional.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elvira Aparecida Simões de Araujo.

**Taubaté – SP  
2015**

**Ficha catalográfica elaborada pelo  
SIBi – Sistema Integrado de Bibliotecas / UNITAU**

B456i Bernardo, Nathalia Rana Rosa  
A instituição pública de ensino superior tecnológico e a formação para o empreendedorismo: um estudo de caso / Nathalia Rana Rosa Bernardo. - 2015.  
146f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté, Departamento de Economia, Contabilidade e Administração, 2015.  
Orientação: Profa. Dra. Elvira Aparecida Simões de Araújo, Departamento de Economia, Contabilidade e Administração.

1. Desenvolvimento regional. 2. Ensino superior tecnológico.  
3. Formação Empreendedora. 4. Empreendedorismo. Título.

**NATHALIA RANA ROSA BERNARDO**

**A INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE ENSINO SUPERIOR TECNOLÓGICO E A  
FORMAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO:**

**um estudo de caso**

Dissertação apresentada para obtenção do  
Título de Mestre em Gestão e Desenvolvimento  
Regional do Programa de Pós-Graduação em  
Administração do Departamento de Economia,  
Contabilidade e Administração da Universidade  
de Taubaté.

Área de Concentração: Planejamento, Gestão e  
Avaliação do Desenvolvimento Regional.

Data: \_\_\_\_\_

Resultado: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elvira Aparecida Simões de Araujo

Universidade de Taubaté

Assinatura \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marilsa de Sá Rodrigues

Universidade de Taubaté

Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. José Manoel Souza das Neves

Faculdade de Tecnologia de  
Guaratinguetá

Assinatura \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elvira Aparecida Simões de Araujo pela orientação, apoio, compreensão e paciência ao longo de todo o processo de construção desta dissertação.

Ao Prof. Dr. José Manoel Souza das Neves por ter autorizado a realização desta pesquisa na Instituição, objeto deste estudo.

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Marilsa de Sá Rodrigues pelo apoio e pelas importantes contribuições para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos Coordenadores de Curso por terem facilitado o processo de execução desta pesquisa. Em especial, agradeço aos que, generosamente, colaboraram com a pesquisa.

Aos alunos, que gentilmente, se disponibilizaram a participar desta pesquisa.

Aos colegas de trabalho, em especial, à Prof<sup>ª</sup>. Célia Aparecida de Matos Garcia, à Prof<sup>ª</sup>. Kátia Cristina Cota Mantovani, à Prof<sup>ª</sup>. Kamila Amato de Campos, ao Prof. Francisco Antonio Maciel Novaes, ao Prof. Allbert Velleniche de Aquino Almeida e à Maria Izabel Silva Marcondes de Moura Batista, pelo apoio.

À minha família por toda ajuda, incentivo e, sobretudo, paciência ao longo de todo o processo.

Aos colegas de mestrado, com os quais, nesses últimos anos tive a oportunidade de conviver e aprender muito, em especial, à querida amiga Sandra Ritiele Espíndola Fernandes Guimarães, por toda a ajuda, as palavras não são capazes de expressar minha gratidão; à Juliana Albuquerque Freire e ao Jorge Maurício de Almeida Pires, pela amizade e auxílio.

## RESUMO

A atividade empreendedora, a partir de meados do século passado, passou a ser considerada essencial para a geração de riquezas de um país. O Brasil é considerado um dos países mais empreendedores do mundo. No entanto, um dos grandes problemas é o elevado índice de mortalidade das empresas. A educação empreendedora, nesse sentido, pode assumir a relevante função de motivar, contribuir e apoiar as iniciativas que fomentem o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, colaborando para a iniciação e manutenção de negócios provavelmente mais propensos ao sucesso. Partindo destas considerações, esta dissertação tem por objetivo identificar, descrever e analisar a formação para o empreendedorismo em uma Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico, por meio do projeto pedagógico e da percepção de seus alunos e coordenadores. A pesquisa classifica-se como exploratória; do ponto de vista dos procedimentos técnicos, foi realizado um estudo de campo, desenvolvido por meio de análise documental e estudo de caso. A pesquisa foi realizada com 74 alunos matriculados nos 5º e 6º semestres dos cursos oferecidos pela Instituição, pois estes já se encontravam na fase final do programa de graduação. São participantes também, três coordenadores de curso da Instituição. Como resultado, pode-se observar a convergência das percepções dos Coordenadores de Curso e do Corpo Discente no que tange ao conceito e à importância do empreendedorismo, destacando-se a realização de um sonho, a possibilidade de criação de empresas e a atividade empreendedora como um potencial do ser humano. Além disso, foi possível detectar que 74% dos alunos pesquisados desejam empreender, reforçando a noção de que a população brasileira possui “vocação” para o empreendedorismo. Com relação à Instituição, foi possível notar ações que permitem a prática do empreendedorismo e o desenvolvimento de habilidades empreendedoras em seus alunos, o que mostra a preocupação da Instituição com a formação de profissionais capacitados para atuar frente aos desafios do século XXI.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento Regional. Ensino Superior Tecnológico. Formação Empreendedora. Empreendedorismo.

## **ABSTRACT**

### **A PUBLIC INSTITUTION OF HIGHER EDUCATION AND TECHNOLOGY ENTREPRENEURSHIP EDUCATION: a case study**

The entrepreneurial activity, from the last century, has been considered essential for the generation of wealth of a country. Brazil is considered one of the most entrepreneurial countries in the world. However, a major problem is the high mortality rate of companies. The entrepreneurial education in this sense may take the relevant function to motivate, help and support initiatives that foster the development of entrepreneurial skills, contributing to the initiation and maintenance business probably more likely to succeed. Based on these considerations, this dissertation that aimed to identify, describe and analyze the entrepreneurship training in a Public Institution of Higher Education Technology through the education program and the perception of students and coordinators. The research is classified as exploratory; the point of view of technical procedures, we conducted a field study, developed through document analysis and case study. The survey was conducted with 74 students enrolled in the 5th and 6th semesters of courses offered by the institution, because they were already in the final phase of the degree program. Participants are also three of the Institution course coordinators. As a result, one can observe the convergence of perceptions of the Course Coordinators and Student Body regarding the concept and importance of entrepreneurship, especially the realization of a dream, the possibility of start-ups and entrepreneurial activity as a potential human being. Furthermore, it was possible to detect that 74% of respondents wish to undertake, reinforcing the notion that the Brazilian population has "vocation" for entrepreneurship. Regarding the institution, it was noticeable actions that allow the practice of entrepreneurship and the development of entrepreneurial skills in their students, which shows the concern of the institution to the development of trained professionals to work face the challenges of the XXI century.

**Keywords:** Regional Development. Technological Higher Education. Entrepreneurship Education. Entrepreneurship.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa das Sub-regiões da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte .....	67
--------------------------------------------------------------------------------------------------	----



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Evolução da atividade empreendedora no Brasil, 2002-2013.....	31
Gráfico 2 – Evolução da taxa de empreendedores iniciais (TEA) por oportunidade e necessidade – Brasil, 2002-2013 .....	32
Gráfico 3 – Economia – Participação no PIB do Estado (Região de Governo e Município).....	65
Gráfico 4 – Número de Empregados da Região.....	66
Gráfico 5 – Deseja empreender .....	96
Gráfico 6 – Exerce atividade remunerada .....	96
Gráfico 7 – Exerce atividade empreendedora .....	96
Gráfico 8 – Carreira após a graduação .....	97
Gráfico 9 – Sente-se preparado para empreender.....	98
Gráfico 10 – Formação empreendedora na Instituição .....	99
Gráfico 11 – Existem disciplinas empreendedoras.....	99
Gráfico 12 – Estímulo ao empreendedorismo .....	100
Gráfico 13 – Desenvolvimento de habilidades empreendedoras .....	100
Gráfico 14 – Habilidades Empreendedoras ensinadas .....	101
Gráfico 15 – Sabe se existem “programas” de incentivo ao empreendedorismo na Instituição .....	102

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Evolução do conceito de empreendedorismo/empreendedor .....	21
Quadro 2 – Caminhos para empreender.....	23
Quadro 3 – Os modelos de carreira .....	39
Quadro 4 – Descrição dos tipos de carreira.....	40
Quadro 5 – Sub-regiões da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte e suas cidades.....	63
Quadro 6 – Perfil do Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas .....	68
Quadro 7 – Perfil do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial .....	69
Quadro 8 – Perfil do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Financeira.....	70
Quadro 9 – Perfil do Curso Superior de Tecnologia em Gestão da Tecnologia da Informação .....	71
Quadro 10 – Perfil do Curso Superior de Tecnologia em Logística.....	72
Quadro 11 – Categoria Empreendedorismo (Coordenadores de Curso) .....	81
Quadro 12 – Categoria Desenvolvimento de Habilidades Empreendedoras .....	83
Quadro 13 – Categoria Educação Empreendedora na Instituição .....	86
Quadro 14 – Categoria Empreendedorismo (Alunos) .....	93
Quadro 15 – Níveis de Análise das Ementas.....	103
Quadro 16 – Disciplinas que tratam o empreendedorismo, de maneira direta.....	104
Quadro 17 - Disciplinas comuns a todos os cursos.....	106
Quadro 18 - Disciplinas identificadas a partir do terceiro nível de análise das ementas (ADS).....	108
Quadro 19 - Disciplinas identificadas a partir do terceiro nível de análise das ementas (GTI) .....	109
Quadro 20 - Disciplinas identificadas a partir do terceiro nível de análise das ementas (GE).....	112
Quadro 21 - Disciplinas identificadas a partir do terceiro nível de análise das ementas (GFIN).....	115
Quadro 22 - Disciplinas identificadas a partir do terceiro nível de análise das ementas (LOG).....	117

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Eventos da ANEGEP .....	52
Tabela 2 – Tema dos Artigos .....	52
Tabela 3 – Classificação por Abordagem.....	53
Tabela 4 – Classificação por Tipo de Pesquisa.....	53
Tabela 5 – Técnicas de Coleta de Dados .....	54
Tabela 6 – Os autores mais referenciados nos 14 artigos .....	54
Tabela 7 – Elevação do número de cursos entre 1960 e 2010 .....	57
Tabela 8 – Território e População (Perfil Municipal).....	64
Tabela 9 – Economia (Perfil Municipal).....	65
Tabela 10 – Emprego e Rendimento (Perfil Municipal).....	67
Tabela 11 – Distribuição da amostra por curso, alunos, sexo, semestre e faixa etária.....	91
Tabela 12 – Existem disciplinas empreendedoras .....	99
Tabela 13 – Estímulo ao empreendedorismo.....	100
Tabela 14 – Habilidades Empreendedoras ensinadas .....	101
Tabela 15 – Total de disciplinas por curso e por nível de análise .....	103

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	12
1.1 PROBLEMA .....	14
1.2 OBJETIVOS .....	14
1.2.1 Objetivo Geral .....	14
1.2.2 Objetivos Específicos .....	15
1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	15
1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO .....	15
1.5 ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO.....	16
2 REVISÃO DA LITERATURA .....	17
2.1 EMPREENDEDORISMO.....	17
2.1.1 Perfil Empreendedor .....	22
2.2 EMPREENDEDORISMO NO BRASIL .....	29
2.3 EMPREENDEDORISMO: UMA OPÇÃO DE CARREIRA .....	36
2.3.1 O Negócio Próprio.....	42
2.4 FORMAÇÃO EMPREENDEDORA.....	44
2.4.1 A Produção Acadêmica sobre a Educação Empreendedora, de acordo com a base de dados da ANEGEP .....	51
2.4.1.1 Dados Gerais dos Artigos.....	51
2.4.1.2 Procedimentos Metodológicos observados nos Artigos .....	52
2.4.1.3 Aspectos Gerais das Referências .....	54
2.5 A EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL.....	56
2.5.1 As Instituições de Ensino Superior Brasileiras – Definições.....	59
2.5.2 Os Cursos Superiores de Tecnologia.....	60
2.6 DESENVOLVIMENTO REGIONAL E A INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE ENSINO SUPERIOR TECNOLÓGICO: ANÁLISE DOS CURSOS SUPERIORES DE TECNOLOGIA .....	61
2.6.1 Desenvolvimento – Breve Contextualização .....	61
2.6.1.1 Perfil Econômico do Município .....	63
2.6.2 Cursos Superiores de Tecnologia oferecidos no Município.....	67
3 MÉTODO.....	75

3.1 Área de Realização .....	76
3.2 População e Amostra .....	76
3.3 Instrumentos.....	77
3.4 Procedimento de Coleta de Dados.....	78
3.5 Procedimento de Análise de Dados .....	78
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	80
4.1 Apresentação e Análise da percepção dos Coordenadores de Curso da Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico.....	80
4.2 Apresentação e Análise da percepção dos Alunos da Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico.....	90
4.3 Apresentação e Análise das ementas das disciplinas dos Cursos Superiores de Tecnologia oferecidos pela Instituição .....	102
4.4 Análise Global dos Resultados.....	119
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	123
REFERÊNCIAS.....	125
APÊNDICE A – Questionário (Alunos) .....	130
APÊNDICE B – Entrevista (Coordenadores de Curso) .....	134
ANEXO A – Ementas das Disciplinas – ADS (Quadro 18).....	136
ANEXO B – Ementas das Disciplinas – GTI (Quadro 19) .....	137
ANEXO C – Ementas das Disciplinas – GE (Quadro 20).....	139
ANEXO D – Ementas das Disciplinas – GFIN (Quadro 21) .....	141
ANEXO E – Ementas das Disciplinas – LOG (Quadro 22).....	143
ANEXO F – PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_709777 .....	144

## 1 INTRODUÇÃO

O século XX foi cenário de inúmeras transformações, ou seja, em um curto período de tempo, foi desenvolvida a maior parte das invenções que revolucionaram o estilo de vida das pessoas e muitas dessas invenções foram frutos da inovação, de algo inédito ou de uma visão de como utilizar coisas já existentes, mas que ninguém antes havia ousado olhar de maneira diferente (DORNELAS, 2005).

A definição do conceito de empreendedorismo evoluiu com o passar do tempo, juntamente com a complexidade da economia mundial.

Veit e Gonçalves Filho (2007) declaram, considerando a percepção de Schumpeter, que a essência do empreendedorismo está na percepção e na exploração de novas oportunidades, e no âmbito dos negócios, na utilização de recursos de maneira inovadora.

Nas últimas décadas, o empreendedorismo tem se popularizado no Brasil, em especial, pela preocupação em diminuir os altos índices de mortalidade das empresas e também porque, assim como nos países desenvolvidos, a prática empreendedora tem sido cada vez mais vista, como uma fonte de geração de empregos e riqueza.

A edição de 2013 do *Global Entrepreneurship Monitor* - GEM mostra que o Brasil ocupa a décima sétima posição no *ranking* mundial de empreendedorismo, sendo considerado, por isso, um dos países mais empreendedores do mundo.

Por trás dessas invenções, existem pessoas ou equipes de pessoas visionárias, questionadoras, arrojadas, que desejam algo diferente, novo, em outras palavras, empreendedoras.

Diante disso, pode-se dizer que os empreendedores são pessoas que inovam, seja no pensamento ou em inventos, como aqueles que pensaram e criaram tecnologias como a energia elétrica, a televisão e o computador que hoje são imprescindíveis para sociedade.

Nesse sentido, Viramgami (2007) assegura que o empreendedor é a pessoa que reúne esforços para implementar ideias.

Para Drucker (2002), o espírito empreendedor é uma característica distinta, seja de um indivíduo, ou de uma instituição. Não é um traço de personalidade, mas sim um comportamento e suas bases são o conceito e a teoria, e não a intuição.

Na percepção de Guedes (2009) na maioria das definições de empreendedor estão presentes os seguintes elementos: inovação, disposição para correr riscos, identificação de oportunidade, combinação e utilização dos recursos disponíveis. Contudo, pode-se entender por empreendedor, aquele que está atento às oportunidades e sabe identificá-las, assume riscos e transforma oportunidades em resultados, criando novas empresas, produtos, processos ou serviços.

De acordo com Dornelas (2005) são inúmeros os fatores que levam um indivíduo a empreender. Em geral, as pessoas buscam o empreendedorismo como uma alternativa ao desemprego, ou ao tempo ocioso que possuem depois que se aposentam; há também os que vêem no empreendedorismo uma oportunidade de traçarem seus próprios caminhos.

O grande dilema, entretanto, é saber quando o “sonho” pode se tornar realidade e gerar negócios e pessoas de sucesso, empresas duradouras que permitam a criação de muitos postos de trabalho, como exemplo, e que contribuam positivamente para o desenvolvimento da sociedade na qual estão inseridos.

Por esse motivo, o empreendedorismo tem se tornado mais conhecido, e a formação para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras tem sido cada vez mais necessária na tentativa de minimizar o alto índice de falências e possibilitar que os negócios se iniciem com maiores chances de êxito.

De acordo com Lopes (2010) historicamente, a educação empreendedora nasceu nos Estados Unidos, nas faculdades de administração, e se espalhou pelos diversos países; a preocupação com a formação empreendedora se intensifica à medida que cresce a importância da atividade empreendedora para a economia, para a geração de renda e para a sociedade. Diante desse cenário, começa a formar-se um consenso de que empreender é a resposta para escapar do subdesenvolvimento, como afirma Lopes (2010).

Nas boas escolas americanas, por exemplo, o empreendedorismo é um tema que se desdobra em várias disciplinas obrigatórias e optativas, além de inúmeros outros cursos de extensão complementares específicos como empreendedorismo corporativo, empreendedorismo social, franquias, entre outros.

Pode-se destacar então, a importância das Instituições de Ensino Superior na formação empreendedora para estimular a educação de profissionais com habilidades empreendedoras que favoreçam o sucesso profissional e também, o desenvolvimento de atividades empreendedoras que contribuam para o crescimento do país, se considerarmos ainda, que o empreendedorismo pode ser ensinado e aprendido por qualquer pessoa, como ressalta Drucker (2002).

## **1.1 PROBLEMA**

Qual é o papel de uma Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico na formação para o empreendedorismo, considerando a importância da atividade empreendedora para o desenvolvimento econômico e social de um país, especialmente, em um país de alta capacidade empreendedora, como o Brasil?

## **1.2 OBJETIVOS**

### **1.2.1 Objetivo Geral**

Identificar, descrever e analisar a formação para o empreendedorismo em uma Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico por meio do projeto pedagógico e da percepção de seus alunos e coordenadores de curso.



### **1.2.2 Objetivos Específicos**

- Analisar a percepção dos alunos e dos coordenadores de curso da Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico sobre o empreendedorismo e a formação empreendedora.
- Identificar nas disciplinas dos cursos oferecidos pela Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico aspectos que possam contribuir para a formação empreendedora.

### **1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO**

A despeito da importância da formação técnica e tecnológica em caráter amplo para a formação qualificada em nosso país, esta pesquisa faz um recorte de análise da formação empreendedora em uma Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico, localizada no Vale do Paraíba, Estado de São Paulo, por meio do projeto pedagógico e da percepção dos seus alunos e coordenadores.

### **1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO**

O Brasil ocupa a décima sétima posição no ranking mundial de empreendedorismo, sendo visto, por isso, como um dos países mais empreendedores do mundo (GEM, 2012).

No entanto, o elevado número de empresas que encerram suas atividades ainda é uma grande preocupação.

Embora, de acordo com Amaral, Olenike e Amaral (2013) o índice de mortalidade das empresas brasileiras venha caindo a cada década, como mostra o Empresômetro - Perfil Empresarial Brasileiro 2013, censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação - IBPT, cerca de 15% dos empreendimentos morre no primeiro ano de vida; 42% desaparece entre um e cinco anos de vida e até 14 anos de vida, mais de 75% das empresas encerram suas atividades.

Nesse sentido, a formação para o empreendedorismo se torna cada vez mais relevante, pois a criação de empresas por si só não leva ao desenvolvimento econômico.

A educação empreendedora tem a função de motivar, contribuir e apoiar as iniciativas que fomentem o empreendedorismo, colaborando possivelmente para a iniciação e manutenção de negócios mais consistentes e provavelmente mais propensos ao sucesso, favorecendo o desenvolvimento econômico e social do país.

## **1.5 ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO**

A dissertação é formada por cinco capítulos. Primeiramente tem-se a Introdução ao tema, com a apresentação dos objetivos da pesquisa.

No segundo capítulo consta a Revisão da Literatura, concentrando a fundamentação teórica sobre o tema, ou seja, conceitua-se empreendedorismo; perfil e características do empreendedor; empreendedorismo no Brasil; formação empreendedora, entre outros.

Em seguida, o terceiro capítulo, Método, apresenta a maneira como a pesquisa foi realizada.

Na sequência têm-se os Resultados e Discussão, quarto capítulo, no qual são apresentados os resultados da pesquisa e a comparação entre a fundamentação teórica e os dados obtidos por meio da pesquisa de campo e do estudo de caso realizado na Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico.

E por fim, têm-se as Considerações Finais desta dissertação, as Referências, os Apêndices e Anexos.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 EMPREENDEDORISMO

Embora o empreendedorismo seja um tema amplamente discutido nos dias atuais, seu conteúdo, ou seja, o que ele representa sempre esteve presente na história da humanidade.

Assim sendo, Landstrom (2009) afirma que, historicamente, o empreendedorismo é uma atividade antiga, uma vez que, descobrir ou identificar oportunidades de negócios e transformá-las em “ganhos” econômicos sempre foram importantes para o desenvolvimento da vida humana.

Nesse sentido, Schumpeter (1997) assegura que o desenvolvimento econômico é “arrastado” pelas mudanças do mundo à sua volta.

Diante disso, Dornelas (2005) descreve que na Idade Média, o empreendedorismo era utilizado para definir aquele que gerenciava grandes projetos de produção. Esse indivíduo não assumia grandes riscos, e apenas gerenciava os projetos, utilizando os recursos disponíveis, geralmente provenientes do governo do país.

Complementa que a partir do século XVII surgiram os primeiros indícios de relação entre assumir riscos e empreendedorismo. Nessa época, o empreendedor estabelecia um acordo contratual com o governo para realizar algum serviço ou fornecer produtos. Como geralmente os preços eram prefixados, qualquer lucro ou prejuízo era exclusivo do empreendedor.

Já no século XVIII, o capitalista e o empreendedor foram finalmente diferenciados, provavelmente devido ao início da industrialização, que ocorria no mundo (DORNELAS, 2005).

Nos séculos XIX e XX, mais precisamente no final do século XIX e início do século XX, segundo Dornelas (2005), os empreendedores passaram a ser confundidos com os gerentes ou administradores, sendo analisados meramente de um ponto de vista econômico, como aqueles que organizavam as empresas,

pagavam os empregados, planejavam, dirigiam e controlavam as ações desenvolvidas na organização, mas sempre a serviço do capitalista.

Somente a partir de meados do século passado é que o empreendedorismo passou a ter o significado atualmente conhecido e a ser considerado essencial para a geração de riquezas de um país, principalmente, por promover o crescimento econômico, gerar empregos e renda, possibilitando melhores condições de vida para a sociedade em geral (DORNELAS, 2005).

De acordo com Viramgami (2007) o empreendedorismo pode ser entendido como um processo em que uma ideia pode ser implementada e convertida em um negócio, ou seja, refere-se a um processo.

Pode-se entender ainda, por empreendedorismo o estudo voltado para o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas à criação de um projeto técnico, científico ou empresarial. Origina-se do termo empreendedor, aquele que cria, abre e gerir um negócio.

Conforme Drucker (2002) o empreendedorismo é utilizado para designar os estudos relativos ao empreendedor, aquele que cria algo novo, algo diferente, que muda ou transforma valores.

Para Dornelas (2005) a palavra empreendedor tem origem francesa, provém do verbo *entrepreneur*, e quer dizer aquele que assume riscos e começa algo novo.

Por sua vez, a palavra *entrepreneur*, derivada do verbo francês *entreprendre*, significava assumir empreitada que exigia esforço e muito empenho e geralmente era utilizada quando a referência eram pessoas que organizavam e lideravam expedições militares (GUIMARÃES, 2002).

Conforme Viramgami (2007) o empreendedor é a pessoa que reúne esforços para implementar ideias, combinando em produtos comercializáveis que podem gerar lucros, por exemplo, e que assumem os riscos inerentes às incertezas dessa atividade.

Além disso, o espírito empreendedor, segundo Drucker (2002), é uma característica distinta, seja de um indivíduo, ou de uma instituição. Não é um traço de personalidade, mas sim um comportamento e suas bases são o conceito e a teoria, e não a intuição.

Como pode ser observado anteriormente, a definição do conceito de empreendedorismo/empreendedor evoluiu com o passar do tempo, juntamente com a complexidade da economia mundial.

Desde sua origem, na Idade Média, quando era usado para definir uma atividade ou ocupação específica, a concepção de empreendedor vem sendo aprimorada e ampliada, passando a envolver questões relacionadas ao ser humano e ao seu comportamento (MINELO; ALVES; SCHERER, 2012).

Os autores acrescentam que a atividade empreendedora, na percepção de Timmons representa uma revolução para o século XXI, de proporções semelhantes, ou até mesmo superiores, àquela provocada pela revolução industrial.

Veit e Gonçalves Filho (2007) afirmam que Schumpeter foi um dos primeiros pensadores a traduzir o sentido de empreendedorismo, quando descreveu a contribuição dos empreendedores como o processo de destruição criativa na formação de riqueza.

Para Hildebrando (2009) esse processo de destruição construtiva consiste na abertura de novos mercados, o que, de certa maneira, ilustra o processo de mutação industrial, destruindo o antigo e criando o novo, revolucionando continuamente a economia.

De acordo com Schumpeter (1961) o impulso fundamental que põe e mantém em funcionamento a máquina capitalista procede dos novos bens de consumo, dos novos métodos de produção ou transporte, dos novos mercados e das novas formas de organização industrial.

Segundo o autor, acerca da importância da introdução de novas mercadorias para o processo capitalista como mecanismo competitivo, vale destacar que uma nova mercadoria pode modificar radicalmente a estrutura dos preços preexistentes e satisfazer uma determinada necessidade a preços mais baixos, por exemplo.

Além disso, cabe ressaltar também, que o melhoramento da qualidade dos produtos constitui um aspecto praticamente geral da evolução das indústrias e empresas individuais (SCHUMPETER, 1961).

Ainda segundo o autor, a criação de uma empresa particular seria impossível se não se soubesse de início que haveria oportunidade de situações favoráveis que, se exploradas produziriam lucros suficientes.

Veit e Gonçalves Filho (2007) declaram ainda, considerando o pensamento de Schumpeter, que a essência do empreendedorismo está na percepção e na exploração de novas oportunidades, e no âmbito dos negócios, na utilização de recursos de maneira inovadora.

Na concepção de Schumpeter (1997) um “empreendimento” relaciona-se à realização de combinações novas; a palavra “empresário” designa os indivíduos cuja função é realizá-las.

Considerando o autor, os “empresários” não são apenas os homens de negócios “independentes”, mas todos aqueles que de fato preenchem tal função, ainda que sejam, empregados “dependentes” de uma companhia, como por exemplo: gerentes, membros da diretoria, etc.

Nesses termos, Schumpeter (1997) afirma que a função do “empresário” é reformar ou revolucionar o sistema de produção por meio da utilização de uma invenção ou de uma nova possibilidade tecnológica para a produção de uma nova mercadoria ou fabricação de uma antiga em forma moderna, possibilitando a abertura de novas fontes de suprimento de materiais, novos canais de distribuição, reorganização da indústria, e assim por diante.

Na concepção de Guedes (2009), considerando a teoria de Schumpeter sobre o empreendedorismo, todas as mudanças importantes partem do empreendedor, por meio da inovação, que muitas vezes contribuem para a substituição de produtos, processos e modelos de negócios, permitindo novas combinações de recursos já existentes, ou seja, o empreendedorismo consiste em fazer inovações e essa atividade inovadora é que possibilita o desenvolvimento econômico e social.

Guimarães (2002) afirma de acordo com o pensamento de Schumpeter, que a mudança é ocasionada por algumas inovações específicas e que acarretam, de maneira agregada, desenvolvimento econômico. Podem ser identificadas pelo seguinte conjunto: a introdução no mercado de um produto até então desconhecido dos consumidores, a implantação de um método novo de produção ou comercialização, abertura de mercados anteriormente inexplorados, aquisição de novas fontes de matérias-primas e criação de uma nova organização em qualquer indústria, entre outros.

Ainda segundo a autora, Schumpeter admitia que o empreendedor tem um papel fundamental no movimento de desenvolvimento econômico, pois é ele o principal ator, senão o único, capaz de propor e introduzir as inovações ou combinações acima citadas, tanto as de caráter tecnológico quanto as de natureza gerencial.

Diante disso, “o empreendedorismo tem uma função importante na criação e no crescimento dos negócios, assim como no desenvolvimento e na prosperidade de

nações e regiões”, ressaltando dessa maneira sua importância. (HISRICH; PETERS; SHEPERHERD, 2014, p. 6).

O Quadro 1 sintetiza a evolução do conceito do empreendedorismo/empreendedor a partir da década de trinta do século XX, até autores contemporâneos.

Ano	Autor	Conceito
1934	Joseph Schumpeter	o empreendedor é um inovador e desenvolve tecnologia que ainda não foi testada.
1961	David McClelland	o empreendedor é alguém dinâmico que corre riscos moderados.
1964	Peter Drucker	o empreendedor maximiza oportunidades.
1975	Albert Shapero	o empreendedor toma iniciativa, organiza alguns mecanismos sociais e econômicos, e aceita riscos de fracasso.
1980	Karl Vésper	o empreendedor é visto de modo diferente por economistas, psicólogos, negociantes e políticos.
1985	Robert Hisrich	o empreendedorismo é o processo de criar algo diferente e com valor, dedicando o tempo e o esforço necessários, assumindo os riscos financeiros, psicológicos e sociais correspondentes e recebendo as consequentes recompensas da satisfação econômica e pessoal.

**Quadro 1** - Evolução do conceito de empreendedorismo/empreendedor  
Fonte: Guedes (2009), adaptado pela autora

Pode-se observar, no Quadro 1, o desenvolvimento do conceito do empreendedorismo ou do empreendedor a partir da década de trinta do século XX, enfatizando o caráter inovador do empreendedor, defendido por Schumpeter; a dinamicidade, elencada por McClelland; a possibilidade de perceber oportunidades como ninguém, ressaltado por Drucker; e a determinação de que o empreendedorismo é um processo de criação e de agregação de valor ao que já existe, transformando o “velho” em “novo”, defendido por Hisrich.

### 2.1.1 Perfil Empreendedor

Para Fillion (2000) o comportamento empreendedor faz parte de um processo total, que comporta várias dimensões da vida e diferentes escolhas, ou seja, ser empreendedor é também saber definir projetos e realizá-los.

Vale ressaltar que as mudanças, essencialmente àquelas provenientes do desenvolvimento tecnológico que vem transformando o modo de vida desta sociedade desde o século passado, permitiram a realização de muitos negócios antes nem imaginados, como por exemplo, a Internet, a telefonia móvel, entre outros.

Diante disso, Dornelas (2005) afirma que existem duas definições de empreendedorismo. A primeira seria o empreendedorismo de oportunidade, em que o empreendedor visionário sabe aonde quer chegar, cria uma empresa com planejamento prévio, tem em mente o crescimento que quer buscar para o negócio e visa a geração de lucros, empregos e riqueza. Este tipo de empreendedorismo está relacionado ao desenvolvimento econômico.

A segunda definição seria o empreendedorismo de necessidade, em que o candidato a empreendedor se aventura na jornada empreendedora por falta de opção, talvez por estar desempregado, aposentado, e não ter alternativas de trabalho (DORNELAS, 2005).

Para o autor (2005), nesse caso, esses negócios costumam ser iniciados informalmente, geralmente, não são planejados de forma adequada e muitos fracassam bastante rápido, não gerando desenvolvimento econômico e agravando as estatísticas de criação e mortalidade dos negócios. Esse tipo de empreendedorismo é mais comum em países em desenvolvimento, como por exemplo, o Brasil.

Para o GEM (2013, p. 4) os empreendedores por necessidade são aqueles que iniciam um empreendimento autônomo por não possuírem melhores opções de ocupação, abrindo um negócio a fim de gerar renda para si e suas famílias. Já os empreendedores por oportunidade são os que identificaram uma chance de negócio e decidiram empreender, mesmo possuindo alternativas de emprego e renda.



Por isso é possível classificar os empreendedores como: empreendedores por opção ou oportunidade e empreendedores por necessidade.

Os primeiros são aqueles que possuem a ambição de realizar alguma “coisa”, são dedicados ao trabalho que efetuam e desejam gerar empregos e contribuir para o melhoramento da sociedade. Já os segundos, são aqueles, que devido à situação atual do mercado de trabalho ou a uma condição particular da sua própria vida são obrigados a traçar seus próprios caminhos profissionais (DORNELAS, 2005).

As oportunidades empreendedoras são situações nas quais novos bens, serviços, matérias-primas e métodos organizacionais podem ser introduzidos e vendidos por um valor maior do que seu custo de produção (HISRICH; PETERS; SHEPERHERD, 2014, p. 6).

Hisrich, Peters e Sheperherd (2014) acrescentam que o empreendedorismo exige ação, uma ação empreendedora por meio da criação de novos produtos/processos e/ou da entrada em novos mercados, que pode ocorrer por meio de uma organização recém-criada ou dentro de uma instituição estabelecida.

Filion (2000) afirma que o que diferencia o empreendedor dos outros agentes da organização é a capacidade de definir visões, projetos que compreendem elementos de inovação e se afastam do que já existe. Ou seja, além de definir visões, uma das particularidades do empreendedor é sua habilidade de gerar relacionamentos, o que exige um bom domínio da comunicação.

<b>Caminhos para empreender</b>	<b>Atividades</b>
Intraempreendedorismo	Inovação, visão e sistemas de suporte dentro da empresa.
Empreendedorismo	Inovação, visão, concepção, projeção e gestão.
Trabalho Autônomo	Gestão de si
Empreendedorismo Social	Implicação social, ação benemérita.

**Quadro 2** – Caminhos para empreender  
Fonte: Filion (2000), adaptado pela autora

Considerando as ideias de Filion (2000) apresentadas no Quadro 2 pode-se notar alguns caminhos para empreender.

De acordo com o autor o empreendedor não está necessariamente relacionado à criação de um novo negócio. O conceito pode ser aplicado às pessoas que trabalham, com carteira assinada, por exemplo, em qualquer organização e que realizam alguma inovação, seja em um produto, serviço ou processo (FILION, 2000).

Para Filion (2000), o empreendedor é uma pessoa que empenha toda a sua energia na inovação e no crescimento, manifestando-se de duas maneiras: criando sua empresa ou desenvolvendo alguma coisa completamente nova.

Com relação ao intraempreendedorismo, Filion (2000) afirma que todo indivíduo pode agir como empreendedor dentro da organização em que trabalha e que não lhe pertence. Para tanto, precisa aprender a conceber visões, a estruturar projetos e a promover a realização de tais projetos, tornando-se assim, um agente de mudanças.

O autor assegura ainda que, cada vez mais, as empresas demandam profissionais com esse perfil, ou seja, os intraempreendedores assumem riscos pelos quais não são remunerados, mas impulsionam o avanço da organização, pois superam os obstáculos e abrem o caminho para novas ideias e iniciativas.

Na concepção de Filion (2000), o empreendedor “empresarial” pode atuar em uma empresa familiar, em uma microempresa, em uma grande organização ou ser um empreendedor autônomo.

De acordo com o autor, além disso, é crescente o número de pessoas que desempenham papel empreendedor nas organizações sem fins lucrativos, seja criando projetos, seja inovando na atividade, seja aportando apoio a uma organização ou programa.

Independente do tipo de empresa que estejam à frente, é possível observar, ainda conforme Filion (2000), que o empreendedor não é um seguidor, mas um criador de caminhos, por isso é tão importante que ele esteja atento e permanentemente de “olho” nos acontecimentos para traçar diretrizes e corrigir o rumo dos negócios para chegar ao sucesso e para desempenhar o papel que pretende legar à sociedade em que está inserido.

Até alguns anos atrás, acreditava-se que o empreendedor era inato, que nascia com um diferencial e era predestinado ao sucesso nos negócios. Dessa forma, as pessoas sem características empreendedoras eram desencorajadas a empreender (DORNELAS, 2005 p. 40).

Empreendedores inatos, como Bill Gates, o criador da Microsoft, por exemplo, continuam e continuarão existindo, e sempre serão referências de sucesso, mas muitos outros podem ser capacitados para a criação de empresas duradouras.

Atualmente, o processo empreendedor pode ser ensinado e entendido por qualquer pessoa e que o sucesso é decorrente de uma gama de fatores internos e externos ao negócio. Está relacionado também ao perfil do empreendedor e de como ele administra as adversidades que encontra no dia-a-dia.

Um bom exemplo disso é apresentado por Drucker (2002) ao abordar a recusa de Thomas Edison em aceitar que o sucesso não dependia exclusivamente da sua genialidade empreendedora. O que se sabe é que o maior inventor do século XIX tinha a ambição de ser um homem de negócios bem sucedido e o diretor de uma grande empresa.

A verdade é que tinha tudo para isso, pois era um excelente planejador empresarial, sabia exatamente como uma empresa geradora de energia elétrica devia ser constituída para explorar sua invenção, a lâmpada incandescente. Sabia também como conseguir todo o dinheiro de que pudesse precisar para seus empreendimentos, seus produtos eram sucessos instantâneos e a demanda era praticamente insaciável (DRUCKER, 2002).

Ainda segundo Drucker (2002) o grande problema foi que Edison continuou sendo um empreendedor, ou melhor, ele pensava que “administrar” significava ser chefe. Recusava-se a montar uma equipe de administração competente. E assim, cada uma de suas empresas entrava em vertiginosa derrocada assim que atingia o porte médio, e eram salvas somente com a substituição de Edison por um administrador profissional.

Por isso, o estudo e a formação para o empreendedorismo têm se tornado cada vez mais importante, considerando que abrir uma empresa, ou empreendedorismo empresarial, é uma das infundáveis formas de empreender. Podem ser empreendedores também o pesquisador, o funcionário público, o

empregado de uma multinacional, os políticos, os governantes, os artistas, os escritores, etc.

Hisrich, Peters e Shepherd (2009) apresentam outros aspectos que podem contribuir para o entendimento do conceito de empreendedor são: o empresarial, relatando a propensão dos empreendedores em assumir riscos, sejam eles financeiros, sociais ou psicológicos; o administrativo, abordando os sentimentos de independência, a necessidade de realização, de ter seu próprio negócio e ser reconhecido por tal; e o pessoal, representando o potencial que o empreendedor tem com relação ao controle em sua vida pessoal.

Vale ressaltar que empreendedores como Bill Gates, Thomas Edison, entre outros, são reconhecidos como revolucionários por possuírem a capacidade de criar novos mercados, algo único. No entanto, a maioria dos empreendedores cria negócios em mercados já existentes, não deixando de ser bem sucedidos por isso.

Na percepção de Guedes (2009) na maioria das definições de empreendedor estão presentes os seguintes elementos: inovação, disposição para correr riscos, identificação de oportunidade, combinação e utilização dos recursos disponíveis. Contudo, pode-se entender por empreendedor, aquele que está atento às oportunidades e sabe identificá-las, assume riscos e transforma oportunidades em resultados, criando novas empresas, produtos, processos ou serviços.

Para Viramgami (2007) as principais qualidades que os empreendedores podem apresentar são:

- Inteligência: é preciso aplicar os conhecimentos para analisar um problema e encontrar soluções;
- Pensamento criativo: o empreendedor necessita desenvolver o pensamento criativo para que tenha capacidade de converter ideias em produtos, processos, inovações ou negócios que possam ser implementados;
  - Liderança: para encorajar e dirigir pessoas;
  - Eficiência gerencial;
- Iniciativa: é um requisito básico para os empreendedores de sucesso. O grau de iniciativa pode favorecer a abertura de negócios, além de possibilitar a identificação e avaliação de oportunidades antes da concorrência.
  - Capacidade de assumir riscos;
  - Flexibilidade;

- Conhecimento Técnico: saber fazer, executar;
- Comunicação: é necessário desenvolver habilidades que permitam que a comunicação favoreça o sucesso do negócio, seja com relação aos empregados, fornecedores, comunidade, entre outros.

De acordo com Dornelas (2005) as habilidades requeridas a um empreendedor de sucesso podem ser classificadas em três áreas: técnicas, gerenciais e características pessoais.

As habilidades técnicas envolvem saber escrever, saber ouvir as pessoas e captar informações, ser um bom orador, ser organizado, saber lidar e trabalhar em equipe e possuir conhecimento técnico na sua área de atuação, entre outras (DORNELAS, 2005).

As habilidades gerenciais, por sua vez, incluem as áreas envolvidas na criação, desenvolvimento e gerenciamento de uma nova empresa, tais como: marketing, administração, finanças, operacional, produção, tomada de decisão, controle das ações da empresa, negociação, etc (DORNELAS, 2005).

Percebe-se ainda, conforme Dornelas (2005) e Fillion (2000), que o empreendedor de sucesso possui características extras, além dos atributos do administrador, que somadas às características sociológicas e ambientais, permitem o nascimento de uma nova empresa que possivelmente poderá obter êxito, características estas que podem ser observadas a seguir:

- São visionários, tem visão (projeção) de como será o futuro para o seu negócio e sua vida;
- Sabem tomar decisões, ou seja, não se sentem inseguros, principalmente, nos momentos de adversidade. Além disso, implementam suas ações rapidamente;
- Tem iniciativa, autonomia, autoconfiança, otimismo, necessidade de realização;
- São perseverantes;
- Consideram o fracasso um resultado como outro qualquer; aprendem com os resultados negativos e com os próprios erros;
- São indivíduos que fazem a diferença transformando o que é possível em realidade e agregando valor aos produtos e serviços que colocam no mercado;
- Sabem explorar ao máximo as oportunidades;

- São determinados, dinâmicos e comprometidos, ou seja, vencem as adversidades, ultrapassam os obstáculos, com uma vontade única de “fazer acontecer”;
- São dedicados, comprometem o relacionamento com os amigos, com a família e até mesmo com a própria saúde; são trabalhadores exemplares, incansáveis e inteiramente dedicados ao negócio;
- São otimistas e “apaixonados” pelo que fazem;
- São independentes e constroem o próprio destino, querem criar algo novo, determinar os próprios passos, abrir os próprios caminhos, ser o próprio patrão e gerar empregos;
- Ficam ricos, embora este não seja o principal objetivo, mesmo porque, os empreendedores de sucesso acreditam que o dinheiro é consequência do trabalho e do sucesso dos negócios;
- São líderes e formadores de equipes, são respeitados e adorados por seus funcionários, pois sabem valorizá-los, estimulá-los e recompensá-los. Sabem bem que, para obter êxito e sucesso, dependem de uma equipe de profissionais competentes e que sozinhos não vão a lugar nenhum;
- São bem relacionados e organizados;
- São excelentes planejadores;
- Possuem conhecimento, pois sabem que quanto maior o domínio sobre um ramo de negócio, maior é sua chance de êxito. Esse conhecimento pode vir da experiência prática, de informações obtidas em cursos, publicações especializadas, etc;
- Assumem riscos calculados;
- Criam valor para a sociedade, através da geração de empregos, dinamizando a economia, usando sua criatividade e inovação na busca de melhores soluções para melhorar a vida das pessoas;
- Acumulam habilidades relevantes, experiências e contatos com o passar dos anos;
- Conhecem muito bem o ramo em que atuam, e
- Mantém alto nível de consciência do ambiente em que vivem, usando-a para detectar oportunidades de negócios.

Ainda assim, cabe ressaltar que na concepção de Dornelas (2005), uma das características pessoais mais marcantes em empreendedores que optam por abrir seu próprio negócio e que são bem sucedidos, é a “paixão” pelo que fazem. Depois disso vem a motivação, o empenho, a doação de tempo e por último, encontra-se a preocupação com o lucro que virá deste empreendimento, principalmente, porque, em geral, os empresários de sucesso acreditam que o dinheiro é consequência de um trabalho bem realizado.

## **2.2 EMPREENDEDORISMO NO BRASIL**

A discussão sobre empreendedorismo no Brasil, alerta Guedes (2009), é uma questão recente se comparada ao histórico do empreendedorismo no mundo. A evolução do tema é identificada através da fundação de entidades de apoio ao empreendedorismo e da instituição de cursos voltados para a pesquisa do empreendedorismo e a formação do empreendedor.

Dornelas (2005) afirma que o movimento do empreendedorismo no Brasil começou a tomar forma nos anos 1990, quando entidades como o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE e a Sociedade Brasileira para Exportação de Software - SOFTEX foram criadas.

Antes disso, praticamente não se falava em empreendedorismo e em criação de novas empresas porque, segundo o SEBRAE, os ambientes político e econômico do país não eram propícios, e o empreendedor dificilmente encontrava informações para auxiliá-lo na jornada empreendedora.

Vale ressaltar, conforme o autor (2005), que o SEBRAE é um dos órgãos mais conhecidos do pequeno empresário brasileiro, que busca junto a essa entidade todo suporte de que precisa para iniciar sua empresa, bem como consultorias para resolver problemas vivenciados no dia-a-dia de seu próprio negócio.

O histórico da SOFTEX pode ser confundido com o histórico do empreendedorismo no Brasil. A entidade foi criada com o intuito de levar as

empresas de software do país ao mercado externo, por meio de várias ações que proporcionavam ao empresário de informática a capacitação em gestão e tecnologia.

Foi com os programas criados no âmbito da SOFTEX em todo o país, junto às incubadoras de empresas e às Universidades, em especial nos Cursos de Ciências da Computação e Informática, que o tema empreendedorismo começou a despertar na sociedade brasileira (DORNELAS, 2005).

De acordo com a pesquisa realizada pelo GEM (2013), em parceria com o Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade - IBQP e o Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios da Fundação Getúlio Vargas - FGV, 40 milhões de brasileiros estão envolvidos em atividades empreendedoras.

A pesquisa, em 2013, foi realizada em 68 países, com cobertura de 75% da população mundial e 89% do Produto Interno Bruto - PIB global.

No Brasil, em 2013, a população economicamente ativa, correspondente à faixa etária de 18 a 64 anos, foi estimada em 123 milhões de indivíduos (GEM, 2013).

Segundo a pesquisa GEM (2013), desse montante, cerca de 21 milhões de brasileiros, ou seja, 17,3% são considerados empreendedores iniciais, o que coloca o Brasil na 17ª posição no ranking mundial do empreendedorismo, e algo em torno de 19 milhões de indivíduos, o que equivale a 15,4% estão classificados como empreendedores estabelecidos, posicionando, neste quesito, o país no 8º lugar no ranking do GEM.

Ainda de acordo com o GEM (2013), tais percentuais são superiores à média mundial de 7,9% e 6,7%, para empreendedores iniciais e estabelecidos, respectivamente, o que enfatiza a grande capacidade empreendedora do Brasil.

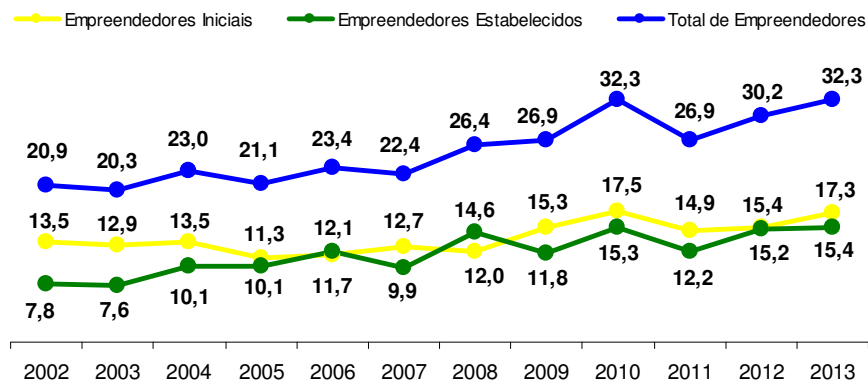
Os empreendedores nascentes estão envolvidos na estruturação de um negócio do qual são proprietários, mas que ainda não pagou salários, *pro-labores* ou qualquer outra forma de remuneração aos proprietários por mais de três meses. Já os empreendedores novos administram e são proprietários de um novo negócio que pagou salários, gerou *pro-labores* ou qualquer outra forma de remuneração aos proprietários por mais de três e menos de 42 meses. Esses dois tipos de empreendedores são considerados empreendedores iniciais ou em estágio inicial. Os empreendedores estabelecidos administram e são proprietários de um negócio tido como consolidado, que pagou salários, gerou *pro-labores* ou qualquer outra forma de remuneração aos proprietários por mais de 42 meses (GEM, 2013, p. 4).



Vale ressaltar que na metodologia da pesquisa GEM (2013) os empreendedores são classificados como iniciais (nascentes e novos) e estabelecidos.

Segundo o estudo, e observando o Gráfico 1, a Taxa Total de Empreendedores ou Taxa Total de Empreendedorismo - TTE pesquisada no Brasil, em 2013, é de 32,3%, expressivamente superior à média do conjunto de países onde o GEM é realizado (20,6%).

Isso significa que, no Brasil, no ato da pesquisa, 32,3%, ou seja, cerca de 40 milhões de brasileiros de 18 a 64 anos se encontravam envolvidos em alguma atividade empreendedora (GEM, 2013).



**Gráfico 1** - Evolução da Atividade Empreendedora no Brasil, 2002-2013.  
Fonte: GEM 2013 (adaptado pela autora)

Conforme o estudo, esta evolução é compatível com a economia brasileira no período, ou seja, o PIB cresceu em média cerca de 4%, em grande parte com base na expansão do mercado interno, o que abriu espaço para as atividades empreendedoras dos mais diversos tipos, simultaneamente à forte expansão do emprego assalariado formal.

“Mas, o que significa ficar em primeiro, sexto ou vigésimo lugar nesse ranking? A criação de empresas por si só não leva ao desenvolvimento econômico, a não ser que esses negócios estejam focando oportunidades no mercado” (DORNELAS, 2005 p. 28).

A motivação para iniciar uma atividade empreendedora é um dos temas relevantes para a pesquisa GEM (2013), principalmente para se conhecer melhor a natureza do empreendedorismo em países em desenvolvimento.

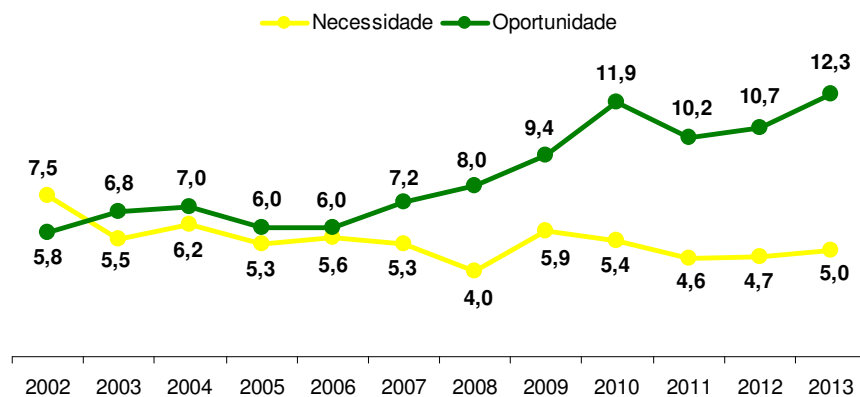
A taxa de empreendedorismo por oportunidade reflete o “lado positivo” da atividade empreendedora nos países. Essa porção de empreendedores é aquela que iniciou sua atividade para melhorar sua condição de vida ao observar uma oportunidade para empreender.

Por sua vez, a taxa de empreendedorismo por necessidade reflete muito mais a busca de alternativas que possibilitem aos indivíduos sua subsistência, e exatamente por este motivo é mais visualizado em países que ainda se encontram em estágio de desenvolvimento econômico e, principalmente, social.

De acordo com a pesquisa GEM (2013), países mais desenvolvidos, como a Dinamarca, por exemplo, apresentam taxas baixas de empreendedorismo, mas este se caracteriza por ser fortemente por oportunidade, ou seja, existem aproximadamente 13 empresários por oportunidade para cada empreendedor por necessidade.

Com base no relatório executivo da edição do GEM (2013) sobre a atividade empreendedora, a cada 100 brasileiros que iniciam um negócio, 71 são motivados pela oportunidade, e não pela necessidade, como era mais comum antigamente. A pesquisa ressalta que esse é o melhor índice já registrado desde o início do levantamento, há 11 anos.

Em 2002, por exemplo, conforme o GEM (2013), apenas 42% das pessoas iniciavam um negócio por identificar uma demanda no mercado, enquanto os demais tinham o empreendedorismo como única opção, por não encontrar alternativas no mercado de trabalho.



**Gráfico 2** - Evolução da taxa dos empreendedores iniciais (TEA) por oportunidade e necessidade – Brasil, 2002-2013

Fonte: GEM 2012 (adaptado pela autora)

Para demonstrar, o Gráfico 2 apresenta a evolução da TEA por oportunidade e necessidade no Brasil, no período de 2002 a 2013.

Nesse contexto, considerando o Brasil, é importante mencionar que, desde o início da participação na pesquisa GEM em 2002, uma das características que mais apresentou alterações ao longo desses últimos 11 anos foi o empreendedorismo por oportunidade em relação ao empreendedorismo por necessidade.

Como pode ser observado no Gráfico 2, em 2002, a taxa dos empreendedores iniciais por necessidade (7,5%) era superior à taxa por oportunidade (5,8%). Entre 2003 e 2006, a taxa de empreendedorismo por oportunidade superou a do empreendedorismo por necessidade, embora os valores estivessem ainda bem próximos. A partir de 2007, há um “descolamento”, de forma que, em 2013, a taxa de empreendedores iniciais por oportunidade chega a ser 2,4 vezes superior à por necessidade, correspondendo à maior diferença entre essas taxas desde 2002.

De acordo com Filion (2000) os segmentos de empreendedores com potencial de inovação merecem um olhar atento para as suas potencialidades, na busca de disponibilizar todas as informações técnicas e mercadológicas necessárias, fomentar a colaboração e as parcerias entre os produtores e dos produtores com fornecedores e clientes, incentivar as aglomerações de empresas, criar programas de melhorias de qualidade e produtividade e ampliar as possibilidades do mercado nacional e internacional por meio de estímulo as feiras, viagens internacionais e visita de técnicos especializados.

Filion (2000) ainda afirma que as políticas voltadas para os empreendedores inovadores devem estar vinculadas à formação de incubadoras tecnológicas, ao aprofundamento da relação universidade-empresa, à criação de laboratórios de pesquisa, à formação de pesquisadores e grupos de pesquisa e ao financiamento do capital de risco, entre outras ações.

Diante da reflexão do autor, e considerando a pesquisa GEM (2013), é preciso destacar que mais de 97% dos empreendimentos iniciais no Brasil ofertam produtos e/ou serviços já existentes, ou seja, falta inovação.

Além disso, é possível observar que 63%, ou seja, a maioria dos empreendedores iniciais investe em segmentos com a existência de muitos concorrentes. Outro ponto de destaque é a orientação dos negócios para o mercado

interno. Mais de 98% dos empreendimentos iniciais no país não possui nenhum cliente no exterior (GEM, 2013).

No que tange a configuração desses negócios, de acordo com o GEM (2013), 66,1% não possuem empregados; 17,8% tem um empregado e 8,9% dois empregados.

Quanto à perspectiva de geração de empregos nos próximos cinco anos prevalecem àqueles empreendimentos que afirmam não ter expectativa de gerar qualquer emprego (76,5%). A pretensão de criar cinco ou mais empregos se restringe a 8,3% dos empreendimentos iniciais (GEM, 2013).

A tecnologia ou processo utilizado em 99,5% desses empreendimentos tem mais de cinco anos. Quanto ao faturamento, 67,1% dos empreendimentos iniciais brasileiros estão concentrados na faixa de até R\$ 60 mil reais. No geral, essas informações indicam que os empreendimentos iniciais no Brasil se concentram em atividades de baixo conteúdo tecnológico, com pequenas barreiras de entrada, voltadas para o mercado interno e geridas pelo próprio proprietário (GEM, 2013).

Considerando os empreendedores estabelecidos, para o GEM (2013), a situação não é muito distinta. O percentual de empreendedores que afirmam a falta de novidade dos produtos ou serviços criados está acima de 98% e 98,9% responderam que não possuem consumidores no exterior.

Além disso, a existência de muitos concorrentes é mencionada por 70% desses empreendedores. Apesar de estabelecidos há mais de 42 meses, 66,3% afirmam não ter nenhum empregado. Sobre a criação de empregos nos próximos cinco anos, 55,5% mencionam não ter expectativas, embora mereça destaque que 13,2% dos empreendedores estabelecidos pretendem criar cinco ou mais empregos (GEM, 2013).

A pesquisa ressalta ainda que as características recentes da economia brasileira, centrada no aumento do consumo de massa e no mercado interno, favorecem o aumento na quantidade dos empreendimentos, porém esses se caracterizam como sendo pouco inovadores, em atividades econômicas com pequenas barreiras de entrada e com baixa inserção internacional, particularmente de serviços (GEM, 2013, p. 14).

Ainda de acordo com o relatório GEM (2013) quase a totalidade desses empreendedores, ou seja, 99,9% afirmam que a tecnologia utilizada tem mais de cinco anos.

Considerando a definição de empreendedorismo por oportunidade, defendida por Dornelas (2005) de que o empreendedor por oportunidade é caracterizado por ser visionário, saber aonde quer chegar, criar uma empresa com planejamento prévio, ter em mente o crescimento que quer buscar para o negócio e visar à geração de lucros, empregos e riqueza; é oportuno favorecer a educação empreendedora no país.

Até porque, com base nos dados da pesquisa GEM (2013), nota-se que, embora os índices de empreendedorismo por oportunidade no Brasil estejam elevados, a maior parte desses negócios são pouco inovadores, voltados exclusivamente ao mercado nacional e não aspiram à criação de novos postos de trabalho, confrontando a ideia de que o empreendedorismo tem uma função importante no crescimento e na prosperidade de nações e regiões, como observado por Hisrich, Peters e Sheperherd (2014).

Reforçando a ideia da relevância da educação empreendedora para a formação de empreendedores que, de fato, possam contribuir para o desenvolvimento do país, a pesquisa GEM (2013) ressalta que os empreendedores brasileiros com maiores proporções de empreendimentos por oportunidade apresentam mais alto grau de escolaridade.

Além disso, conforme o GEM (2013) percebe-se outro dado que reforça a ascensão do empreendedorismo no Brasil, ou seja, a pesquisa revela que empreender ou possuir um negócio próprio (34,6%) é um dos três principais sonhos do brasileiro, superado apenas pelo sonho de comprar a casa própria (45,2%) e de viajar pelo Brasil (42,5%). Verifica-se que ter uma carreira em uma empresa, por exemplo, vem em oitavo lugar entre os desejos dos entrevistados.

Considerando a faixa etária, verifica-se que 33,1% encontram-se entre 25 a 34 anos; e aproximadamente 51% apresenta níveis de escolaridade menor que segundo grau completo (GEM, 2013).

A pesquisa GEM (2013) ressalta ainda que a maioria dos empreendedores iniciais brasileiros, aproximadamente 77%, provem de famílias com até quatro pessoas. Com relação à renda, nota-se que 61,6% recebem menos de três salários mínimos.

Já entre os empreendedores estabelecidos, assim como os empreendedores iniciais, apresentam grau de escolaridade inferior ao segundo grau completo; e grande parte também provem de famílias com até quatro pessoas, e com faixa de renda inferior a três salários mínimos. Diferentemente dos empreendedores iniciais, os estabelecidos predominam na faixa etária que vai dos 45 aos 54 anos de idade (GEM, 2013).

Vale ressaltar ainda que embora, de acordo com Amaral, Olenike e Amaral (2013) o Índice de Mortalidade das Empresas Brasileiras venha caindo a cada década, como mostra o Empresômetro - Perfil Empresarial Brasileiro 2013, censo realizado pelo IBPT, cerca de 15% dos empreendimentos morre no primeiro ano de vida; 42% desaparece entre um e cinco anos de existência e até 14 anos de vida, mais de 75% das empresas encerram suas atividades.

Mesmo com os índices em queda, o elevado número de empresas que encerram suas atividades ainda é uma grande preocupação. Considerando que os empreendedores motivados por oportunidade tem maior impacto sobre o crescimento econômico de um país, porque “teoricamente” estão mais bem preparados, desenvolvem mais negócios baseados em inovações e novas tecnologias, a educação empreendedora tem a função de motivar, contribuir e apoiar as iniciativas dos empreendedores, favorecendo o desenvolvimento econômico e social do país.

### **2.3 EMPREENDEDORISMO: UMA OPÇÃO DE CARREIRA**

Para Minelo, Alves e Scherer (2012) as transformações econômicas e tecnológicas recentes parecem ter impactado de maneira singular a identidade do indivíduo, influenciando o surgimento de novas características na forma de trabalho humano.

Segundo os autores, rupturas e transições nas carreiras dos profissionais, competitividade exacerbada, exigência de velocidade no tempo de resposta dos indivíduos e das organizações face às mudanças, capacidade perceptiva aguçada

frente a situações adversas, são alguns dos elementos que parecem caracterizar o momento atual em que a administração da própria subjetividade constitui-se em uma competência requerida pelos indivíduos que atuam nas organizações, e pelos empreendedores, principalmente estes, pois necessitam até mais que os primeiros, adaptar-se de forma contínua às adversidades do ambiente.

A maioria das pessoas com 40, 50 anos de idade contam ter planejado sua carreira e sua vida para um mundo que, repentinamente, desmoronou. Quando eram jovens, preparar-se para o futuro consistia em estudar para fazer carreira em uma grande organização ou no funcionalismo público e manter-se no emprego até a aposentadoria, sem ter que pensar sobre as tendências do ambiente. Hoje, aposentados ou atirados ao mercado pela reengenharia das empresas, dizem que a melhor carreira é a que prepara as pessoas para se lançar nos negócios por sua conta e risco. (FILION, 2000 p.17).

Há cerca de 15 anos era considerado insensato um jovem recém formado aventurar-se na criação de um negócio próprio, pois os empregos oferecidos pelas grandes empresas nacionais e multinacionais, bem como a estabilidade que se conseguia nos empregos em repartições públicas, eram muito convidativos, com bons salários, status e possibilidades de crescimento dentro das organizações (DORNELAS, 2005).

Considerando que o Brasil, de acordo com o GEM (2013), é um país com alta capacidade empreendedora.

Considerando ainda, as mudanças nas relações de trabalho, pode-se dizer que [...] “há muitos motivos que levam as pessoas a almejam ter seu próprio negócio e a estarem dispostas a assumir os papéis e os riscos de um novo empreendimento” (DEGEN, 2009, p. 10). Dentre os motivos mais comuns destacam-se:

- Vontade de ganhar muito dinheiro, mais do que seria possível na condição de empregado;
- Desejo de sair da rotina do emprego e levar suas próprias ideias adiante;
- Vontade de determinar seu futuro e não dar satisfação a ninguém sobre seus atos;

- Necessidade de provar a si e aos outros que é capaz de realizar um empreendimento, e
- Desejo de desenvolver algo que traga reconhecimento e benefícios, não só para si, mas para a sociedade.

“Na maioria dos casos, os motivos que levam um empreendedor a iniciar seu negócio são uma ponderação dos descritos acima, acrescidos de alguns motivos particulares” (DEGEN, 2009, p. 11).

Diante desse contexto, pode-se começar a discutir o empreendedorismo como uma opção de carreira e não apenas, como uma alternativa ao desemprego, ou à aposentadoria, por exemplo.

De acordo com Chanlat (1995, p. 68), “a noção de carreira é uma ideia historicamente recente, aparecendo no decorrer do século XIX”. Segundo o autor, a palavra carreira quer dizer: “um ofício, uma profissão que apresenta etapas, uma progressão”.

“Na língua inglesa, a palavra correspondia originalmente a estrada para carruagens; e a partir do século XIX, foi utilizada no âmbito do trabalho, passando a designar um canal para as atividades econômicas de alguém durante a vida inteira” (ABRAHIM; MATTOS; BOULHOSA, 2009, p. 03).

Já Bendassoli (2009) afirma que o conceito de carreira possui uma ambiguidade ligada ao fato de colecionar uma ampla diversidade de definições, ou seja, carreira pode significar, ao mesmo tempo, emprego assalariado ou atividade não remunerada; pertencimento a um grupo profissional ou a manifestação de um artista; vocação (algo que alguém faz com alto nível de comprometimento afetivo) ou ocupação (algo que alguém faz por necessidade ou obrigação); posição em uma organização (associada a passagem por diversos cargos na hierarquia institucional) ou trajetória de um indivíduo que trabalha por conta própria; ou ainda, um roteiro pessoal para a realização dos próprios desejos.

Para Guedes (2009) o conceito de carreira comporta um conjunto de comportamentos, experiências, eventos e movimentos relacionados ao trabalho de uma pessoa ao longo do tempo.

Diante disso, e de acordo com o Quadro 3, Chanlat (1995) afirma que nas sociedades industrializadas, as carreiras podem ser agrupadas em dois grandes modelos. O primeiro corresponde àquele que tem sido o dominante. O segundo



descreve aquele que emerge a partir de meados dos anos setenta do século passado.

<b>O Modelo Tradicional</b>	<b>O Modelo Moderno</b>
um homem	um homem e/ou uma mulher
* pertencente aos grupos socialmente dominantes	* pertencente a grupos sociais variados
* estabilidade	* instabilidade
* progressão linear vertical	* progressão descontínua vertical e horizontal

**Quadro 3** - Os modelos de carreira  
Fonte: Chanlat (1995), adaptado pela autora

Ainda de acordo com Chanlat (1995), no primeiro modelo, tradicionalmente, a carreira é desenvolvida por um homem, pertencente aos grupos socialmente dominantes. Ela é marcada por estabilidade e uma progressão linear vertical, é ainda hoje presente, como por exemplo, em países como o Japão, entre outros.

Contudo, a partir dos anos setenta do século XX, segundo o autor, surge um outro modelo, menos tradicional, resultante das mudanças sociais no decorrer dos últimos cinquenta anos, tais como: a feminização do mercado de trabalho; a elevação dos graus de instrução; a globalização da economia; a flexibilização do trabalho, entre outros fatores.

Para Chanlat (1995) as carreiras são menos estáveis e menos lineares do que antes, em decorrência, especialmente, da chegada “maciça” das mulheres no mercado de trabalho, das mudanças tecnológicas e da reestruturação da economia que tem introduzido uma variedade de comportamentos antes desconhecidos, favorecendo alguns tipos distintos de carreira, expostos no Quadro 4.

Considerando o Quadro 4, a carreira do tipo empreendedora é caracterizada pela capacidade de criação e inovação. Com relação ao elemento central de ascensão na carreira, nota-se a criação de novos valores, novos produtos e/ou serviços.

Em geral, essas carreiras se desenvolvem em pequenas e médias empresas. Os limites da carreira empreendedora estão atrelados à capacidade pessoal e às exigências do mercado. Os tipos de sociedade na qual se observam maiores índices de empreendedores são àquelas que valorizam a iniciativa individual, representado por países como os Estados Unidos, por exemplo.

<b>Tipos de Carreira</b>	<b>Recursos Principais</b>	<b>Elemento Central de Ascensão</b>	<b>Tipos de Organização</b>	<b>Limites</b>	<b>Tipo de Sociedades</b>
<b>Burocrática</b>	Posição Hierárquica	Avanço de uma posição hierárquica à outra	Organizações de grande porte	O número de escalões existentes	Sociedade de empregos
<b>Profissional</b>	Saber e Reputação	Profissão, Perícia, Habilidades Profissionais	Organizações de peritos, Burocracia Profissional	O nível de perícia e de reparação	Sociedade de peritos
<b>Empreendedora</b>	Capacidade de Criação e Inovação	Criação de novos valores, de novos produtos e serviços	Pequenas e médias empresas. Empresas artesanais, culturais, comunitárias e de caridade	A capacidade pessoal. As exigências externas	Sociedade que valoriza a iniciativa individual
<b>Sociopolítica</b>	Habilidades Sociais, Capital de Relações	Conhecimento, Relações, Parentesco (Rede Social)	Familiar, Comunitária de Clãs	O número de relações conhecidas e ativas	Sociedade de clãs

**Quadro 4** - Descrição dos tipos de carreira  
Fonte: Chanlat (1995), adaptada pela autora

Verifica-se que a carreira do tipo empreendedora, na maioria das vezes, está ligada às atividades de uma empresa independente, traçadas por uma pessoa. O sucesso passa a ser resultado do talento, do trabalho de um indivíduo, e não mais fruto do nascimento.

No século XX, a carreira do tipo empreendedora, foi largamente substituída pelos dois tipos de carreira precedentes, a burocrática e a profissional. A complexidade dos problemas, a concentração das empresas, a expansão do Estado relegaram esta carreira ao segundo plano (CHANLAT, 1995).

Ainda conforme o autor, há alguns anos, a carreira de empreendedor, após ter sido eclipsada pela expansão das grandes organizações, parece ressurgir de maneira interessante.

Fatores como as dificuldades do setor público, o elevado número de dispensas em certos segmentos industriais, a concorrência internacional parecem ter empurrado, por sua vez, os governos, as empresas e as sociedades para valorizarem novamente este tipo de atividade profissional.

Diante disso e considerando a pesquisa GEM (2012), é preciso ressaltar que a maioria dos brasileiros considera o início de um novo negócio uma opção

desejável de carreira, ou seja, a população brasileira tem uma percepção bastante favorável à atividade empreendedora.

Em 2013, mais de 80% dos entrevistados no Brasil consideravam que abrir um negócio é uma opção desejável de carreira. Tal constatação coloca o Brasil na sexta posição no *ranking* global da pesquisa, neste quesito (GEM, 2013).

Ainda de acordo com a pesquisa GEM (2013), elencando os principais sonhos dos brasileiros, nota-se que prioritariamente, 45,2% da população brasileira sonha adquirir a casa própria. Na sequência observa-se que 42,5% almejam viajar pelo Brasil. Na terceira posição encontra-se o desejo de possuir um negócio próprio, ou seja, quase 35% dos brasileiros anseiam empreender.

Considerando ainda a pesquisa em 2013, o percentual de pessoas que almejam empreender supera os 24,7% de brasileiros que desejam ter uma carreira em uma empresa, por exemplo.

Para o GEM (2012), a diferença evidencia uma relevante aptidão da população brasileira em relação à atividade empreendedora. Observa-se ainda, que a atividade empreendedora como carreira é fundamental para o desenvolvimento do empreendedorismo; no entanto, é importante ressaltar que essa opção deve estar, sempre que possível, relacionada ao empreendedorismo por oportunidade.

Vale destacar, como já constatado por dados da pesquisa GEM (2013), que há uma elevação nos índices de empreendedorismo por oportunidade no país, na razão de 2,3 (2012) para 2,4 (2013), por exemplo.

De acordo com Chanlat (1995) observa-se que diante da diversidade de opções profissionais associadas ao novo conceito de carreira, a carreira empreendedora está focada no indivíduo, na possibilidade de sucesso, baseada em talentos e capacidades individuais e tem como elemento central de ascensão a criação de novos valores, produtos e serviços.

Isto, no entanto, não é impedimento para que cada vez mais, o desenvolvimento do espírito empreendedor e as características associadas a ele, tais como: criatividade, inovação, gosto pelo risco, independência, entre outras, sejam alimentadas nos cargos executivos e não-executivos das grandes empresas para melhorar o desempenho destas organizações.

A carreira de empreendedor oferece, em caso de sucesso, recompensas materiais mais elevadas e, em certos casos, bem consideráveis. Basta pensar em todos estes empreendedores que partiram do nada e ficaram bilionários. Tal êxito

não será jamais alcançado por um burocrata ou por um profissional de alto nível, a menos que, bem entendido, ele próprio se transforme em um empreendedor (GUEDES, 2009).

Em termos de idade cronológica, a maior parte dos empreendedores inicia sua carreira entre 22 e 45 anos (HIRISCH; PETERS; SHEPHERD, 2014).

Diante disso, vale destacar que, na visão de Fillion (2000), em geral, os estudantes universitários não pensam que um emprego “tradicional” permitirá a realização de todo o seu potencial.

Os recém-diplomados exigem cada vez mais espaço para empreender, ou seja, não desejam uma vida limitada à mesmice. Segundo Fillion (2000) se não se tornarem empreendedores do próprio negócio, podem atuar como intraempreendedores.

Para o autor, as pessoas serão chamadas cada vez mais a desempenhar papéis empreendedores, ou seja, na sua percepção, aquele que desejar manter seu emprego e a competitividade de sua empresa, como proprietário ou não, não poderá esperar que alguém lhe mostre o caminho a seguir, e que diga o que deve ser feito; pelo contrário, terá que agir como “dono” do próprio negócio, compreendendo o “mundo” e a cultura empreendedora.

### **2.3.1 O Negócio Próprio**

De acordo com Bulgacov (2006) a estrutura de negócios no mundo, nas últimas décadas, vem se transformando. O perfil das empresas já não é mais o mesmo. O emprego, como troca de prestação de serviços por algum tipo de remuneração, está perdendo seu espaço para outras formas de parceria.

Os mercados mudam cada vez mais rapidamente e, para atender às suas necessidades, as organizações, por uma questão de sobrevivência, devem ser cada vez mais ágeis, no sentido de antecipar-se às mudanças e estar à frente da concorrência.

Além disso, a forma como os profissionais se preparam para entrar no mercado de trabalho também vem sofrendo alterações. No âmbito escolar e universitário, incentivava-se, até pouco tempo atrás, os alunos a se prepararem para trabalhar em grandes organizações, como um bem sucedido executivo em uma multinacional ou exercendo um cargo em uma Instituição Pública (DRUCKER, 2002).

Diante disso, Bulgacov (2006) afirma que o empreendedorismo, gradativamente, vem se firmando como uma grande possibilidade de opção profissional, junto à atuação dos profissionais em grandes organizações e na área pública.

De acordo com Amaral, Olenike e Amaral (2013) a cada cinco minutos um empreendimento é iniciado no país.

Considerando os dados do IBPT (2013), no Brasil existem aproximadamente 16 milhões de empresas ativas, sendo 14,5 milhões de empresas, equivalente a 91% dos empreendimentos do país e cerca de 1,5 milhões de entidades públicas e privadas, correspondendo a 9% do total de negócios existentes no Brasil (AMARAL; OLENIKE; AMARAL, 2013).

Contudo, vale ressaltar que os empreendimentos brasileiros têm em média 8,8 anos e menos de 2% dos negócios têm mais de quarenta anos de existência.

Diante disso, e segundo o último levantamento realizado pelo SEBRAE (2010) verifica-se que 27% das empresas fecham no primeiro ano, 38% encerram suas atividades até o segundo ano, 46% fecham antes do terceiro ano, 50% não concluem o quarto ano, 62% fecham até o quinto ano e 64% encerram suas atividades antes de completar seis anos de existência.

Pode-se considerar, de acordo com o SEBRAE (2010), algumas das principais causas que levam ao fechamento das empresas, tais como: comportamento empreendedor pouco desenvolvido; falta de planejamento prévio; gestão deficiente do negócio; insuficiência de políticas de apoio; flutuações na conjuntura econômica, e problemas pessoais dos proprietários.

Segundo estudo do Observatório das Micro e Pequenas Empresas (MPEs) do SEBRAE (2010) o país pode iniciar o ano de 2015 com cerca de nove milhões de micro e pequenas empresas para uma população estimada em torno de 210 milhões de habitantes. Mantido o atual ritmo de crescimento das MPEs, o SEBRAE projeta uma empresa para cada 24 habitantes.

Assim sendo, o que se procura nos dias atuais é estimular a geração de novos empreendimentos e o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, pois mesmo que o indivíduo não possua seu próprio negócio, espera-se, cada vez mais, que atue nas organizações como se fossem seus próprios donos, ou seja, que tenham espírito empreendedor, o que pode vir a favorecer a permanência das empresas no mercado.

## **2.4 FORMAÇÃO EMPREENDEDORA**

Hisrich, Peters e Shepherd (2014) afirmam que a educação é importante na formação do empreendedor. Sua importância se reflete não só no nível educacional obtido, mas também no fato de que continua a desempenhar um grande papel ao auxiliar os empreendedores a lidar com os problemas que enfrentam.

Ainda que uma educação formal não seja necessária para iniciar um negócio, como se constata pelo sucesso de pessoas como Andrew Carnegie, William Durant, Henry Ford e William Lear, que não concluíram a escola secundária, ela realmente oferece uma boa experiência, em especial quando tem a ver com a área do empreendimento (HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2014, p. 17).

Para Hisrich, Peters e Shepherd (2014) até a educação sem especialização é importante, pois facilita a integração e o acúmulo de novos conhecimentos, propiciando às pessoas um leque maior de oportunidades, e auxiliando os empreendedores, principalmente estes, a se adaptarem as novas situações e as exigências do mercado.

Considerando Guimarães (2002), de acordo com o pensamento de Rushing, algumas qualidades empreendedoras podem ser ampliadas através da educação formal. Afirma ainda que o objetivo de cursos de empreendedorismo não é apenas ensinar a criar e gerenciar novos negócios, mas, sim, promover uma nova forma de

ensino/aprendizagem que estimule a criatividade, reforce a auto-estima e a capacidade de obter sucesso nos seus esforços profissionais e pessoais.

Nesses termos, a criação de empresas e o desenvolvimento de processos tecnológicos ou gerenciais inovadores ocupam posição secundária nos objetivos da formação empreendedora, ou seja, devem ser analisados como consequência de um processo cujos objetivos parecem ser mais amplos (GUIMARÃES, 2002).

Em conformidade com a autora, a formação empreendedora apesar de não assegurar o sucesso de uma iniciativa, amplia as vantagens no processo de criação e gestão.

Na perspectiva de Fillion (2000) a formação empreendedora é possível desde que a concepção pedagógica e o processo de ensino/aprendizagem se diferenciem do padrão tradicional, pautados prioritariamente na relação passiva professor/aluno.

Alterações na concepção pedagógica do ensino se tornam necessárias na medida em que as habilidades e competências a serem desenvolvidas pressupõem a formação profissional para atuação em ambientes marcados pela incerteza, pela escassez de recursos, entre outras (FILION, 2000).

De acordo com Lopes (2010), historicamente, a educação empreendedora nasceu nos Estados Unidos, nas faculdades de administração, e se espalhou pelos diversos países.

Segundo Guedes (2009) o primeiro curso na área do empreendedorismo no Brasil foi oferecido pela Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas - FGV, em 1981. O curso se chamava "Novos Negócios". Em 1984, a Universidade de São Paulo criou a disciplina de "Criação de Empresas" no curso de graduação da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade.

Para a autora, a preocupação com a formação para o empreendedorismo se intensifica à medida que cresce a importância da atividade empreendedora para a economia, para a geração de empregos e renda e para a sociedade. Diante desse cenário, começa a formar-se um consenso de que empreender é a resposta para escapar do subdesenvolvimento, como afirma Lopes (2010).

De acordo com Hidelbrando (2009), após o pioneirismo da FGV em 1981, poucas instituições iniciaram programas de empreendedorismo até o final da década. Os cursos oferecidos são, em geral, descritivos e não dinâmicos. Para o autor, confirma-se que existe certa relutância em aceitar o empreendedorismo como

uma disciplina acadêmica, e inclinação para considerá-lo como parte de uma simples escola de treinamento de negócios.

Para Lima et al. (2011, p. 09), “a partir dos anos 1990, as competências empreendedoras passaram a ser consideradas no Brasil como importantes aliadas do desenvolvimento social”.

Nas universidades e em associações científicas americanas, por exemplo, o estudo do empreendedorismo desenvolve-se de acordo com duas óticas; a primeira define que a pesquisa sobre empreendedorismo serve e/ou pertence a todas as disciplinas, e a segunda manifesta que a pesquisa sobre empreendedorismo serve e/ou pertence a um domínio específico (HIDELBRANDO, 2009).

Diante disso, conforme Dornelas (2005) é oportuno um estudo mais profundo a respeito do conceito do empreendedorismo, tendo em vista que a maior parte dos negócios criados no país é concebida por pequenos empresários que nem sempre possuem conceitos de gestão de negócios, atuando de forma empírica e sem planejamento, refletindo diretamente no alto índice de mortalidade dessas empresas.

Considerando ainda a importância da educação para a formação do empreendedor, Hisrich, Peters e Shepherd (2014) afirmam que os empreendedores mencionam uma necessidade educacional nas áreas de finanças, planejamento estratégico, marketing e administração. Além disso, a habilidade de se comunicar com clareza, oralmente e por escrito, também é considerada importante em qualquer atividade empresarial.

Para os autores, na realidade, descobriu-se que, embora a educação tenha uma influência positiva sobre a probabilidade de uma pessoa descobrir novas oportunidades, ela não determina necessariamente se essa pessoa criará um novo negócio para explorar a oportunidade descoberta. Porém, quanto mais os indivíduos acreditarem que sua educação torna a ação empreendedora mais viável, maior será a chance de se tornarem empreendedores bem sucedidos (HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2014).

“É interessante observar que o empreendedor de sucesso leva consigo uma característica singular, que é o fato de conhecer como poucos o negócio em que atua, o que leva tempo e requer experiência” (DORNELAS, 2005, p. 35).

Um empreendedor que foi bem sucedido na criação e manutenção de seu próprio negócio passou por um processo. E as características de suas ações constituem material muito útil para o estudo sobre o comportamento empreendedor.



Espera-se que, entendendo melhor como ocorre o processo empreendedor, seus fatores críticos de sucesso e o perfil dos empreendedores bem sucedidos, a elevada taxa de mortalidade das empresas seja gradativamente amenizada.

Ainda de acordo com Dornelas (2005), embora o assunto seja explorado em vários congressos acadêmicos no mundo e várias revistas científicas de renome se dediquem a publicações nesta área, a escolha do empreendedorismo como tema de dissertação de mestrado ou tese de doutorado é bastante escassa e recente, contribuindo para que sejam poucos os professores com habilitação e qualificação específica nesta área.

Por outro lado, os empreendedores, geralmente têm em mente a ideia de que empreendedorismo não se ensina, se faz. Como consequência disso, os futuros empresários não vão à “escola” buscar formação e informação que os auxilie na jornada empresarial, pelo contrário, preferem “aprender” com as histórias e exemplos de outros empreendedores ou se aventurando por conta própria no “mundo empresarial”.

Conforme Dornelas (2005), no Brasil, o número de professores com qualificação acadêmica específica para a formação empreendedora ainda é muito pequeno. Para o autor, o empreendedorismo é uma atividade de natureza multidisciplinar e seu ensino abrange conhecimentos sobre o impacto das pequenas e médias empresas na economia, dos principais tributos que incidem sobre um negócio nascente, sobre a dificuldade das grandes organizações de cultivarem o espírito empreendedor como parte de sua cultura, do comportamento e atitude do empreendedor e do cálculo do valor líquido para análise de um investimento de risco, entre outros.

Embora o crescimento de cursos de empreendedorismo seja uma boa notícia, as ofertas ainda são tímidas em termos de quantidade de disciplinas oferecidas sobre o tema, que na maioria dos casos, não representa mais do que uma única disciplina.

Nas boas escolas americanas, por exemplo, o empreendedorismo é um tema que se desdobra em várias disciplinas obrigatórias e optativas, além de inúmeros outros cursos de extensão complementares específicos como empreendedorismo corporativo, empreendedorismo social, franquias, entre outros.

Nos Estados Unidos, a multidisciplinaridade é conveniente para a formação empreendedora, uma vez que o professor de contabilidade, por exemplo, dedica

algumas aulas para falar sobre o processo de abertura de novas empresas, o professor de marketing explica como montar campanhas de comunicação com baixo orçamento, o professor de direito fala sobre as categorias tributárias de pequenas empresas, e assim por diante.

As Instituições de Ensino Superior – IES, como instituições sociais, podem constituir-se em um importante espaço de ação na minimização das desigualdades sociais, promovendo a inclusão dos indivíduos e o desenvolvimento regional. O grande desafio da atualidade, no que tange as IES, é a formação adequada dos profissionais em diversas áreas de conhecimento, para atuarem com habilidade e competência no mercado de trabalho, em condições de agregar valor à realidade econômica e social.

Segundo Dornelas (2005) dentre as razões para o estímulo da formação empreendedora destacam-se:

- A alta taxa de mortalidade das empresas, uma vez que de cada três empresas criadas, duas fecham as portas. Se alguns empreendedores tornam-se bem sucedidos sem qualquer suporte, a grande maioria não obtém o mesmo êxito.
- Nas últimas décadas, as relações de trabalho sofreram alterações. O emprego formal abre espaço para novas formas de participação. Na verdade, as empresas precisam de profissionais que tenham uma visão global do processo, que saibam identificar e satisfazer as necessidades e exigências do mercado.
- Exige-se hoje, mesmo para aqueles que vão ser empregados, um alto grau de "empreendedorismo". As empresas precisam de colaboradores que, além de dominar a tecnologia, conheçam também o negócio, saibam entender e atender as necessidades do cliente, e possam identificar oportunidades e viabilizá-las.
- A metodologia de ensino tradicional não é adequada para formar empreendedores, porque, em geral, forma empregados.
- As Instituições de Ensino estão distanciadas dos "sistemas de suporte", ou seja, das empresas, órgãos governamentais, financiadores, associações de classe, entidades das quais os pequenos empreendedores dependem para sobreviver.
- Aspectos culturais, no Brasil, por exemplo, os valores do ensino tradicional não incentivam o empreendedorismo.
- Ainda há uma percepção insuficiente da importância da Pequena e Média Empresa - PME para o desenvolvimento econômico do país.

- Predomina, no ensino profissionalizante e universitário, a cultura da "grande empresa". Não há o hábito de abordar a pequena empresa.
- Uma grande preocupação para formação empreendedora são os aspectos éticos que envolvem as atividades do empreendedor. Por sua grande influência na sociedade e na economia, é fundamental que os empreendedores, bem como qualquer cidadão, sejam guiados por princípios e valores éticos.
- O empreendedor deve ser alguém com alto comprometimento com o meio ambiente e com a comunidade, com forte consciência social, e a sala de aula é um excelente lugar para o debate desses temas.

Dornelas (2005) ressalta que o empreendedorismo pode ser ensinado e aprendido por qualquer pessoa. E pode envolver a criação e gestão de negócios, ou ainda a busca da realização dos sonhos, mesmo que não estejam relacionados à criação ou manutenção de novas empresas.

Ainda conforme o autor, no caso do negócio próprio, observa-se que muito do que é praticado pelos empreendedores de sucesso, pode e deve ser ensinado aos iniciantes e mesmo àqueles mais experientes.

Estas práticas formam um conjunto de experiências e casos de sucesso e fracasso que servem de referência aos que se deparam com dilemas empresariais. E este deve ser o principal foco da educação empreendedora.

Nos últimos cinco anos, de acordo com dados do SEBRAE (2010), mais de duzentos mil alunos tiveram contato com aspectos relacionados à formação empreendedora, mas, segundo Dornelas (2005), esse ensino ainda precisa ser intensificado.

Lopes (2010) afirma que a maioria dos cursos de empreendedorismo se destina a alunos dos cursos de graduação que, de modo geral, ainda não tem a maturidade profissional e a experiência para visualizar oportunidades de negócio.

Ainda segundo a autora, a maioria das universidades que promovem o empreendedorismo o faz com foco exclusivo nas áreas de tecnologia e de administração de negócios e isolado das outras disciplinas como sociologia, ciências comportamentais, história e ciências ambientais. Entretanto, essas disciplinas têm muito a contribuir com os candidatos a empreendedores, ajudando-os a encontrar oportunidades de negócio voltadas para o desenvolvimento sustentável, a inclusão social e a redução da pobreza.

De acordo com Lopes (2010) as IES devem pesquisar as oportunidades de negócios que promovam o desenvolvimento sustentável e a redução da pobreza; devem treinar, motivar seus alunos e ex-alunos interessados em empreender para que eles aproveitem e desenvolvam essas oportunidades, ou seja, as IES precisam se transformar em agentes de mudança social.

Além disso, vale lembrar que a formação empreendedora não deve ter como objetivo principal a criação imediata de novos negócios, mas passar conceitos e experiências aos potenciais futuros empreendedores do próprio negócio ou de qualquer outra atividade profissional.

[...] Cresce o preparo e a autoconfiança do candidato a empreendedor com o acúmulo de conhecimento, com o domínio de tarefas complexas, com o desenvolvimento de sua capacidade gerencial, com o domínio da complexidade do negócio que quer desenvolver e, principalmente, com a experiência adquirida. O preparo e a autoconfiança são importantes para todos os empreendedores, os motivados por necessidades e os motivados por oportunidades. Mas para promover o desenvolvimento sustentável, a redução da pobreza e da desigualdade de renda é preciso incentivar a atividade empreendedora motivada por oportunidade (DEGEN, 2009, p.409-410).

Apesar de Degen (2009) mostrar que os graduados em nível superior estão mais bem-preparados para reconhecer oportunidades, e conseqüentemente, desenvolver negócios motivados por elas, é preciso observar exemplos como o de Bill Gates, criador da Microsoft, um dos empreendedores mais bem sucedidos do século XX, mesmo sem se graduar.

Ainda conforme o autor, é preciso lembrar que Gates foi admitido em Harvard, Universidade dos Estados Unidos, e embora não tenha concluído a faculdade por preferir iniciar seu próprio negócio, se beneficiou do ambiente universitário para construir sua empresa.

Talvez com esta visão mais abrangente, o Brasil consiga entrar em uma nova fase da atividade empreendedora, ou seja, a da realização e concretização das iniciativas, pois não basta aumentar os números de negócios criados, é preciso elevar o número de negócios bem sucedidos.

### **2.4.1 A Produção Acadêmica sobre a Educação Empreendedora, de acordo com a base de dados da ANEGEP**

Esta seção apresenta os resultados da análise bibliométrica realizada a partir de 14 artigos brasileiros publicados entre 2000 e 2012, disponibilizados na base de artigos da Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas – ANEGEP.

Estrutura-se da forma a seguir:

- 1) exibição dos dados gerais com o levantamento da quantidade trabalhos e os enfoques sobre educação empreendedora;
- 2) demonstração dos procedimentos metodológicos utilizados, e
- 3) apresentação dos aspectos gerais das referências, constando as indicações dos autores mais citados.

#### **2.4.1.1 Dados Gerais dos Artigos**

Considerando os artigos publicados no EGEPE, o resultado indica que os estudos sobre educação empreendedora no ensino superior ainda são escassos, reforçando a afirmação de Dornelas (2005), que embora o assunto seja explorado em vários congressos acadêmicos no mundo e várias revistas científicas de renome se dediquem a publicações nesta área, a escolha do empreendedorismo como tema de pesquisa é bastante escassa e recente.

É preciso atentar para o fato de que nas últimas duas edições do EGEPE não houve nenhuma publicação sobre a temática.

A Tabela 1 mostra a quantidade de artigos científicos sobre educação empreendedora no ensino superior, levantados a partir da base de artigos da ANEGEP, apresentados no EGEPE, no período entre 2000 e 2012, disponíveis na base de dados, na primeira semana de janeiro de 2014.

**TABELA 1 - Eventos da ANEGEP**

<b>Eventos da ANEGEP</b>	<b>2000 Maringá</b>	<b>2001 Londrina</b>	<b>2003 Brasília</b>	<b>2005 Curitiba</b>	<b>2008 São Paulo</b>	<b>2010 Recife</b>	<b>2012 Florianópolis</b>
I EGEPE	1						
II EGEPE		4					
III EGEPE			2				
IV EGEPE				3			
V EGEPE					4		
VI EGEPE						0	
VII EGEPE							0
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>Total de Artigos 14</b>							

Fonte: Elaborada por Bernardo e Araujo (2013)

Dos artigos analisados, três abordaram especificamente o tema educação empreendedora no ensino superior. Os demais propuseram temas mais variados, relacionados à educação superior e empreendedorismo; e formação empreendedora, que também se encontram ligados ao objeto de pesquisa desta de dissertação, como disposto na Tabela 2.

**TABELA 2 - Tema dos Artigos**

<b>Quantidade de Artigos.</b>	<b>Tema</b>
6	Educação Superior e Empreendedorismo
3	Programas de Educação Empreendedora em IES
5	Formação empreendedora
<b>Total de Artigos</b>	<b>14</b>

Fonte: Elaborada por Bernardo e Araujo (2013)

#### **2.4.1.2 Procedimentos Metodológicos observados nos Artigos**

Com relação aos procedimentos metodológicos utilizados nos artigos analisados, de acordo com a Tabela 3, do ponto de vista da forma de abordagem do problema, cerca de 43% das pesquisas se classificaram como quantitativa. Cerca de

43% foram divididos entre qualitativa e quali-quanti. Nos 14% restantes, não foi possível identificar como o problema foi abordado no desenvolvimento do estudo.

**TABELA 3 - Classificação por Abordagem**

Abordagem	I	II	III	IV	V	VI	VII	Total
	EGEPE 2000	EGEPE 2001	EGEPE 2003	EGEPE 2005	EGEPE 2008	EGEPE 2010	EGEPE 2012	
Qualitativa		1		1	1			3
Quantitativa		2	2	1	1			6
Quali-Quanti	1				2			3
Não Identificada		1		1				2
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>14</b>

Fonte: Elaborada por Bernardo e Araujo (2013)

Considerando a Tabela 4, é possível perceber que os estudos utilizam igualmente pesquisas do tipo teórica e empírica.

**TABELA 4 - Classificação por Tipo de Pesquisa**

Tipos de Pesquisa	I	II	III	IV	V	VI	VII	Total
	EGEPE 2000	EGEPE 2001	EGEPE 2003	EGEPE 2005	EGEPE 2008	EGEPE 2010	EGEPE 2012	
Teórica	1	3		2	3			9
Empírica		2	2	1	4			9
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>5</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>7</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>18</b>

Fonte: Elaborada por Bernardo e Araujo (2013)

Observando a técnica de coleta de dados empregada pelos autores dos artigos analisados neste estudo bibliométrico, percebe-se uma prevalência de coleta de dados primários, por meio da utilização de questionários e entrevistas, como mostra a Tabela 5.

É preciso ressaltar que alguns estudos não definem claramente os métodos aplicados para o desenvolvimento da pesquisa científica. Nessa análise, em dois artigos não foi possível identificar a técnica utilizada.

**TABELA 5** - Técnicas de Coleta de Dados

Quant.	Técnica de Coleta de Dados
5	Questionário
6	Entrevistas
4	Análise Documental
2	Análise Bibliográfica (exclusivamente)
2	Observação Direta
1	Grupos de Discussão ( <i>focus group</i> )
2	Não identificado
<b>Total de Artigos</b>	<b>14</b>

Fonte: Elaborada por Bernardo e Araujo (2013)

### 2.4.1.3 Aspectos Gerais das Referências

Nesta seção foi realizada a quantificação das referências de cada um dos 14 artigos. Somadas as quantidades, encontrou-se no total 335 referências.

A Tabela 6 apresenta a relação dos 15 autores mais citados como referências bibliográficas nos artigos analisados.

**TABELA 6** - Os autores mais referenciados nos 14 artigos

Quant. Citações	Autor	Quant. Citações	Autor	Quant. Citações	Autor
11	DOLABELA	4	DENGEN	2	HISRICH e PETERS
9	FILION	4	GEM	2	LIMA
7	SCHUMPTER	2	DELORS	2	PAIVA JR
6	DORNELAS	2	DUTRA e PEIXOTO	2	SOUZA
5	DRUCKER	2	GIBB	2	SOUZA et al.

Fonte: Elaborada por Bernardo e Araujo (2013)

Os resultados obtidos a partir da análise da produção científica sobre a educação empreendedora no ensino superior, no EGEPE, entre 2000 e 2012, disponibilizados na base de artigos da ANEGEP, revelaram que nas últimas duas



edições do EGEPE não houve nenhuma publicação sobre o tema, objeto de estudo desta pesquisa.

Observa-se ainda, que as pesquisas com abordagem quantitativa foram as mais utilizadas nos artigos analisados. Com relação às técnicas de coleta de dados, a maior parte dos autores utiliza-se de questionário e entrevista.

Dentre os autores mais referenciados nos artigos publicados nos eventos da ENEGEP, destacam-se: Fernando Dolabela e Louis Jacques Filion, o primeiro citado em 11 dos 14 artigos, e o segundo, presente em nove do total de pesquisas analisadas.

Em geral, os resultados das pesquisas que originaram os artigos analisados, sugerem que o problema mundial da falta de emprego e de soluções inovadoras tem reforçado o empreendedorismo como uma solução para todos os problemas, o que parece despertar nas pessoas, especialmente nos estudantes de nível superior, a ideia de ser o dono do próprio negócio.

Ainda de acordo com os artigos publicados nos eventos da EGEPE, é difundido o pensamento de que as IES devem ser responsáveis por qualificar os discentes para a prática empreendedora, para que estes, por meio do desenvolvimento de habilidades empreendedoras, possam ampliar as iniciativas relacionadas ao empreendedorismo.

Dentre os autores mais citados nos artigos analisados, verifica-se que Filion se desfaz da tese de que o empreendedorismo é fruto de herança genética, ou seja, é possível que as pessoas aprendam a ser empreendedoras.

Para Hisrich e Peters, o empreendedor em potencial pode ser homem ou mulher e de qualquer raça ou nacionalidade. Por sua vez, Souza declara que o empreendedorismo é um tema relevante e atual e ainda muito novo no campo acadêmico.

A implementação de cursos voltados para o empreendedorismo justifica-se pela crescente conscientização e tomada de posição por parte das universidades, no sentido de proporcionar aos estudantes competências que possibilitem, não só a sua inserção no mundo do trabalho, como, também, a sua sobrevivência em uma sociedade altamente competitiva.

Por fim, Drucker assinala que uma sociedade empreendedora desafia hábitos e premissas de instrução e aprendizagem, ou seja, os sistemas educacionais por todo o mundo são, em sua maioria, prolongamentos do que a Europa desenvolveu

no século XVII. Houve adições e modificações substanciais. Mas o plano arquitetural básico sobre o qual nossas escolas e universidades são construídas recua a trezentos anos ou mais. Agora, modos de pensar e abordagens novas são requeridos em todos os níveis.

Nesse sentido, para que a educação empreendedora aconteça, ainda segundo os artigos analisados, passa a ser importante não só o conteúdo apresentado em sala de aula, mas, como esses conceitos são trabalhados, a fim de que possam criar um ambiente favorável ao empreendedorismo.

O que se percebe a partir desta análise bibliométrica é que a pesquisa científica acerca da educação voltada ao empreendedorismo precisa ser intensificada, considerando ainda que a sociedade brasileira precisa preparar os jovens para esta nova forma de trabalho.

## **2.5 A EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL**

De acordo com Lima et al. (2011) entender a educação superior do Brasil exige uma compreensão do contexto em que ela surgiu.

O Brasil está localizado na América Latina, em um continente de muitas desigualdades e um dos grandes desafios consiste em oferecer à população aprendizagem, pesquisa e oportunidades de trabalho de forma equitativa e equilibrada, a fim de assegurar conhecimentos avançados que tornem possível o desenvolvimento econômico e social (LIMA et al., 2011).

A primeira universidade brasileira, denominada Universidade do Rio de Janeiro, foi fundada em 1920. No entanto, segundo Lima et al. (2011), o ensino superior no Brasil começou a se organizar a partir de 1934, com a fundação da Universidade de São Paulo.

Na década de 1970, com a criação e o desenvolvimento dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) e com o intercâmbio entre docentes brasileiros e estrangeiros começou-se a observar o crescimento do ensino superior no país (LIMA et al., 2011).

Na concepção dos autores, com os ajustes da política educacional promovidos pelo Governo Federal, a partir dos anos noventa do século passado e com a aplicação da Constituição de 1988, estabeleceu-se mais flexibilidade para o sistema educacional brasileiro, ampliando o sistema e melhorando os processos de avaliação cujo objetivo consistia na elevação da qualidade, e no melhoramento da qualificação de profissionais para a inserção no mercado de trabalho cada vez mais exigente.

Considerando a Tabela 7, e de acordo com Lima et al. (2011), observa-se um aumento de aproximadamente 23,5% no número de cursos de educação superior no período entre 2000 e 2010, obedecendo talvez, a recente ampliação do ensino superior.

**TABELA 7** - Elevação do número de cursos entre 1960 e 2010

<b>Ano</b>	<b>Número de Cursos</b>
1960	31
1970	247
1980	305
1990	823
2000	1.462
2010	1.805

Fonte: LIMA et al. (2011), adaptada pela autora

Se considerado o número de curso observados na década de 1990 esse acréscimo chega perto dos 120%, reforçando a expansão da educação superior no Brasil.

Ainda de acordo com Lima et al., (2011), com base nos dados mais recentes de um estudo da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE, em 2011, 12% dos brasileiros de 25 a 34 anos têm formação superior. Considerando a parcela da população de 55 a 64 anos, o percentual atinge 9%.

Para os autores, esses dados indicam que, entre gerações, o avanço ocorrido foi de apenas três pontos percentuais.

Quando comparado a outros países, como por exemplo, a Coréia do Sul, que segundo o estudo foi o país que mais avançou na diferença entre gerações, apresentando uma diferença de 50 pontos, é possível observar o quanto o Brasil

ainda precisa investir na educação de sua população, ressaltando que o cenário educacional brasileiro exige inovações, formas diferenciadas de ensino, a fim de ampliar o sistema de ensino para uma quantidade maior de brasileiros (LIMA et al., 2011).

Diante disso, é importante ressaltar que de acordo com Drucker (2002), há alguns anos, em virtude dos vários conflitos enfrentados, a Coréia do Sul tinha uma população formada por cerca de 80% de analfabetos.

Ainda conforme o autor, o investimento em educação transformou essa realidade, ou seja, a partir da década de 1950, o país passou a investir na formação de empreendedores, como consequência, a Coréia do Sul chegou a ser uma das principais potências mundiais nos segmentos da construção naval, eletrônica, veículos e biotecnologia (DRUCKER, 2002).

Diante disso, é oportuno observar que a educação pode ser também uma importante aliada no processo de desenvolvimento de uma nação. Considerando o exemplo da Coréia do Sul, pode-se entender que a educação empreendedora certamente favorecerá a formação de melhores empresários, de empresas mais duradouras que poderão auxiliar o desenvolvimento da sociedade brasileira no aspecto econômico e social.

Para Andrade e Torkomian (2001), os programas de educação empreendedora, que vêm sendo desenvolvidos em instituições de todo o mundo, como no exemplo da Coréia do Sul, contribuem para a formação desse profissional que, paralelamente à aquisição de informações e conhecimentos técnicos em sua área de formação, recebe também referenciais importantes para o seu posicionamento profissional e principalmente a percepção de um mundo de oportunidades ao seu redor, sendo estimulado a considerar a opção da carreira empreendedora.

Nesse cenário, ainda de acordo com Andrade e Torkomian (2001), as Instituições de Ensino, principalmente aquelas destinadas à formação superior, têm a missão de capacitar os futuros profissionais que irão interagir e produzir nesse ambiente de mudanças e instabilidade e que poderão facilitar o crescimento do país.

### 2.5.1 As Instituições de Ensino Superior Brasileiras - Definições

De acordo com o Ministério das Relações Exteriores – MRE (2013), as Instituições de Ensino Superior Brasileiras podem ser públicas ou privadas.

As públicas são aquelas mantidas pelo Poder Público, na forma Federal, Estadual ou Municipal. [...] são financiadas pelo Estado, e não cobram matrícula ou mensalidade. Já as privadas são administradas por pessoas físicas ou jurídicas de direito privado, com ou sem finalidade de lucro (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES – MRE, 2013).

Ainda segundo o MRE (2013), e conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (1996), as IES podem ser denominadas como:

- **Universidades:** são instituições acadêmicas pluridisciplinares que contam com produção intelectual institucionalizada, além de apresentarem requisitos mínimos de titulação acadêmica, ou seja, um terço de mestres e doutores e carga de trabalho do corpo docente, um terço em regime integral. São autônomas para criarem cursos e sedes acadêmicas e administrativas, assim como para expedirem diplomas, fixarem currículos e número de vagas, firmarem contratos, acordos e convênios, entre outras ações;
- **Centro Universitário:** é uma instituição pluricurricular, que abrange uma ou mais áreas do conhecimento. É semelhante à Universidade em termos de estrutura, mas não está definido na Lei de Diretrizes e Bases e não apresenta o requisito da pesquisa institucionalizada;
- **Faculdade:** pode receber duas conotações. A primeira é a de uma Instituição de Ensino Superior que não apresenta autonomia para conferir títulos e diplomas, os quais devem ser registrados por uma Universidade. Além disso, não tem a função de promover a pós-graduação. A segunda é aplicada para se referir a unidades orgânicas de uma Universidade. Ex.: Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco.
- **Institutos Federais:** são unidades voltadas à formação técnica, com capacitação profissional em áreas diversas. Oferecem Ensino Médio integrado ao Ensino Técnico, Cursos Técnicos, Cursos Superiores de Tecnologia, Licenciaturas e Pós-graduação.

Com relação aos Cursos de Graduação, pode-se afirmar que são aqueles que conferem diplomas aos candidatos que tenham concluído o Ensino Médio ou equivalente e tenham sido classificados em processo seletivo, e cumprido a carga horária mínima de um Curso de Educação Superior, e que depois de atendidas essas exigências recebem os graus de Bacharelado, Licenciatura ou Tecnologia, segundo o MRE (2013).

Das tipologias dos Cursos de Graduação destacados acima, o bacharelado é considerado um curso superior generalista, de formação científica ou humanística, que confere ao diplomado competências em determinado campo do saber para o exercício de atividade profissional, acadêmica ou cultural, com o grau de bacharel. Em geral, os profissionais permanecem nas IES pelo período de 4 a 6 anos.

Os cursos de licenciatura, por sua vez, são os que conferem ao diplomado competências para atuar como professor na educação básica, com o grau de licenciado.

Já os de tecnologia, são cursos superiores de formação especializada em áreas científicas e tecnológicas, que conferem ao diplomado competências para atuar em áreas profissionais específicas, caracterizadas por eixos tecnológicos, com o grau de tecnólogo. Geralmente são cursos mais rápidos, com prazo de conclusão variando de 2 a 3 anos.

### **2.5.2 Os Cursos Superiores de Tecnologia**

Conforme o Ministério da Educação – MEC, e de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno – CNE/CP 3, de 18 de dezembro de 2002, os Cursos de Educação Profissional de nível Tecnológico serão designados como Cursos Superiores de Tecnologia.

Segundo o Art. 2º da Resolução CNE/CP 3, "os Cursos Superiores de Tecnologia são cursos de graduação".

Amparado pela LDB (1996), Art. 44, inciso III fica especificado que os cursos de pós-graduação, compreendendo programas de mestrado e doutorado, cursos de

especialização, aperfeiçoamento e outros, são abertos a candidatos diplomados em Curso de Graduação e que atendam às exigências das Instituições de Ensino e o edital de seleção dos candidatos, garantindo ao Tecnólogo o direito de prosseguir os estudos.

Considerando que os Cursos Tecnológicos são ainda hoje, muito confundidos com os Cursos Técnicos é preciso ressaltar que os primeiros, de acordo com o MEC classificam-se como de nível superior.

Os segundos são programas de nível médio com o propósito de capacitar o aluno proporcionando conhecimentos teóricos e práticos nas diversas atividades do setor produtivo, não habilitando para a pós-graduação.

No que tange a discussão entre bacharel e tecnólogo, como ressaltado no item 2.5.1, os Cursos Superiores que conferem Graus de Bacharel e Tecnólogo se diferem porque o primeiro tem um caráter mais generalista e um período de duração de 4 a 6 anos, enquanto o segundo possui um perfil mais especialista e um tempo menor para a integralização.

## **2.6 DESENVOLVIMENTO REGIONAL E A INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE ENSINO SUPERIOR TECNOLÓGICO: ANÁLISE DOS CURSOS SUPERIORES DE TECNOLOGIA**

### **2.6.1 Desenvolvimento – Breve Contextualização**

De acordo com Bernardo, Carniello e Araujo (2013) o desenvolvimento tem sido pauta para muitas discussões, primeiro, pela ideia de que deve ser medido, em função dos indicadores econômicos, capazes de afirmar, pelo acúmulo de riquezas, se um país é ou não desenvolvido, segundo, pela concepção de que é preciso incluir outras variáveis para a promoção do desenvolvimento.

Para Sen (2000) o desenvolvimento deve ser observado além da perspectiva dos ganhos econômicos e financeiros, ou seja, o conceito deve incluir os ganhos relativos à melhora da qualidade de vida das pessoas.

De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD (2013), a renda é importante, mas como um dos meios do desenvolvimento e não como seu fim.

Neste cenário, inserem-se as Instituições de Ensino Superior, que como instituições sociais, podem gerar, além da formação profissional, a inclusão dos indivíduos, a minimização das desigualdades sociais e, por fim, o desenvolvimento regional (BERNARDO; CARNIELLO; ARAUJO, 2013).

Segundo Rosas e Cândido (2008, p. 62) “vive-se um período em que o conceito de desenvolvimento tem sido relacionado quase que exclusivamente ao fenômeno da dinamização do crescimento econômico [...] que embora seja necessário, não é suficiente para gerar desenvolvimento”.

Ainda conforme os autores, o tema desenvolvimento com sustentabilidade tem sido alvo de grande interesse no âmbito político e acadêmico, a fim de buscar metodologias que promovam o desenvolvimento econômico, juntamente ao tecnológico e social, de maneira a não comprometer as futuras gerações, o que se aproxima ao significado da palavra desenvolvimento (BERNARDO; CARNIELLO; ARAUJO, 2013).

Considerando esse contexto, Sen (2000) afirma que o desenvolvimento deve ser pensado além da ótica da acumulação de riqueza e aumento do PIB, e está relacionado essencialmente com a melhora da qualidade de vida.

Para Sachs (2004) a ideia de desenvolvimento transborda a crença da multiplicação da riqueza. Assim como Sen, Sachs defende a ideia de que o crescimento é pertinente e necessário para gerar desenvolvimento, porém, não é de forma alguma, suficiente para gerar qualidade de vida para todos os cidadãos de determinada localidade.

Segundo Bernardo, Carniello e Araujo (2013) o PNUD ao definir desenvolvimento inclui as pessoas como os principais atores desse processo. Diante disso, Veiga (2005), comenta que o desenvolvimento está relacionado à possibilidade das pessoas de viverem o tipo de vida que melhor lhes convém e também, de terem as oportunidades que lhes permitam fazer suas próprias escolhas.



### 2.6.1.1 Perfil Econômico do Município

Esta seção dedica-se a apresentar, de maneira breve, o perfil econômico do município, em que se encontra a Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico objeto de estudo desta dissertação.

A Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte criada como unidade regional do Estado de São Paulo, em 09 de janeiro de 2011, pela lei complementar nº 1.166, abrange uma área de 16.178 km<sup>2</sup> distribuídos em 39 municípios. A Região Metropolitana do Vale do Paraíba possui as cidades de São José dos Campos, Taubaté, Jacareí e Guaratinguetá como principais pólos de serviços urbano-industriais (GONÇALVES; RICCI; ARAUJO, 2013).

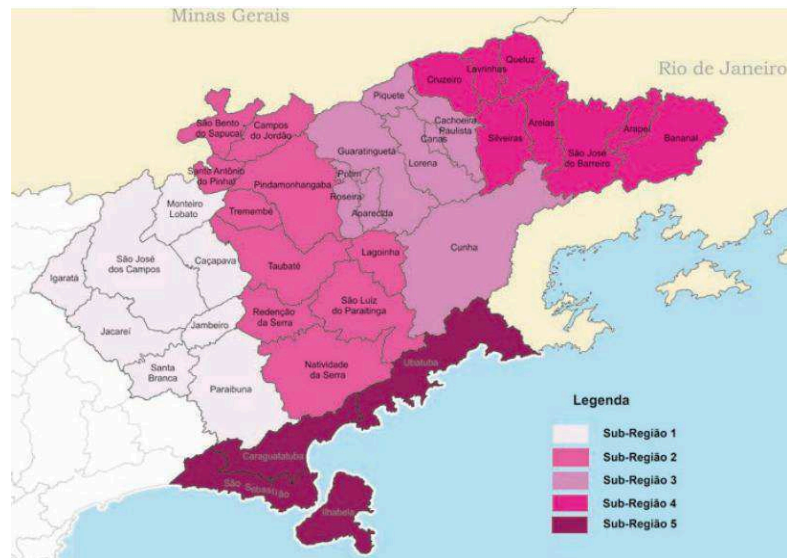
O Quadro 5 apresenta as cidades que compõe as cinco sub-regiões da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte.

Sub-região 1 (região de governo de São José dos Campos)	Caçapava, Igaratá, Jacareí, Jambeiro, Monteiro Lobato, Paraibuna, Santa Branca e São José dos Campos.
Sub-região 2 (região de governo de Taubaté)	Campos do Jordão, Lagoinha, Natividade da Serra, Pindamonhangaba, Redenção da Serra, Santo Antônio do Pinhal, São Bento do Sapucaí, São Luiz do Paraitinga, Taubaté e Tremembé.
Sub-região 3 (região de governo de Guaratinguetá)	Aparecida, Cachoeira Paulista, Canas, Cunha, Guaratinguetá, Lorena, Piquete, Potim e Roseira.
Sub-região 4 (região de governo de Cruzeiro)	Arapeí, Areias, Bananal, Cruzeiro, Lavrinhas, Queluz, São José do Barreiro e Silveiras.
Sub-região 5 (região de governo de Caraguatatuba)	Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba.

**Quadro 5** – Sub-regiões da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte e suas cidades  
Fonte: Gonçalves, Ricci e Araujo (2013).

O município no qual se localiza a Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico, objeto de estudo, faz parte da Sub-região 3 (Região de Governo de Guaratinguetá).

A Região de Governo engloba as cidades de Aparecida, Cachoeira Paulista, Canas, Cunha, Guaratinguetá, Lorena, Piquete, Potim e Roseira. A Figura 1 representa o mapa das Regiões de Governo do Estado de São Paulo.



**Figura 1** - Mapa das Sub-regiões da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte  
Fonte: Gonçalves, Ricci e Araujo (2013).

Segundo a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - SEADE (2010), o município possui uma área territorial de 752,640 km<sup>2</sup>; e a população gira em torno de 114 mil habitantes, conforme o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE/2010.

**Tabela 8** - Território e População (Perfil Municipal)

TERRITÓRIO E POPULAÇÃO	ANO	MUNICÍPIO	REG. GOV.	ESTADO
Área	2013	<b>752,64</b>	3.387,57	248.223,21
População	2013	<b>114.057</b>	333.789	42.304.694
Densidade Demográfica (hab./km <sup>2</sup> )	2013	<b>151,34</b>	98,53	170,43
Taxa Geométrica de Crescimento Anual da População - 2010/2013 (em % a.a.)	2013	<b>0,61</b>	0,5	0,87
Grau de Urbanização (em %)	2010	<b>95,26</b>	90,95	95,94
População com menos de 15 anos (em %)	2013	<b>19,26</b>	20,19	20,35
População com 60 anos e mais (em %)	2013	<b>13,99</b>	13,43	12,52

Fonte: SEADE (2010), elaborada por Bernardo, Carniello e Araujo (2013)

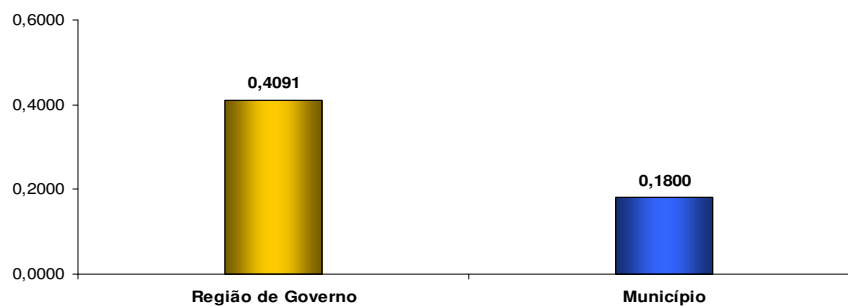
A Tabela 8 apresenta alguns dados referentes ao município. É importante ressaltar a característica urbana da cidade, ou seja, cerca de 95% dos habitantes da cidade, vivem nas áreas urbanas.

**Tabela 9** - Economia (Perfil Municipal)

<b>ECONOMIA</b>	<b>ANO</b>	<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REG. GOV.</b>	<b>ESTADO</b>
PIB (em milhões de reais correntes)	2010	<b>2.305,14</b>	5.104,46	1.247.595,93
PIB per Capita (em reais correntes)	2010	<b>20.580,88</b>	15.521,02	30.264,06
Participação da Agropecuária no Total do Valor Adicionado (em %)	2010	<b>0,95</b>	1,73	1,87
Participação da Indústria no Total do Valor Adicionado (em %)	2010	<b>38,86</b>	33,45	29,08
Participação dos Serviços no Total do Valor Adicionado (em %)	2010	<b>60,19</b>	64,82	69,05
Participação nas Exportações do Estado (em %)	2012	<b>0,450271</b>	0,491572	100

Fonte: SEADE (2010), elaborada por Bernardo, Carniello e Araujo (2013)

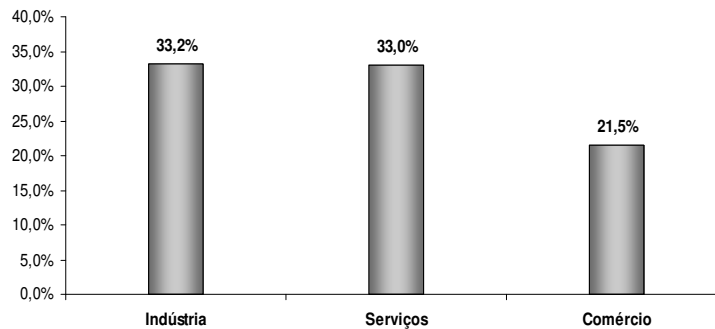
De acordo com os dados apresentados na Tabela 9, o PIB da cidade gira em torno de dois milhões e trezentos mil reais, o que representa cerca de 0,18% do PIB do Estado de São Paulo, conforme pode ser observado no Gráfico 3. É importante ressaltar que os dados de referentes ao ano de 2010 são os mais recentes.



**Gráfico 3** - Economia – Participação no PIB do Estado (Região de Governo e Município)

Fonte: IBGE/SEADE (2010), elaborado por Bernardo, Carniello e Araujo (2013)

De acordo com o SEBRAE (2000), as atividades econômicas na Região de Governo estão bem distribuídas entre os setores Indústria, Serviços e Comércio, como demonstrado no Gráfico 4.



**Gráfico 4 - Número de Empregados da Região**  
 Fonte: SEBRAE (2000), elaborado por Bernardo, Carniello e Araujo (2013)

Ainda segundo o SEBRAE (2000), pode-se considerar que o segmento da indústria com maior destaque é a indústria química, correspondente a 9,4% dos empregados da região, seguida da indústria da construção civil, com percentual de 6% dos trabalhadores e, por fim, a indústria de alimentos e bebidas, representando 4,4% das ocupações na região.

A Tabela 10 apresenta um comparativo, conforme SEADE (2011), dos percentuais de emprego e rendimento referentes ao Município, Região de Governo e Estado de São Paulo.

Considerando os indicadores de emprego e rendimento do município, pode-se observar, na Tabela 10, coluna 3, que o percentual de participação dos empregos formais dos serviços é mais significativo do que o da industrial, no total de emprego formais da cidade, representando 48,7% e 18%, respectivamente, divergindo dos dados referentes à Região de Governo. Por outro lado, é preciso salientar que ainda assim, o rendimento médio dos empregos formais da indústria, é maior, ou seja, equivalente à R\$ 3.113,71.

É preciso ressaltar também, que o percentual de participação dos empregos formais do Comércio Atacadista e Varejista e do Comércio e Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas, representa 25,7% no total dos empregos formais, reforçando a vocação comercial da cidade.

**Tabela 10** - Emprego e Rendimento (Perfil Municipal)

<b>EMPREGO E RENDIMENTO</b>	<b>ANO</b>	<b>MUNICÍPIO</b>	<b>REG. GOV.</b>	<b>ESTADO</b>
Participação dos empregos formais da agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura no Total de Empregos Formais (em %)	2011	<b>2,2</b>	3,2	2,7
Participação dos empregos formais na indústria no Total de Empregos Formais (em %)	2011	<b>18,0</b>	18,0	20,9
Participação dos empregos formais da construção no Total de Empregos Formais (em %)	2011	<b>5,4</b>	4,8	5,5
Participação dos empregos formais do comércio atacadista e varejista e do comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas no Total de Empregos Formais (em %)	2011	<b>25,7</b>	23,4	19,3
Participação dos empregos formais dos serviços no Total de Empregos Formais (em %)	2011	<b>48,7</b>	50,6	51,6
Rendimento Médio dos empregos formais da agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (em reais correntes)	2011	<b>728,81</b>	730,91	1.234,37
Rendimento Médio dos empregos formais da indústria (em reais correntes)	2011	<b>3.113,36</b>	2.408,39	2.548,90
Rendimento Médio dos empregos formais da construção (em reais correntes)	2011	<b>1.325,36</b>	1.365,97	1.903,48
Rendimento Médio dos empregos formais do comércio atacadista e varejista e do comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas (em reais correntes)	2011	<b>1.141,12</b>	1.098,16	1.590,37
Rendimento Médio dos empregos formais dos serviços (em reais correntes)	2011	<b>2.043,21</b>	1.684,10	2.309,60

Fonte: SEADE (2011), elaborada por Bernardo, Carniello e Araujo (2013)

## 2.6.2 Cursos Superiores de Tecnologia oferecidos no Município

Segundo o Portal eMEC (2013), a Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico objeto de estudo, oferece cinco Cursos Superiores de Tecnologia, sendo eles: Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Gestão da Tecnologia da Informação, Gestão Empresarial, Gestão Financeira e Logística.

Os Quadros 6, 7, 8, 9 e 10 apresentam informações sobre o eixo tecnológico, mercado de trabalho e perfil profissional dos cursos mencionados acima, conforme o Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia, que lançado em 2006

tornou-se um guia de informações sobre o perfil de competências do Tecnólogo, divulgado pelo MEC:

Considerando o Quadro 6 pode-se observar que, por meio do Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, a Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico visa atender as necessidades do mercado local e regional, uma vez que possibilita a formação de mão-de-obra qualificada para atuação nos segmentos industrial, serviços e comércio, com foco na aplicação e desenvolvimento de tecnologias que podem se tornar capazes de agregar valor e de possibilitar vantagens competitivas aos negócios.

**Curso: ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS**

**Carga Horária Mínima:** 2000 horas

**Eixo Tecnológico:** Informação e Comunicação

O curso forma o tecnólogo que analisa, projeta, documenta, especifica, testa, implanta e mantém sistemas computacionais de informação. Esse profissional trabalha, também, com ferramentas computacionais, equipamentos de informática e metodologia de projetos na produção de sistemas. Raciocínio lógico, emprego de linguagens de programação e de metodologias de construção de projetos, preocupação com a qualidade, usabilidade, integridade e segurança de programas computacionais são fundamentais à atuação desse profissional.

**Mercado de trabalho:**

Empresas de assessoria e consultoria tecnológica e de desenvolvimento de sistemas, nos diversos setores da economia (indústria, comércio, prestação de serviços, instituições financeiras); órgãos públicos; empreendedor em informática.

**Perfil Profissional:**

O tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de Sistemas analisa, projeta, documenta, especifica, testa, implanta e mantém sistemas computacionais de informação. Este profissional trabalha, também, com ferramentas computacionais, equipamentos de informática e metodologia de projetos na produção de sistemas. Raciocínio lógico, emprego de linguagens de programação e de metodologias de construção de projetos, preocupação com a qualidade, usabilidade, robustez, integridade e segurança de programas computacionais são fundamentais à atuação deste profissional.

**Quadro 6** - Perfil do Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas  
Fonte: Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia (2010)

Observa-se ainda, no campo referente ao mercado de trabalho, que o curso tem como propósito habilitar os alunos, também para inserirem-se no mercado como empreendedores em informática, fomentando, dessa maneira, a atividade empresarial.

Tendo em vista o Quadro 7, referente ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial, visualiza-se a relevância desse profissional para mercado de trabalho e para o desenvolvimento local e regional.

O Tecnólogo em Gestão Empresarial, no decurso do processo de graduação, é habilitado a atuar no mercado de maneira ampla, podendo exercer atividade profissional na indústria, no comércio, em serviços, em empresas de pequeno, médio e grande porte.

**Curso: GESTÃO EMPRESARIAL**

**Carga Horária Mínima:** 1600 horas

**Eixo Tecnológico:** Gestão e Negócios

O tecnólogo desta área elabora e implementa planos de negócios, utilizando métodos e técnicas de gestão na formação e organização empresarial especificamente nos processos de comercialização, suprimento, armazenamento, movimentação de materiais e no gerenciamento de recursos financeiros e humanos. A habilidade para lidar com pessoas, a capacidade de comunicação, o trabalho em equipe, liderança, negociação, busca de informações, tomada de decisão em contextos econômicos, políticos, culturais e sociais distintos, são requisitos importantes a esse profissional.

**Mercado de trabalho:**

Em negócio próprio (consultoria, turismo, comércio, indústria etc.); médias e pequenas empresas; setor público e em entidades particulares, tais como cooperativas e associações.

**Perfil Profissional:**

O tecnólogo em Processos Gerenciais elabora e implementa planos de negócios, utilizando métodos e técnicas de gestão na formação e organização empresarial, especificamente nos processos de comercialização, suprimento, armazenamento, movimentação de materiais e no gerenciamento de recursos financeiros e humanos. A habilidade para lidar com pessoas, capacidade de comunicação, trabalho em equipe, liderança, negociação, busca de informações, tomada de decisão em contextos econômicos, políticos, culturais e sociais distintos são requisitos importantes para este profissional.

Conforme a tabela de convergência entre as denominações do Catálogo Nacional, Processos Gerenciais engloba a nomenclatura Gestão Empresarial, entre outras.

**Quadro 7** - Perfil do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial

Fonte: Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia (2010)

Ao desenvolver habilidades gerenciais, tais como elaboração e implementação de planos de negócios, gestão de riscos, negociação, entre outras, podem se tornar empreendedores bem sucedidos. Ademais, podem exercer uma função de essencial importância, atuando como consultores junto aos profissionais

de outras áreas, possibilitando “suporte”, especialmente, para aqueles que exercem alguma atividade empreendedora.

Por sua vez, o Tecnólogo em Gestão Financeira, de acordo com o Quadro 8, é preparado para aplicar métodos, técnicas e conceitos econômico-financeiros. Os profissionais graduados nessa área são qualificados para favorecer o gerenciamento de recursos, capital, investimentos, entre outros, de maneira eficiente.

**Curso: GESTÃO FINANCEIRA**

**Carga Horária Mínima:** 1600 horas

**Eixo Tecnológico:** Gestão e Negócios

O tecnólogo em Gestão Financeira aplica métodos, técnicas e conceitos econômico-financeiros no planejamento de captação e investimento dos recursos empresariais, na controladoria, trabalhando em diferentes cenários e ambientes organizacionais de uma empresa. Atento às mudanças econômicas e tecnológicas e com vistas a otimizar investimentos, este profissional analisa demonstrações financeiras e elabora estudos de viabilidade, subsidiando assim o processo de tomada de decisões na instituição.

**Mercado de trabalho:**

Instituições financeiras; seguros e previdência privada. Administração pública; defesa e seguridade social e outras atividades empresariais.

**Perfil Profissional:**

O tecnólogo em Gestão Financeira aplica métodos, técnicas e conceitos econômico-financeiros no planejamento de captação e investimento dos recursos empresariais, na controladoria, trabalhando em diferentes cenários e ambientes organizacionais de uma empresa. Atento às mudanças econômicas e tecnológicas e com vistas a otimizar investimentos, este profissional analisa demonstrações financeiras e elabora estudos de viabilidade, subsidiando assim o processo de tomada de decisões na instituição.

**Quadro 8** - Perfil do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Financeira

Fonte: Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia (2010)

Partindo dessa premissa, são profissionais muito importantes para o mercado, considerando ainda que as mais relevantes causas para o insucesso estão relacionadas à falta de experiência de gestão, subestimar a necessidade de um planejamento financeiro adequado para a abertura de um negócio; inexistência de controles gerenciais fidedignos com a realidade da empresa, investimentos ou gastos excessivos, etc.



Assim como os profissionais graduados em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, o Tecnólogo em Gestão da Tecnologia da Informação assume um papel de destaque para o desenvolvimento da atividade empreendedora no país.

<p><b>Curso: GESTÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO</b>  <b>Carga Horária Mínima:</b> 2000 horas  <b>Eixo Tecnológico:</b> Informação e Comunicação</p> <p>O profissional egresso desse curso atua num segmento da área de informática que abrange a administração dos recursos de infraestrutura física e lógica dos ambientes informatizados. Define parâmetros de utilização de sistemas; gerencia os recursos humanos envolvidos; implanta e documenta rotinas; controla os níveis de serviço de sistemas operacionais e banco de dados, gerenciando os sistemas implantados.</p>
<p><b>Mercado de trabalho:</b>          Indústria, comércio, administração pública, organizações privadas.</p>
<p><b>Perfil Profissional:</b>          O tecnólogo em Gestão da Tecnologia da Informação atua em um segmento da área de informática que abrange a administração dos recursos de infraestrutura física e lógica dos ambientes informatizados. O profissional egresso deste curso define parâmetros de utilização de sistemas, gerencia os recursos humanos envolvidos, implanta e documenta rotinas, controla os níveis de serviço de sistemas operacionais e banco de dados, gerenciando os sistemas implantados.</p>

**Quadro 9** - Perfil do Curso Superior de Tecnologia em Gestão da Tecnologia da Informação  
 Fonte: Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia (2010)

Qualificados para atuar em um segmento da área de informática que abrange a administração dos recursos de infraestrutura física e lógica dos ambientes informatizados, como exposto no Quadro 9, esses profissionais podem definir parâmetros de utilização de sistemas, controlar os níveis de serviço de sistemas operacionais e banco de dados, gerenciar os sistemas implantados, identificar tecnologias que promovam soluções mais inovadoras, etc.

E dessa forma, contribuir para o desenvolvimento de negócios mais inovadores, permitindo a minimização de uma característica dos negócios brasileiros, divulgada pelo relatório GEM (2013), que afirma que 99,5% dos empreendedores iniciais e 99,9% dos empreendedores estabelecidos utilizam tecnologia disponível no mercado há mais de cinco anos.

De acordo com o Quadro 10, o Tecnólogo em Logística é o profissional especializado em aquisição, recebimento, armazenagem, distribuição e transporte. Atuando na área logística de uma empresa ou organização, planeja e coordena a

movimentação física e de informações sobre as operações multimodais de transporte, para proporcionar fluxo otimizado e de qualidade para peças, matérias-primas e produtos.

**Curso: LOGÍSTICA**

**Carga Horária Mínima:** 1600 horas

**Eixo Tecnológico:** Gestão e Negócios

Especializado em armazenagem, distribuição e transporte, o tecnólogo em Logística planeja e coordena a movimentação física e de informações sobre as operações multimodais e intermodais de transporte, incluindo o gerenciamento de pessoas para proporcionar fluxo otimizado ao longo da cadeia de suprimentos. Ele projeta e gerencia redes de distribuição e unidades logísticas, estabelecendo processos de compras, identificando fornecedores, negociando e determinando padrões de recebimento, armazenamento, movimentação e embalagem de materiais.

**Mercado de trabalho:**

Indústria e empresas de transportes.

**Perfil Profissional:**

O tecnólogo em Logística é o profissional especializado em aquisição, recebimento, armazenagem, distribuição e transporte. Atuando na área logística de uma empresa ou organização, planeja e coordena a movimentação física e de informações sobre as operações multimodais de transporte, para proporcionar fluxo otimizado e de qualidade para peças, matérias-primas e produtos. Ele desenvolve e gerencia sistemas logísticos de gestão de materiais de qualquer natureza, o que inclui redes de distribuição e unidades logísticas, estabelecendo processos de compras, identificando fornecedores, negociando e estabelecendo padrões de recebimento, armazenamento, movimentação e embalagem de materiais, podendo ainda controlar recursos financeiros.

**Quadro 10** - Perfil do Curso Superior de Tecnologia em Logística  
Fonte: Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia (2010)

Além disso, tem a função de desenvolver e gerenciar sistemas logísticos de gestão de materiais de qualquer natureza, o que inclui redes de distribuição e unidades logísticas, estabelecendo processos de compras, identificando fornecedores, negociando e estabelecendo padrões de recebimento, armazenamento, movimentação e embalagem de materiais, podendo ainda controlar recursos financeiros e ocupar-se do inventário de estoques, sistemas de abastecimento, programação e monitoramento do fluxo de pedidos.

Considerando que o desenvolvimento não deve ser pensado somente pela ótica do crescimento econômico, e que os indivíduos constituem o centro do processo de desenvolvimento.

Considerando ainda, o que diz o Art. 1º da LDB (1996), “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”, sendo um dos pilares para o progresso de uma nação, pode-se afirmar que a IES assume, cada vez mais, um papel de relevante contribuição para o desenvolvimento local e regional.

Ainda de acordo com a LDB (1996), Art. 43, uma das finalidades da educação superior é formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira.

Partindo dessa premissa, pode-se afirmar que o impacto econômico de uma Instituição de Ensino Superior na região em que ela está inserida é sempre muito grande. A presença da IES é importante no que se refere à qualificação da força de trabalho, ao efeito gerado por suas pesquisas para o aumento da produtividade, à solução de problemas locais, ao aumento do nível geral de conhecimento e de cultura da região, e à sua contribuição enquanto “local” de inovação e de constituição de cidadania.

Observando-se o perfil econômico da Região de Governo e do Município, em que se localiza a Instituição de Ensino Superior, objeto de estudo desta dissertação, percebe-se uma característica urbana, o que favorece a expansão da indústria, do comércio e dos serviços, como indicado na Tabela 8.

Além disso, os Cursos Superiores de Tecnologia oferecidos no município favorecem a formação de profissionais qualificados para atuar nos segmentos com maior representatividade na região.

Como por exemplo, o Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial, que segundo o Quadro 7, qualifica os profissionais para atuarem na gestão de negócios próprios, em diversas áreas, tais como: consultoria, turismo, comércio, indústria, entre outras. Possibilita também, a inserção dessa força de trabalho nas médias e pequenas empresas, no setor público e em entidades particulares, como cooperativas e associações.

Por sua vez, o Curso Superior de Tecnologia em Gestão da Tecnologia da Informação, exposto no Quadro 9, qualifica profissionais para exercerem suas funções na indústria, comércio, administração pública e organizações privadas.

Nota-se com isso, que os Cursos Superiores de Tecnologia aderem-se ao perfil econômico da região e do município. E que além de deterem a função de capacitar e qualificar pessoas, a fim de promover o crescimento e o desenvolvimento da região; por terem um caráter mais especializado e formação mais rápida, com duração de três anos, podem elevar a quantidade de profissionais graduados, em um período menor.

As IES como instituições sociais podem constituir-se em um importante espaço de ação na minimização das desigualdades sociais, promovendo a inclusão dos indivíduos e o desenvolvimento regional. O grande desafio da atualidade, no que tange as IES, é a formação adequada dos profissionais em diversas áreas de conhecimento, para atuarem com habilidade e competência no mercado de trabalho, em condições de agregar valor à realidade econômica e social.

### 3 MÉTODO

Para a realização da dissertação proposta foi efetuada uma pesquisa exploratória, que na concepção de Marconi e Lakatos (2010) objetiva proporcionar maior familiaridade com o problema de pesquisa, de maneira a torná-lo explícito.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, foi realizada uma Pesquisa de Campo, que ainda de acordo com Marconi e Lakatos (2010) é o tipo de pesquisa cujo objetivo é conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema.

Nesta dissertação, a pesquisa de campo foi desenvolvida por meio de pesquisa documental, a partir da análise dos conteúdos programáticos e ementas dos Cursos Superiores de Tecnologia, e considerando Marconi e Lakatos (2010) caracteriza-se, dessa maneira, pela utilização de materiais que não receberam tratamento analítico.

Além disso, foi realizado um Estudo de Caso, para entender a percepção dos alunos e dos coordenadores de curso da Instituição, objeto de estudo, acerca do tema proposto, caracterizando a pesquisa de campo.

Neste caso, os instrumentos utilizados para a coleta de dados, foram o questionário para os alunos e a entrevista para os coordenadores de curso.

De acordo com Yin (2001) o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real.

Ainda conforme o autor, como estratégia de pesquisa compreende um método de pesquisa abrangente, podendo incluir tanto estudos de caso único ou múltiplos.

Para Miguel (2007) um estudo de caso único permite um maior aprofundamento na investigação. Porém, existe uma limitação no grau de generalização, uma vez que existe o risco de um julgamento inadequado em função de ser um evento único.

Diante disso, esta dissertação propõe um estudo de caso único, delimitado a uma Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico.

### **3.1 Área de Realização**

O estudo de caso foi realizado em uma Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico, localizada no Vale do Paraíba, Estado de São Paulo, que oferece cinco Cursos Superiores de Tecnologia, sendo eles: Tecnologia em Gestão Empresarial, Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Tecnologia em Logística, Tecnologia em Gestão da Tecnologia da Informação e Tecnologia em Gestão Financeira.

A Instituição possui, atualmente, cerca de 1.200 alunos, 70 professores e 5 coordenadores de curso.

### **3.2 População e Amostra**

O público alvo desta pesquisa foram os alunos dos 5º e 6º semestres de todos os cursos oferecidos pela Instituição, porque já se encontravam na fase final do programa de graduação, o que permite uma análise mais qualificada do objeto de estudo. E também os coordenadores de curso.

A população de coordenadores de curso compreendeu cinco profissionais. No entanto, a amostra foi composta por três que aceitaram participar da pesquisa. Com relação aos alunos, aqueles elegíveis para este estudo somam 110 discentes, no entanto, a amostra foi de 74 participantes.

Neste caso, o tipo de amostragem definida foi não probabilística e por acessibilidade, uma vez que os questionários foram enviados pelos e-mails cedidos pela Instituição, e não houve seleção prévia de respondentes que denotassem a probabilidade de escolha de qualquer sujeito específico, tampouco a garantia da participação do total de alunos.

Para que a amostra guarde confiabilidade foi feito o cálculo determinando um nível de confiança de 95%, assim mesmo fazendo uso da amostragem por

acessibilidade, a amostra de 74 participantes mantém um grau que permite a generalização dos resultados para a população estudada, alcançando uma margem de erro de 6,77.

Para Marconi e Lakatos (2010), a amostragem por acessibilidade é do tipo não probabilística, e caracteriza-se por ser a menos rigorosa, uma vez que o pesquisador não seleciona os elementos aos quais se tem acesso para compor a amostra e para que a pesquisa se realize.

### **3.3 Instrumentos**

Os instrumentos para a realização do estudo de caso foram o questionário para os alunos e a entrevista para os coordenadores de curso, também utilizou-se das planilhas de análise de ementa das disciplinas.

O questionário foi elaborado pela autora desta dissertação, por meio de questões abertas ou livres, para possibilitar uma investigação mais profunda acerca do que os alunos entendem por empreendedorismo e sua importância; questões fechadas ou fixas, permitindo respostas mais objetivas; questões de múltipla escolha; e escala likert como demonstrado no Apêndice A.

As questões foram elaboradas após o levantamento da literatura que indica elementos constituintes do empreendedorismo, como perfil do empreendedor, conceito de empreendedorismo, habilidades empreendedoras e educação empreendedora.

Estes mesmos elementos foram empregados na elaboração da entrevista para os coordenadores.

A entrevista, do tipo estruturada, desenvolvida pela pesquisadora, composta por nove perguntas abertas que tinham por objetivo obter, dos entrevistados, respostas às mesmas questões já presentes no questionário para os alunos, como exposto no Apêndice B.

Ainda foram utilizadas planilhas para organização dos conteúdos das ementas das disciplinas dos cursos para a análise posterior desse material.

### 3.4 Procedimento para Coleta de Dados

A coleta de dados para esta pesquisa seguiu os seguintes passos:

1. Autorização da Instituição de Ensino.
2. Aprovação do Comitê de Ética, parecer nº 709.777, exposto no Anexo F.
3. Aplicação de entrevistas mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram aplicadas na Instituição, gravadas em gravador digital e depois de transcritas, as gravações foram destruídas.
4. Aplicação do questionário por meio da plataforma virtual *google docs*.

Os e-mails dos alunos foram disponibilizados pela Instituição. Os questionários foram enviados para os alunos por meio dos seus e-mails cadastrados na Instituição. Ao acessar o e-mail, o aluno encontrava um link de acesso ao questionário; ao clicar no link, deparavam-se com o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), em que havia a opção de participação ou não da pesquisa. Caso o aluno optasse por responder o questionário recebia a instrução de iniciar o preenchimento; por outro lado, se não houvesse interesse, o aluno era instruído a ignorar as questões.

5. Coleta das ementas das disciplinas de todos os cursos da Instituição de Ensino. As ementas foram recolhidas a partir do site da Instituição disponível ao público geral.

### 3.5 Procedimento para Análise de Dados

A análise dos dados para a realização desse estudo contou com variados procedimentos contemplando os diversos instrumentos (questionário, entrevista, planilha e ementas).



O questionário foi analisado a partir da tabulação dos dados disponibilizados pela base *google docs* que ao receber o dado bruto gerava uma planilha que foi operada em *software* de elaboração de planilhas eletrônicas.

As questões de múltipla escolha e de escala likert foram analisadas quantitativamente com medidas estatísticas de tendência central e dispersão. Cada variável estudada gerou gráficos que foram analisados com base no referencial teórico.

O questionário para os alunos continha duas questões abertas que foram analisadas do mesmo modo que as perguntas da entrevista e geraram quadros explicativos.

As entrevistas (e as questões abertas dos questionários) foram analisadas a partir dos procedimentos da análise de conteúdo.

A pré-análise foi realizada a partir da leitura flutuante que permite um contato intenso com as respostas dos participantes e possibilita a extração de categorias, que de acordo com Franco (2008, p. 59) “é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos”.

A partir da categorização foi possível a interpretação dos resultados gerando quadros.

A análise das ementas das disciplinas foi realizada em três níveis, primeiramente foram identificadas as disciplinas que tratam o empreendedorismo, de maneira direta.

Em seguida mostram-se as disciplinas comuns a todos os cursos, a fim de identificar os aspectos que contribuem para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras.

Na sequência, apresentam-se as disciplinas específicas de cada curso que se relacionam com o contexto do empreendedorismo, na tentativa de identificar se algumas delas podem contribuir para a formação empreendedora.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa teve o propósito de abordar um assunto atual e relevante para o cenário brasileiro, e gerar uma reflexão sobre a importância do empreendedorismo e a necessidade de estimular e/ou fomentar a expansão de práticas e ações que permitam o desenvolvimento de habilidades empreendedoras nos alunos de graduação.

Para a realização desta pesquisa foi estudada uma Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico, localizada no Vale do Paraíba, Estado de São Paulo.

### 4.1 Apresentação e Análise da percepção dos Coordenadores de Curso da Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico

O propósito desta seção é expor os resultados da pesquisa realizada com os Coordenadores de Curso, acerca da importância do empreendedorismo no processo de graduação dos alunos, e ainda, das práticas adotadas pela Instituição para o fomento e o desenvolvimento de habilidades empreendedoras nos discentes.

O instrumento de coleta de dados aplicado aos Coordenadores de Curso foi a entrevista. As entrevistas foram analisadas por meio do método de análise de conteúdo.

A partir dessa análise foram criadas três categorias, ou seja, **Empreendedorismo**, desmembrada em conceito e importância; **Desenvolvimento de Habilidades Empreendedoras**, dividida em Educação Formal, Instituição e Benefícios para os alunos, e **Educação Empreendedora na Instituição**, separada em Programas, Eventos e Práticas Pedagógicas.

Os Quadros 11, 12 e 13 apresentam as categorias e as subcategorias resultantes da análise de conteúdo.

Na categoria Empreendedorismo é destacada a percepção dos Coordenadores de Curso acerca do conceito e da relevância do empreendedorismo.

<b>EMPREENDEDORISMO</b>	
<b>CONCEITO</b>	<b>IMPORTÂNCIA</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sonhos</li> <li>- Saber como realizá-los</li> <li>- Planejamento</li> <li>- Papel na sociedade</li> <li>- O ser pleno</li> <li>- Busca do autoconhecimento</li> <li>- Aprendizado permanente</li> <li>- Liberdade Individual</li> <li>- Atitude</li> <li>- Qualquer pessoa pode ativar a motivação para empreender</li> <li>- Novas experiências e paradigmas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Caminho para superar a angústia humana</li> <li>- Heranças sociais, culturais e filosóficas</li> <li>- Tomar decisão</li> <li>- Oportunidades</li> <li>- Espírito colaborativo em prol do todo</li> <li>- Empresário, empregado ou voluntário</li> <li>- Despertar do indivíduo</li> <li>- Fundamental</li> <li>- Propor novas ideias</li> </ul>

**Quadro 11** – Categoria Empreendedorismo (Coordenadores de Curso)

Fonte: Elaborado pela autora

Para exemplificar a categoria empreendedorismo é possível observar as afirmativas dos respondentes relacionadas ao conceito de empreendedorismo, como segue:

“O empreendedorismo pode ser considerado como o despertar do indivíduo para o aproveitamento integral de suas potencialidades racionais e intuitivas. É a busca do autoconhecimento em processo de aprendizado permanente, em atitude de abertura para novas experiências e novos paradigmas. Portanto, é uma questão de liberdade individual, qualquer pessoa pode ativar a motivação para empreender”. (C2)

“Empreendedorismo é colocar em prática propostas ou ideias com um objetivo de suprir uma necessidade ou colocar em prática habilidades que se destacam em um determinado contexto”. (C3)

As indicações C1, C2 e C3 indicam os participantes de pesquisa coordenadores 1, 2 e 3 que serão assim nomeados para garantia do sigilo.

A partir do Quadro 11 percebe-se que o conceito de empreendedorismo abrange aspectos relacionados à realização de um sonho, à liberdade individual, à atitude e à motivação empreendedora como potencial do ser humano.

Considerando a importância do empreendedorismo entende-se a partir das respostas dos entrevistados que:

“É fundamental, pois através dele pode-se propor novas ideias em formatos diferentes ou não daquelas encontradas na sociedade. Empreender é trazer para si benefícios oriundos dos seus próprios conhecimentos”. (C3)

“[...] é o caminho para superar a angústia humana. É entender sua potencialidade e desenhar vários cenários antes de tomar uma decisão, analisando as oportunidades e o espírito colaborativo em prol do todo. Seja qual for o seu sonho como empresário, empregado ou voluntário”. (C1)

Como já declarado nesta dissertação, o empreendedorismo pode ser definido como o estudo voltado para o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas à criação de um projeto técnico, científico ou empresarial.

Na concepção de Dornelas (2005) está relacionado à implementação de ideias, à busca de oportunidades e à auto-realização.

Além disso, considerando sua relevância, é possível ressaltar que, de acordo com Schumpeter (1961), somente a partir de meados do século passado é que passou a ter o significado atualmente conhecido e a ser considerado essencial para a geração de riquezas de um país, principalmente, por promover o crescimento econômico, gerar empregos e renda, possibilitando melhores condições de vida para a sociedade em geral.

E ainda, considerando a percepção Timmons, representa uma revolução para o século XXI, de proporções semelhantes, ou até mesmo superiores, àquela provocada pela revolução industrial.

<b>DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES EMPREENDEDORAS</b>		
<b>EDUCAÇÃO FORMAL</b>	<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>BENEFÍCIOS PARA OS ALUNOS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mais sentido e significado para a aprendizagem</li> <li>- Sistematizada</li> <li>- Conceitos importantes</li> <li>- Formação do indivíduo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Disciplinas</li> <li>- Prática empreendedora</li> <li>- Habilidades</li> <li>- Papel do empreendedor</li> <li>- Identificar perfil</li> <li>- Encorajar</li> <li>- Característica inovadora</li> <li>- Foco no mercado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Todos têm a mesma oportunidade</li> <li>- Entender o próprio cenário</li> <li>- Orientação</li> <li>- Ações praticadas alinhadas ao mercado durante o processo de graduação ficam bem próximas às encontradas no mercado de trabalho</li> </ul>

**Quadro 12** – Categoria Desenvolvimento de Habilidades Empreendedoras  
 Fonte: Elaborado pela autora

Na categoria Desenvolvimento de Habilidades Empreendedoras é apontado o pensamento dos Coordenadores de Curso sobre a importância da educação formal, o posicionamento da Instituição e os benefícios para os alunos, referentes ao desenvolvimento de habilidades empreendedoras.

O Quadro 12 apresenta a categoria desenvolvimento de habilidades empreendedoras. Observando a importância da educação formal na formação do indivíduo como destaca C1, pode-se afirmar que:

“[...] qualquer aprendizagem formal ou informal é importante para a habilidade empreendedora. O estudo gera experiência que auxilia no entendimento dos cenários. A questão está nos objetivos do ensino formal, eles precisam ter mais sentido e significado para a aprendizagem”. (C1)

“[...] a educação formal é aquela sistematizada, reconhecendo o indivíduo como foco, mas sem deixar de contemplar todos os conceitos que são reconhecidamente importantes para a formação do indivíduo”. (C3)

Esta questão é tão relevante que, resgatando a perspectiva de Hisrich, Peters e Shepherd (2014), apresentada no item 2.4 desta dissertação, pode-se dizer que até a educação sem especialização é importante, pois facilita a integração e o acúmulo de novos conhecimentos, propiciando às pessoas um leque maior de

oportunidades, e auxiliando os empreendedores, principalmente estes, a se adaptarem as novas situações e as exigências do mercado.

Degen (2009) mostra que os graduados em nível superior estão mais bem preparados para reconhecer oportunidades, e conseqüentemente, desenvolver negócios motivados por elas, porém, é preciso observar exemplos como o de Bill Gates, criador da Microsoft, um dos empreendedores mais bem sucedidos do século XX, mesmo sem se graduar.

Segundo o autor, Gates foi admitido em Harvard, e embora não tenha concluído a faculdade por preferir iniciar seu próprio negócio, se beneficiou do ambiente acadêmico para constituir sua empresa, enfatizando, dessa maneira, a relevância da educação formal para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras.

O que deixa clara também, a importância da instituição para o estímulo de habilidades empreendedoras em seus alunos, como observam os respondentes:

“[...] todos os cursos da instituição possuem disciplinas que promovem a sensibilização para a prática empreendedora [...] As práticas pedagógicas dos professores são diferentes. Com o intuito de promover o desenvolvimento de habilidades de empreendedorismo [...]”. (C1)

“O papel de cada professor neste processo é identificar alunos com perfil empreendedor e encorajar os mesmos [...] com ideias inovadoras”. (C2)

“Podemos identificar em várias disciplinas, nos diferentes cursos e semestres tal característica, seja ela através de uma atividade interdisciplinar, seja em uma atividade que exija uma característica inovadora em sua proposta, sempre tendo como foco o mercado de trabalho e suas necessidades”. (C3)

Diante dessas observações, tem-se de acordo com Drucker (2002) que as Instituições de Ensino Superior precisam estar atentas para a forma como os profissionais se preparam para entrar no mercado de trabalho, que vem ao longo do tempo sofrendo alterações. No âmbito escolar e universitário, incentivava-se, até

pouco tempo atrás, os alunos a se prepararem para trabalhar em grandes organizações, como um bem sucedido executivo em uma multinacional ou exercendo um cargo em uma Instituição Pública.

Para Drucker (2002), com as mudanças no mundo, alteraram-se os valores e a preferência pelas formas de negócio. Na economia brasileira, por exemplo, gerir o próprio empreendimento tem sido cada vez mais visto como uma excelente opção para um futuro profissional bem sucedido.

Considerando a subcategoria benefícios para os alunos tem-se as afirmativas dos participantes desta pesquisa, com segue:

“[...] Garanto que todos têm a mesma oportunidade de desenvolver estas habilidades [...] Se forem capazes de entender o próprio cenário já entendo como meta cumprida”. (C1)

“[...] Acredito que as ações praticadas durante o processo de graduação ficam bem próximas às encontradas no mercado de trabalho”. (C3)

Observando Hisrich, Peters e Shepherd (2014), na realidade, descobriu-se que, embora a educação tenha uma influência positiva sobre a probabilidade de uma pessoa descobrir novas oportunidades, ela não determina necessariamente se essa pessoa criará um novo negócio para explorar a oportunidade descoberta. Porém, quanto mais os indivíduos acreditarem que sua educação torna a ação empreendedora mais viável, maior será a chance de se tornarem empreendedores bem sucedidos.

Em geral, os empreendedores têm em mente a ideia de que empreendedorismo não se ensina, se faz. Como consequência disso, os futuros empresários não vão à “escola” buscar formação e informação que os auxilie na jornada empresarial, pelo contrário, preferem “aprender” com as histórias e exemplos de outros empreendedores ou se aventurando por conta própria no “mundo empresarial”.

Diante desse cenário, os benefícios para os alunos que desenvolvem sua graduação em Instituições com foco para o desenvolvimento de habilidades

empreendedoras são particularmente importantes, pois mesmo que não iniciem uma carreira empreendedora, como proprietário de um negócio, a possibilidade de estarem mais bem preparados para atuarem no mercado de maneira mais competitiva é potencializada.

Além disso, vale lembrar que a formação empreendedora não deve ter como objetivo principal a criação imediata de novos negócios, mas passar conceitos e experiências aos potenciais futuros empreendedores do próprio negócio ou de qualquer outra atividade profissional.

<b>EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NA INSTITUIÇÃO</b>		
<b>PROGRAMAS</b>	<b>EVENTOS</b>	<b>PRÁTICAS PEDAGÓGICAS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Incubadora</li> <li>- Prospecção</li> <li>- Novos Negócios</li> <li>- Consultoria</li> <li>- Criação de empresas</li> <li>- Geração de empregos e renda</li> <li>- Treinamentos</li> <li>- Modelos de Negócios</li> <li>- Apoio técnico e conceitual</li> <li>- Colocar em prática projetos e ideias</li> <li>- Caderno de Grupo de Estudos e Pesquisa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Workshops</li> <li>- Encontros Pedagógicos</li> <li>- Mini Cursos</li> <li>- Profissionais e Instituições conceituados</li> <li>- Atualização profissional</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Projetos Interdisciplinares</li> <li>- Repensar</li> <li>- Resultados interessantes</li> <li>- Metodologias Ativas</li> <li>- Soluções de Problemas</li> <li>- Gestão do Conhecimento</li> </ul>

**Quadro 13** – Categoria Educação Empreendedora na Instituição  
Fonte: Elaborado pela autora

Na categoria Educação Empreendedora na Instituição é evidenciada a impressão dos Coordenadores de Curso a respeito da educação empreendedora praticada na Instituição, como exposto no Quadro 13.

Essa categoria é dividida em programas, eventos e práticas pedagógicas, cujo objetivo é entender as ações da Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico, objeto de estudo, relacionadas ao empreendedorismo.

Na subcategoria programas observa-se, a partir das respostas dos Coordenadores de Curso, o destaque dado à Incubadora criada na Instituição, como segue:



“Estamos terminando o processo de criação da Incubadora que atuará na prospecção e desenvolvimento de novos negócios. Serão atividades de consultoria realizadas pelos professores da Instituição que darão suporte para o desenvolvimento de um novo negócio. Entendemos que será de alta relevância como prática de desenvolvimento de empresas e geração de empregos e renda para a região”. (C1)

“Na nossa Unidade temos uma Incubadora [...] tem um foco de Inovação e Empreendedorismo”. [...] Com a Incubadora estamos gerando muitos treinamentos voltados ao Empreendedorismo [...]”. (C2)

“[...] através da Incubadora os alunos podem colocar em prática ideias e projetos que foram amadurecendo ao longo da graduação. E, a partir do apoio técnico e conceitual dos professores e Instituição de Ensino, materializam o projeto de forma que fique bem adequado para ser apresentado para o mercado”. (C3)

De acordo com Filion (2000) as políticas voltadas para os empreendedores inovadores devem estar vinculadas à formação de incubadoras tecnológicas e também ao aprofundamento da relação universidade-empresa.

Para Dornelas (2002), uma incubadora de empresas, por ser um ambiente flexível e encorajador, proporciona certas facilidades para o surgimento e o desenvolvimento dos novos empreendimentos, fornecendo serviços diversos como assessoria no planejamento e na elaboração do plano de negócios, apoio jurídico e contábil, oferta de serviços compartilhados como laboratórios, telefones, fax, internet, correio, água, luz, segurança, além de facilitar contatos com entidades governamentais e investidores, entre outros.

É possível perceber a relevância da criação de ambientes favoráveis ao desenvolvimento de habilidades empreendedoras também quando considerado a pesquisa GEM (2013) que mostra que a maior parte dos empreendimentos brasileiros são pouco inovadores, uma vez que 97% dos negócios ofertam ao mercado produtos e/ou serviços já existentes.

Além disso, grande parte dos empreendedores (63%) investe em segmentos com a existência de muitos concorrentes. E ainda, a tecnologia ou processo utilizado em 99,5% desses empreendimentos tem mais de cinco anos.

Uma incubadora, de acordo com a percepção dos Coordenadores de Curso, além de criar um ambiente propício à inovação, por meio das consultorias, suportes e treinamentos voltados ao empreendedorismo pode permitir o desenvolvimento de novas empresas e de novos empreendimentos.

Como ressaltado por C1, a Incubadora, na Instituição objeto de estudo, está em processo final de criação. De acordo com os Coordenadores de Curso, mesmo nessa fase inicial, a Incubadora torna-se importante a partir do momento em que os alunos encontram um ambiente que possa orientá-los a identificar uma oportunidade e/ou um problema e, a partir dos conhecimentos adquiridos no processo de graduação, a propor soluções.

Para C3, uma Incubadora em um ambiente acadêmico propicia aos alunos um espaço voltado à inovação e ao desenvolvimento de habilidades empreendedoras que possivelmente permitirão um “leque” maior de opções, em que os alunos são estimulados a encontrar um caminho além da busca de uma carreira tradicional, como funcionário de uma empresa privada ou como funcionário público, por exemplo.

Observando ainda que, de acordo com o GEM (2013), mais de 80% dos entrevistados no Brasil consideram abrir um negócio uma opção desejável de carreira, é fundamental que as Instituições de Ensino Superior promovam programas e ações que possibilitem o desenvolvimento de habilidades empreendedoras em seus alunos.

Facilitando, dessa maneira, o processo de identificação de problemas e a apresentação de propostas de solução para os problemas observados, habilidades importantes tanto para aqueles que desejam empreender, quanto para aqueles que almejam uma carreira tradicional, porque, a partir disso, pode-se gerar a formação de profissionais mais “sensíveis” às necessidades dos negócios e do mercado, e maior percepção da aplicabilidade dos conceitos e teorias adquiridos em sala de aula.

Com relação à subcategoria **eventos** percebe-se que a Instituição promove workshops, encontros pedagógicos, mini cursos, com a participação de profissionais e Instituições conceituadas, como observa C3.

“[...] através de *workshops*, encontros pedagógicos e mini cursos com profissionais e instituições de renome, procura sempre atualizar com as propostas mais significativas e que são praticadas pelas mais conceituadas instituições de ensino superior”.

O Quadro 13 apresenta ainda a subcategoria práticas pedagógicas, que tem por objetivo mostrar a concepção dos Coordenadores de Cursos, acerca das ações realizadas pela Instituição na intenção de promover a educação empreendedora, que tem ocorrido, também, por meio das práticas pedagógicas, com destaque aos Projetos Interdisciplinares, como pode ser observado a seguir:

“[...] os Projetos Interdisciplinares [...] em todos os semestres dos cursos. Isto promoveu um necessário repensar nas práticas pedagógicas dos professores gerando inicial desconforto, mas resultados interessantes na aprendizagem”. (C1)

“Trabalhamos com metodologias ativas, com projetos aos alunos, soluções de problemas, gestão do conhecimento”. (C2)

“[...] estas características, na minha concepção, são todas as características que podemos encontrar nos nossos projetos interdisciplinares, praticados na maioria dos semestres dos cursos [...]”. (C3)

Seguindo a perspectiva de Fillion (2000), a formação empreendedora é possível desde que a concepção pedagógica e o processo de ensino/aprendizagem se diferenciem do padrão tradicional, pautados prioritariamente na relação passiva professor/aluno.

Alterações na concepção pedagógica do ensino se tornam necessárias na medida em que as habilidades e competências a serem desenvolvidas pressupõem a formação profissional para atuação em ambientes marcados pela incerteza, pela escassez de recursos, entre outras (FILION, 2000).

Para Lima et al. (2011, p. 09), “a partir dos anos 1990, as competências empreendedoras passaram a ser consideradas no Brasil como importantes aliadas do desenvolvimento social”.

E por isso mesmo, sempre que possível, devem ser estimuladas ao longo do processo de graduação, como acontece nas escolas americanas, em que a multidisciplinaridade é conveniente para a formação empreendedora, uma vez que o professor de contabilidade, por exemplo, dedica algumas aulas para falar sobre o processo de abertura de novas empresas, o professor de marketing explica como montar campanhas de comunicação com baixo orçamento, o professor de direito fala sobre as categorias tributárias de pequenas empresas, e assim por diante.

De acordo com Drucker (2002), o objetivo de cursos voltados para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras não deve ser apenas o de ensinar a criar e gerenciar novos negócios, mas, sim, o de promover uma nova forma de ensino/aprendizagem que estimule a criatividade, reforce a auto-estima e a capacidade de obter sucesso nos seus esforços profissionais e pessoais, como pode ser entendimento a partir das afirmativas dos Coordenadores de Curso da Instituição, objeto de estudo.

Diante desse contexto, vale ressaltar que segundo os Coordenadores de Curso, com a prática interdisciplinar, os alunos são estimulados a desenvolver algumas habilidades transversais, como, por exemplo, trabalho em equipe, flexibilidade, inteligência emocional, pró-atividade, capacidade de comunicação escrita e falada, tolerância a realidades incertas e não lineares, liderança, entre outras, tão pertinentes à atividade empreendedora quanto para as competências técnicas.

#### **4.2 Apresentação e Análise da percepção dos Alunos da Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico**

Esta seção se dedica a apresentar os resultados da pesquisa realizada com os alunos do 5º e 6º semestres dos Cursos Superiores de Tecnologia oferecidos pela Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico.

O objetivo é entender a percepção dos alunos a respeito da importância do empreendedorismo e da prática de seu ensino no processo de graduação em que estão submetidos.

Na Tabela 11 são apresentados os dados sócio-demográficos que permitem a compreensão do perfil da amostra estudada.

Na primeira coluna são designados os cursos, ou seja, o Curso 1 refere-se ao Cursos Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial - GE; o Curso 2 indica o Curso Superior de Tecnologia em Gestão da Tecnologia da Informação - GTI. Já o Curso 3 aponta o Curso Superior de Tecnologia em Logística - LOG; o Curso 4 relaciona-se ao Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas - ADS, e por fim o Curso 5 mostra o Curso Superior de Tecnologia em Gestão Financeira - GFIN.

**Tabela 11** – Distribuição da amostra por curso, alunos, sexo, semestre e faixa etária

CURSO	ALUNOS	SEXO		SEMESTRE		FAIXA ETÁRIA			
		Feminino	Masculino	5º	6º	18-25	26-35	36-45	46-55
1	17,4%	75%	25%	25%	75%	50%	25%	25%	0%
2	43,5%	30%	70%	70%	30%	60%	40%	0%	0%
3	13,0%	100%	0%	33%	67%	66,7%	33,3%	0%	0%
4	8,7%	50%	50%	0%	100%	100%	0%	0%	0%
5	17,4%	75%	25%	75%	25%	50%	0%	25%	25%
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>	<b>56,5%</b>	<b>43,5%</b>	<b>52,2%</b>	<b>47,8%</b>	<b>60,9%</b>	<b>26,1%</b>	<b>8,7%</b>	<b>4,3%</b>

Fonte: Elaborada pela autora

Considerando a segunda coluna tem-se o percentual de alunos que participaram desta pesquisa, por curso. Vale ressaltar que o público alvo deste estudo são os 110 alunos matriculados nos 5º e 6º semestres dos cursos oferecidos pela Instituição; no entanto, a amostra foi composta de 74 participantes.

De acordo com a Tabela 11, dos 74 respondentes, 17,4% dos alunos afirmaram estar matriculados nos Curso Superior de Tecnologia em GE; 43,5% da amostra representam os alunos do Curso Superior de Tecnologia em GTI. Os discentes matriculados no Curso Superior de Tecnologia em LOG compõem 13% do total desta amostra; 8,7% referem-se aos alunos do Curso Superior em Tecnologia

em ADS, e os 17,4% restantes são alunos do Curso Superior de Tecnologia em GFIN.

Como é possível verificar na Tabela 11, do total de pesquisados, 56,5% são do gênero feminino, enquanto que 43,5% são do gênero masculino. O curso 2 apresenta o maior percentual de respondentes do gênero masculino, enquanto que os alunos matriculados no curso 3, que compõem esta amostra, são todos do gênero feminino.

Com relação ao semestre em que estão matriculados, cerca de 52% responderam cursar o 5º semestre, e 47,8% afirmaram estar matriculados no 6º semestre.

No que se refere à faixa etária, nota-se que aproximadamente 61% dos respondentes tem de 18 a 25 anos de idade; 26% estão na faixa de 26 a 35 anos e quase 9% encontram-se entre 36 e 45 anos de idade, ou seja, cerca de 96% dos alunos pesquisados estão inseridos na faixa etária correspondente ao início da carreira da maior parte dos empreendedores brasileiros, considerando a perspectiva de Hirisch, Peters e Shepherd (2014), quando afirmam que, no Brasil, a maior parte dos empreendedores inicia sua carreira na faixa etária de 22 a 45 anos.

Além disso, e considerando o SEADE (2011), pode-se observar que 66,75% da população do município, em que está inserida a Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico, objeto deste estudo, encontra-se na faixa de 16 a 59 anos de idade.

Conforme o IBGE (2011), essa população encontra-se na faixa de idade considerada economicamente ativa, tendo representatividade na força de trabalho do país.

Nesse sentido, os Cursos Superiores de Tecnologia assumem uma posição de vital importância para o crescimento econômico e o desenvolvimento social da cidade e região, por promoverem a formação profissional, e possivelmente capacitarem os alunos para iniciarem uma carreira empreendedora, se desejarem.

Para entender a percepção dos alunos acerca do conceito e da importância do empreendedorismo, foram elaboradas duas questões abertas no questionário, posteriormente analisadas por meio do método de análise de conteúdo.

Tendo em vista essa análise, foi criada uma categoria denominada **Empreendedorismo**, desmembrada em conceito e importância, exposta no Quadro 14.

<b>EMPREENDEDORISMO</b>	
<b>CONCEITO</b>	<b>IMPORTÂNCIA</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- resolver um problema</li> <li>- agregar valor</li> <li>- criar</li> <li>- melhorar a vida das pessoas</li> <li>- sonhar</li> <li>- saber fazer</li> <li>- inovação</li> <li>- por as ideias em prática</li> <li>- compreender o mercado</li> <li>- enxergar um oportunidade</li> <li>- criar empresa, produto, serviço</li> <li>- modelo de negócio</li> <li>- benefícios ao público</li> <li>- desenvolvimento de competências e habilidades</li> <li>- realizar</li> <li>- executar alguma tarefa</li> <li>- gerar lucro ou renda</li> <li>- administrar seu próprio negócio</li> <li>- desafio</li> <li>- futuro promissor</li> <li>- visionário</li> <li>- algo novo</li> <li>- caminhar por lugares desconhecidos</li> <li>- tomar atitudes</li> <li>- coragem</li> <li>- gerenciar empresas</li> <li>- espírito empreendedor</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- identificar oportunidades</li> <li>- transformar</li> <li>- negocio lucrativo</li> <li>- fundamental</li> <li>- importante para criar inovações</li> <li>- concretizar sonhos</li> <li>- ajudar comunidade local, a economia e o país</li> <li>- novas tecnologias</li> <li>- tornar os serviços mais práticos</li> <li>- agregar valor as atividades do cotidiano</li> <li>- instiga o ser humano</li> <li>- adaptação</li> <li>- contribuir em escala social</li> <li>- variedade de soluções</li> <li>- estimula a criatividade, a responsabilidade, a capacidade de organização</li> <li>- habilidades e competências para inovar</li> <li>- deve-se ser trabalhado e estimulado o tempo todo</li> <li>- mudar o estilo de vida</li> <li>- muitas pessoas que vivem disto</li> <li>- mercado mais competitivo</li> <li>- melhores produtos, serviços, atendimento</li> <li>- melhoria contínua</li> <li>- contribuição econômica como um todo</li> <li>- não deixar o mundo estagnar</li> <li>- move o mundo</li> <li>- gerar empregos</li> <li>- criar novos produtos e serviços</li> <li>- utilizar ideias, visões, imaginação</li> <li>- importante para o serviço público, privado ou autônomo</li> </ul>

**Quadro 14** – Categoria Empreendedorismo (Alunos)  
Fonte: Elaborado pela autora

Nesta categoria é destacada o entendimento dos Alunos acerca do conceito e da relevância do empreendedorismo.

Como é possível perceber, o conceito de empreendedorismo, na visão dos alunos pesquisados, relaciona-se à solução de problemas, à melhora da vida das pessoas, ao sonho, à inovação, à criação de uma empresa, produto ou serviço, ao desenvolvimento de competências e habilidades, ao futuro promissor, ao espírito empreendedor, entre outros.

Para exemplificá-la é possível observar as afirmativas dos respondentes relacionadas ao **conceito** de empreendedorismo, como segue:

“É a capacidade de compreender o mercado, enxergar uma oportunidade e trazer algo diferenciado e inovador, seja na forma de produto ou serviços e até mesmo em algum processo já existente”. (A5)

“O empreendedorismo trata da criação de um produto, empresa ou modelo de negócio que atenda a uma determinada necessidade no mercado, significa buscar formas de produzir soluções de forma ampla e que tragam benefícios ao público”. (A7)

“Empreendedorismo consiste na ideia de lançar-se a um desafio, ao desenvolvimento de um negócio ou ideia no qual você acredita ter um futuro promissor”. (A12)

Isso mostra que a concepção dos alunos converge com as ideias dos autores mencionados na revisão da literatura desta dissertação, como por exemplo, quando Drucker (2002), utiliza o empreendedorismo para designar os estudos relativos ao empreendedor, aquele que cria algo novo, algo diferente, que muda ou transforma valores.

Ou ainda quando Dornelas (2005) diz que o empreendedorismo tem a ver com fazer diferente, antecipar-se aos fatos, implementar ideias, buscar oportunidades e assumir riscos calculados, e que está relacionado à busca da auto-realização.

Além disso, quando Veit e Gonçalves Filho (2007) ressaltam que, de acordo com o pensamento de Schumpeter, a essência do empreendedorismo está na percepção e na exploração de novas oportunidades, e no âmbito dos negócios, na utilização de recursos de maneira inovadora, ou seja, que o empreendedor é um inovador, etc.

E também, quando Hisrich (1985) afirma que o empreendedorismo é o processo de criar algo diferente e com valor, dedicando o tempo e o esforço necessários, assumindo os riscos financeiros, psicológicos e sociais correspondentes e recebendo as consequentes recompensas da satisfação econômica e pessoal.

Considerando a subcategoria importância do empreendedorismo entende-se a partir das respostas dos discentes que:



“É fundamental para aprimorar o que já conhecemos, é muito importante para criar inovações”. (A2)

“A importância do empreendedorismo pra mim é a obtenção dos sonhos das pessoas, ajudando a sua comunidade local, a economia e o país”. (A3)

“Além da contribuição para criação de negócios que tendem a tornar os serviços mais práticos e agregar valor às atividades do cotidiano, o empreendedorismo instiga o ser humano a se adaptar as diversas circunstâncias, capacitando-o, assim a buscar informações e conhecimento que contribuem em escala social”. (A20)

“Empreendedorismo é de suma importância, pois ter habilidades e competências para inovar em um produto, mesmo que seja em um processo desse produto, é algo escasso e que deve-se ser trabalhado e estimulado o tempo todo. O empreendedorismo tem a capacidade de mudar o estilo de vida”. (A48)

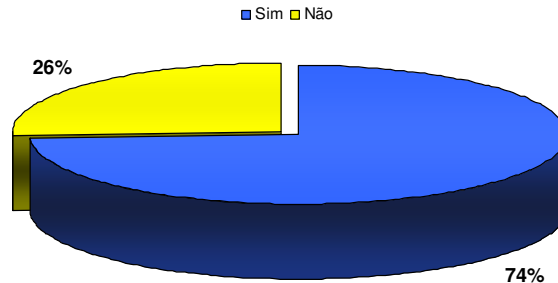
“Sua importância reside em permitir às pessoas não deixarem o mundo estagnar, é o que mantém o mercado competitivo, pois ao mesmo tempo, derruba e ergue economias, traz novas tecnologias; é uma forma de curiosidade que traz toda espécie de benefícios e prejuízos a todos nós, que move o mundo”. (A52)

De acordo com o Quadro 14, os discentes afirmam que o empreendedorismo é fundamental para a criação de novos mercados, tecnologias, inovações; para tornar os serviços mais práticos, agregar valor as atividades do cotidiano; para estimular a criatividade, a responsabilidade, a capacidade de organização; para a geração de empregos e renda, ou seja, para não deixar o mundo “estagnar”.

É, na percepção dos alunos, relevante ainda, para o desenvolvimento econômico e social, visto que por meio da atividade empreendedora as pessoas podem alterar seu estilo de vida, podem concretizar sonhos, podem ser instigadas a contribuir em escala social, podem “mover o mundo”, etc.

Tal percepção coincide com o pensamento de Dornelas (2005) que afirma que os empreendedores são grandes geradores de emprego e riqueza, e ainda, que o empreendedorismo é o combustível para o crescimento econômico porque gera prosperidade.

O que aumenta a aptidão da população brasileira em relação à atividade empreendedora já ressaltada pelo GEM (2012), e também observada a partir dos dados da amostra pesquisada, como revela o Gráfico 5.

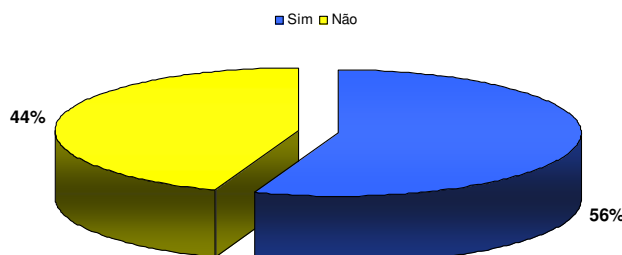


**Gráfico 5 – Deseja empreender**  
Fonte: Elaborado pela autora

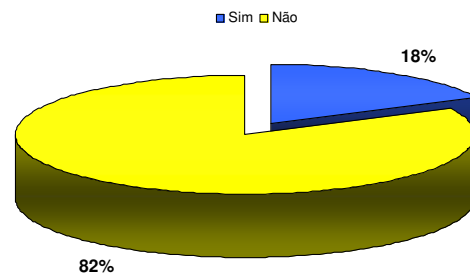
De acordo com o Gráfico 5, com relação aos alunos pesquisados, nota-se que 74% dos respondentes admitiram o desejo de empreender, reforçando a pesquisa GEM (2013) quando diz que 35% dos brasileiros afirmaram desejar empreender, representando o terceiro maior sonho da população brasileira; contrapondo os 24,7% que desejam desenvolver uma carreira como funcionário e não como proprietário.

Considerando os Gráficos 6 e 7, é possível perceber que, no momento da pesquisa, mesmo diante do desejo de empreender, 56% dos alunos, nesse estágio final da graduação, estão inseridos no mercado de trabalho, ou seja, exercem atividade remunerada, porém, a maior parte dos pesquisados (82%) afirmaram não exercer alguma atividade empreendedora, como por exemplo, possuir uma empresa.

Pelo contrário, a maior parte dos respondentes afirmou atuar como funcionário em empresa privada, exercendo atividades referentes à função de estagiário.



**Gráfico 6 – Exerce atividade remunerada**  
Fonte: Elaborado pela autora



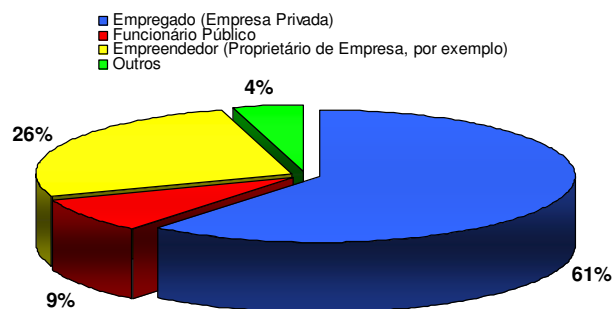
**Gráfico 7 – Exerce atividade empreendedora**  
Fonte: Elaborado pela autora

Como ressaltado no item 2.3, desta dissertação, referente à carreira empreendedora, para o GEM (2013), iniciar uma atividade empreendedora é uma opção desejável de carreira para a maioria dos brasileiros. Em 2013, por exemplo, mais de 80% dos brasileiros que participaram da pesquisa GEM consideravam empreender uma opção desejável de carreira.

Embora o percentual de alunos que estejam, no momento da realização desta pesquisa, inseridos no mercado por meio da atividade empreendedora seja ainda pouco significativo, é preciso destacar que existe uma forte tendência ao desenvolvimento do empreendedorismo por parte dos discentes, se considerarmos os 74% dos alunos que admitiram o desejo de empreender, como exposto anteriormente no Gráfico 5.

Chanlat (1995) observa que diante da diversidade de opções profissionais associadas ao novo conceito de carreira, a carreira empreendedora está focada no indivíduo, na possibilidade de sucesso, baseada em talentos e capacidades individuais e tem como elemento central de ascensão a criação de novos valores, produtos e serviços, e por isso mesmo despertam tanto interesse.

Contudo, de acordo com o Gráfico 8, mesmo diante do afirmativo desejo de empreender, 61% dos alunos pesquisados apontaram que visualizam sua atuação profissional logo após a conclusão da graduação, como empregado em uma empresa privada.



**Gráfico 8** – Carreira após a graduação  
Fonte: Elaborado pela autora

Talvez esse cenário possa refletir o perfil econômico do Município e da Região de Governo em que se localiza a Instituição, objeto deste estudo.

Considerando a Tabela 10, apresentada no item 2.6.1.1 desta dissertação, pode-se notar que o rendimento médio dos empregos formais da indústria, por

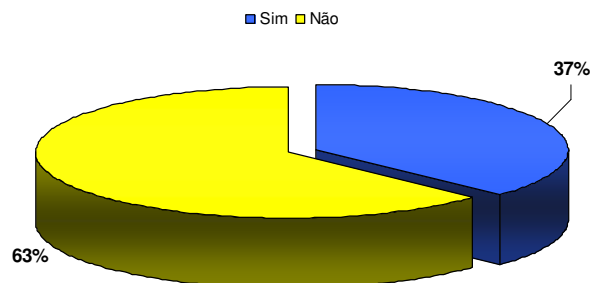
exemplo, gira em torno dos R\$ 3.100,00 e R\$ 2.400,00, com relação ao município e à região de governo, respectivamente; valores superiores aos demais segmentos de atuação profissional na região.

Ainda assim, do total da amostra, 26% disseram que pretendem atuar no mercado como empreendedores assim que finalizarem a educação superior.

Independente da escolha de atuação profissional, para Chanlat (1995), não há impedimento para que cada vez mais, o desenvolvimento do espírito empreendedor e as características associadas a ele, tais como: criatividade, inovação, gosto pelo risco, independência, entre outras, sejam alimentadas.

Até porque, na perspectiva de Dornelas (2005) o que se procura atualmente é estimular o fomento e a geração de novos empreendimentos e, mesmo que o indivíduo não possua seu próprio negócio, espera-se que desenvolva o espírito empreendedor e que atue em qualquer segmento da atividade humana como empreendedor.

Vale ressaltar ainda, com base no Gráfico 9, que 63% dos respondentes relataram não se sentirem preparados para empreender.



**Gráfico 9** – Sente-se preparado para empreender  
Fonte: Elaborado pela autora

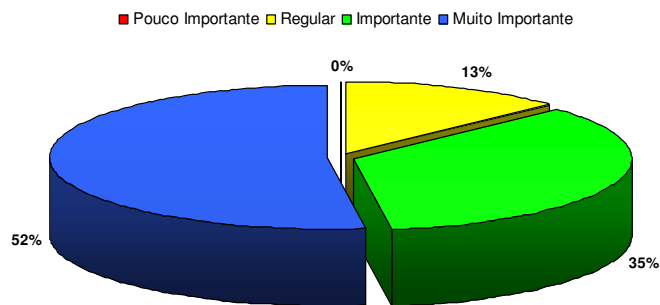
As principais causas apresentadas pelos alunos para justificar a sensação de despreparo para o exercício de alguma atividade empreendedora são, entre outras: falta de experiência profissional, necessidade de aprofundamento das práticas empreendedoras e carência de capital.

A falta de experiência profissional é, dentre as muitas causas para o fracasso empresarial, a mais comum, segundo Hisrich, Peters e Shepherd (2009).

Por isso mesmo, vale lembrar que a formação empreendedora não deve ter como objetivo principal a criação imediata de novos negócios, mas acima disso a

função de apresentar conceitos e experiências aos potenciais futuros empreendedores do próprio negócio ou de qualquer outra atividade profissional, a fim de potencializar as chances de sucesso.

O Gráfico 10 exibe a percepção dos alunos acerca da importância da formação empreendedora na Instituição. Os dados mostram que 52% e 35% classificam-na como muito importante e importante, respectivamente, ou seja, grande parte dos alunos pesquisados evidencia essa característica como positiva para sua formação profissional.



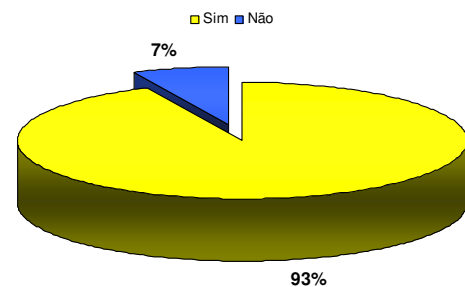
**Gráfico 10** – Formação empreendedora na Instituição  
Fonte: Elaborado pela autora

Quando questionados sobre a existência de disciplinas empreendedoras ao longo do processo de graduação, no âmbito geral, 93% dos alunos afirmaram positivamente, de acordo com o Gráfico 11.

**Tabela 12** – Existem disciplinas empreendedoras

CURSO	SIM	NÃO
GE	100%	0%
GTI	90%	10%
LOG	100%	0%
ADS	100%	0%
GFIN	75%	25%
	<b>93%</b>	<b>7%</b>

Fonte: Elaborada pela autora



**Gráfico 11** – Existem disciplinas empreendedoras  
Fonte: Elaborado pela autora

A Tabela 12 apresenta os percentuais, por curso, no que se refere à percepção dos alunos com relação à existência de disciplinas voltadas à formação empreendedora, nos cursos em que estão matriculados.

Pode-se perceber que do total de respondentes, 100% dos alunos matriculados no Curso Superior de Tecnologia em GE, 90% dos matriculados no

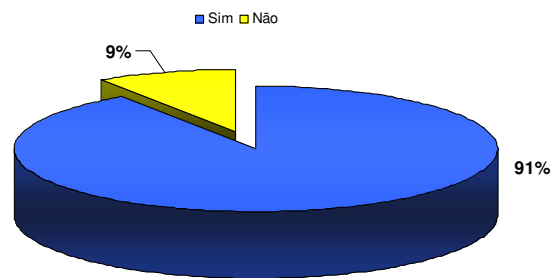
Curso Superior de Tecnologia em GTI, 100% dos discentes dos Cursos Superiores de Tecnologia em LOG e ADS, e 75% dos alunos do Curso Superior de Tecnologia em ADS acreditam que nos cursos em que se encontram matriculados existem disciplinas que permitem a formação empreendedora.

Enfatizando, de certa maneira, o estímulo ao empreendedorismo, destacado por 91% dos discentes, como exposto no Gráfico 12.

**Tabela 13** – Estímulo ao empreendedorismo

CURSO	SIM	NÃO
GE	100%	0%
GTI	90%	10%
LOG	100%	0%
ADS	50%	50%
GFIN	100%	0%
	<b>91%</b>	<b>9%</b>

Fonte: Elaborada pela autora

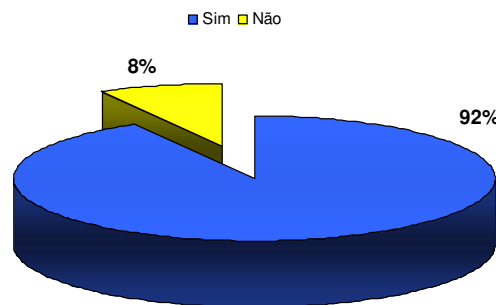


**Gráfico 12** – Estímulo ao empreendedorismo  
Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com a Tabela 13, do total de alunos pesquisados, 90% dos matriculados no Curso Superior de Tecnologia em GTI afirmam haver um estímulo ao empreendedorismo durante o processo de graduação.

Esse estímulo, na visão dos alunos, ocorre ao longo do processo de graduação, a partir das práticas pedagógicas exercidas na Instituição, como por exemplo, as aulas, os projetos, entre outros.

Quando perguntados se as aulas, os projetos e as atividades praticadas em sala de aula permitiam o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, tais como saber planejar, identificar oportunidades, trabalhar em equipe, entre outras, 92% dos alunos responderam positivamente, como destacado no Gráfico 13.



**Gráfico 13** – Desenvolvimento de habilidades empreendedoras  
Fonte: Elaborado pela autora

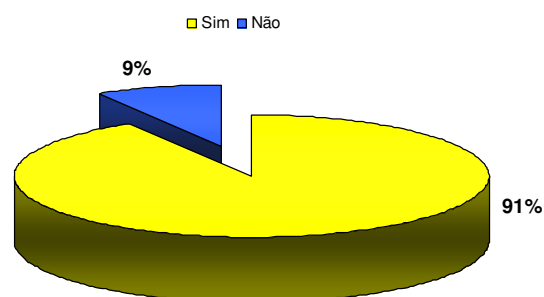
Diante disso, vale ressaltar, de acordo com os alunos, que as atividades dos projetos interdisciplinares são práticas mais próximas do mercado de trabalho e ajudam a exercer o empreendedorismo. Uma vez que, por meio das propostas interdisciplinares, os discentes são estimulados a vivenciar o funcionamento de uma empresa, por exemplo, e com isso, precisam aprender a tomar decisões, trabalhar em equipe, etc.

Os respondentes apontam também, que mesmo sendo propostas fictícias, os projetos interdisciplinares simulam situações próximas à realidade, preparando-os para o que deverão fazer quando estiverem diante de problemas reais, que precisam de soluções igualmente reais, sendo possível compreender porque 91% dos alunos entendem que as habilidades empreendedoras foram estimuladas e ensinadas durante o processo de graduação, como mostra o Gráfico 14.

**Tabela 14** – Habilidades empreendedoras ensinadas

<b>CURSO</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
GE	100%	0%
GTI	100%	0%
LOG	100%	0%
ADS	50%	50%
GFIN	75%	25%
<b>TOTAL</b>	<b>91%</b>	<b>9%</b>

Fonte: Elaborada pela autora



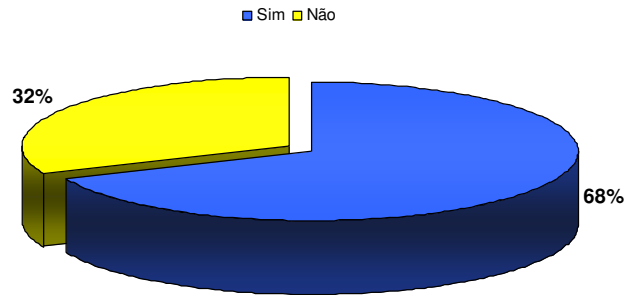
**Gráfico 14** – Habilidades empreendedoras ensinadas  
Fonte: Elaborado pela autora

A Tabela 14 mostra que, da amostra pesquisada, 100% dos alunos matriculados nos Cursos Superiores de Tecnologia em GE, GTI e LOG, 50% dos matriculados no Curso Superior de Tecnologia em ADS, e 75% dos alunos do Curso Superior de Tecnologia em GFIN afirmam que o processo de graduação possibilita o desenvolvimento de habilidades empreendedoras.

Vale destacar que o objetivo da formação empreendedora não é apenas a de capacitar pessoas para a criação e gerenciamento de negócios, mas, o de promover uma forma de ensino e aprendizagem que potencialize a criatividade, reforce a auto-estima e facilite a capacidade de obtenção de sucesso profissional e pessoal, independente da área de atuação.

Guimarães (2002) aponta que a criação de empresas e o desenvolvimento de processos tecnológicos ou gerenciais inovadores ocupam posição secundária nos objetivos da formação empreendedora.

Considerando o Gráfico 15, 68% dos alunos afirmaram saber que a Instituição promove “programas” de estímulo à atividade empreendedora.



**Gráfico 15** – Sabe se existem “programas” de incentivo ao empreendedorismo na Instituição  
Fonte: Elaborado pela autora

Cabe destacar que dos alunos que, no ato da pesquisa, afirmaram saber que a Instituição de Ensino Superior na qual estudam, possui algum “órgão” de incentivo ao empreendedorismo, 100% deles apontaram a existência de uma Incubadora na faculdade, que como ressaltado no item 4.1, encontra-se, atualmente, em processo final de criação.

### **4.3 Apresentação e Análise das ementas das disciplinas dos Cursos Superiores de Tecnologia oferecidos pela Instituição**

Esta seção tem por objetivo apresentar os resultados da análise das ementas das disciplinas dos Cursos Superiores de Tecnologia oferecidos pela Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico, objeto deste estudo.

Vale ressaltar que as ementas analisadas foram obtidas a partir do site da Instituição, disponível ao público geral.

A análise foi realizada em três níveis, como demonstra o Quadro 15.



Diante do Quadro 15 observa-se que, primeiramente, as ementas foram analisadas com o intuito de identificar as disciplinas que tratam o empreendedorismo, de maneira direta. A análise posterior teve como objetivo detectar as disciplinas comuns a todos os cursos, a fim de reconhecer aspectos relacionados ao empreendedorismo ou que possam contribuir para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras.

Na sequência, foram analisadas as demais disciplinas de cada curso, e identificadas àquelas que podem colaborar para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras nos discentes.

<b>NÍVEIS DE ANÁLISE DAS EMENTAS</b>	
<b>Nível 1</b>	Disciplinas que tratam o empreendedorismo, de maneira direta
<b>Nível 2</b>	Disciplinas comuns a todos os cursos
<b>Nível 3</b>	Disciplinas que podem colaborar para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, dentre as demais disciplinas de cada curso.

**Quadro 15** – Níveis de Análise das Ementas

Fonte: Elaborado pela autora

Na Tabela 15 é possível verificar o total de disciplinas por nível. Nota-se, na coluna três, que apenas o Curso Superior de Tecnologia em GTI não contém disciplinas que tratam o empreendedorismo de maneira direta. Também é possível perceber que existem duas disciplinas que são comuns a todos os cursos, como exposto na coluna quatro. Além disso, observa-se que os cursos analisados apresentam em sua estrutura curricular 44 disciplinas.

**Tabela 15** – Total de disciplinas por curso e por nível de análise

<b>Curso</b>	<b>Total de Disciplinas</b>	<b>Total de Disciplinas NÍVEL 1</b>	<b>Total de Disciplinas NÍVEL 2</b>	<b>Total de Disciplinas NÍVEL 3</b>
<b>GE</b>	44	1	2	14
<b>GTI</b>	44	0	2	11
<b>LOG</b>	44	1	2	7
<b>ADS</b>	44	1	2	4
<b>GFIN</b>	44	1	2	11

Fonte: Elaborado pela autora

Tendo em vista os resultados da análise – Nível 1, constata-se apenas três disciplinas, sendo elas: Empreendedorismo, Desenvolvimento de Negócios, e Inovação e Empreendedorismo, como mostra o Quadro 16.

<b>CURSOS SUPERIORES DE TECNOLOGIA DISCIPLINAS “EMPREENDEADORISMO”</b>		
<b>CURSO</b>	<b>DISCIPLINAS</b>	<b>EMENTAS</b>
ADS 5º semestre	Empreendedorismo (2h/a)	Conceitos sobre empreendedorismo. Características e habilidades do empreendedor. O comportamento empreendedor: análise de oportunidades. O processo de geração de ideias e conceito de negócios. Meios para análise de oportunidades e ideias. Estratégia de negócios. Aspectos de planejamento, abertura, funcionamento e gerenciamento de um negócio. Instituições de apoio e financiamento. Desenvolvimento de planos de negócio.
GE e GFIN 6º semestre	Desenvolvimento de Negócios (4h/a)	Definição de negócio, análise dos ambientes de negócios; movimentos competitivos; potencial empreendedor; avaliação de riscos e de oportunidade de novos negócios. Ferramentas para o desenvolvimento e planejamento de novos negócios; Instrumentos e instituições de apoio e fomento ao empreendedorismo. Mecanismos de crédito a novos negócios. Modelos de gestão e cooperação entre novos empreendimentos; plano de negócios.
LOG 6º semestre	Inovação e Empreendedorismo (2h/a)	Fundamentos do empreendedorismo e inovação. Conceitos de inovação voltados à logística. Empreendedorismo e o desenvolvimento econômico. O indivíduo empreendedor. A criação de novas empresas: plano de negócios e formas de financiamento dos empreendimentos. O empreendedorismo coletivo: importância para as pequenas empresas. O empreendedorismo corporativo ou intra-empreendedorismo. O ambiente e a ação empreendedora: influência dos aspectos sociais e culturais e o papel do Estado. Promovendo empreendimentos inovadores. Conceitos de inovação voltados para a logística. Utilização de software para desenvolvimento de plano de negócios.

**Quadro 16** – Disciplinas que tratam o empreendedorismo, de maneira direta  
Fonte: Elaborado pela autora

A disciplina Empreendedorismo compõe a grade curricular do Curso Superior de Tecnologia em ADS, apresentada aos alunos do 5º semestre no processo de graduação. Com essa disciplina, de acordo com a ementa, os alunos são apresentados aos conceitos de empreendedorismo; características, habilidades e

comportamento do empreendedor. Além disso, aprendem aspectos relativos à análise de oportunidades e ao planejamento e desenvolvimento de negócios, entre outros fatores.

Por sua vez, Desenvolvimento de Negócios é oferecida no 6º semestre dos Cursos Superiores de Tecnologia em GE e Tecnologia em GFIN.

Baseado no Quadro 16, pode-se afirmar que essa disciplina tem como propósito definir negócio, analisar ambientes de negócios e potencial empreendedor, apresentar ferramentas e instrumentos para o planejamento e o desenvolvimento de empreendimentos, etc.

Já, a disciplina Inovação e Empreendedorismo é observada no 6º semestre do Curso Superior de Tecnologia em LOG, e tem como objetivo apresentar aos alunos conceitos de inovação voltados à logística, empreendedorismo e desenvolvimento econômico, entre outros.

Vale ressaltar que apenas o Curso Superior de Tecnologia em GTI não apresenta em sua grade curricular nenhuma disciplina que contemple o termo empreendedorismo de maneira direta.

Este cenário reforça a ideia de Dornelas (2005) quando diz que embora o crescimento de cursos de empreendedorismo seja uma boa notícia, as ofertas ainda são tímidas em termos de quantidade de disciplinas oferecidas sobre o tema, que na maioria dos casos, não representa mais do que uma única disciplina.

Cabe destacar ainda, de acordo com Dornelas (2005), que nas escolas americanas, por exemplo, o empreendedorismo é um tema que se desdobra em várias disciplinas obrigatórias e optativas, além de inúmeros outros cursos de extensão complementares específicos como empreendedorismo corporativo, empreendedorismo social, franquias, entre outros; evidenciando, dessa maneira, a relevância do desenvolvimento de habilidades empreendedoras no processo de graduação.

O Quadro 17 apresenta as disciplinas comuns a todos os cursos, decorrentes da análise – Nível 2. Pode-se observar a existência de duas disciplinas comuns a todos os cursos oferecidos, sendo elas: Contabilidade e Comunicação e Expressão.

A disciplina de Contabilidade é oferecida para os alunos no primeiro semestre dos Cursos Superiores de Tecnologia em ADS e Tecnologia em GFIN; no segundo semestre dos Cursos Superiores de Tecnologia em GE e Tecnologia em LOG, e no 3º semestre do Curso Superior de Tecnologia em GTI.

Com relação à disciplina de Comunicação e Expressão, os alunos cursam-na no primeiro semestre dos Cursos Superiores de Tecnologia em GTI, Tecnologia em GE, Tecnologia em GFIN, Tecnologia em LOG, e no segundo semestre do Curso Superior de Tecnologia em ADS.

<b>CURSOS SUPERIORES DE TECNOLOGIA DISCIPLINAS COMUNS</b>		
<b>CURSO</b>	<b>DISCIPLINAS</b>	<b>EMENTAS</b>
1º semestre (ADS e GFIN)  2º semestre (GE e LOG)  3º semestre (GTI)	Contabilidade (2h/a)	Conceito de Contabilidade. Fundamentos de Contabilidade. Demonstrações Contábeis. Participações Societárias. Variações do Patrimônio Líquido. Análise econômico-financeira.
1º semestre (GTI, GE, GFIN e LOG)  2º semestre (ADS)	Comunicação e Expressão (4h/a)	Visão geral da noção de texto. Diferenças entre oralidade e escrita, leitura, análise e produção de textos de interesse geral e da administração: cartas, relatórios, correios eletrônicos e outras formas de comunicação escrita e oral nas organizações. Coesão e coerência do texto e diferentes gêneros discursivos.

**Quadro 17** – Disciplinas comuns a todos os Cursos

Fonte: Elaborado pela autora

Considerando as ementas das disciplinas apresentadas no Quadro 17, nota-se que os Cursos Superiores de Tecnologia oferecidos na Instituição, objeto deste estudo, não possuem disciplinas comuns relacionadas ao empreendedorismo.

Contudo, e de acordo com a perspectiva de Hisrich, Peters e Shepherd (2014) sobre a importância da educação para a formação do empreendedor, quando mencionam que os empreendedores sentem uma necessidade educacional na área de finanças, por exemplo. E que, além disso, a habilidade de se comunicar com clareza, oralmente e por escrito, é tida como importante em qualquer atividade profissional, é oportuno ressaltar que os cinco cursos oferecidos contemplam, em suas grades curriculares, disciplinas comuns que podem possibilitar o desenvolvimento dessas habilidades.

Tendo como base a ementa da disciplina de Contabilidade, observa-se o propósito de apresentar aos alunos os conceitos e fundamentos da contabilidade, demonstrações contábeis, bem como análise econômico-financeira.

Com referência a ementa da disciplina de Comunicação e Expressão, percebe-se que independente da área de atuação, todos os cursos, ao menos por meio dessa disciplina, permitem o desenvolvimento de habilidades relacionadas à escrita, leitura, análise e produção de textos, bem como a elaboração e interpretação de cartas, relatórios, correios eletrônicos e outras formas de comunicação escrita e oral.

Para Dornelas (2005), as habilidades técnicas envolvem saber escrever, saber ouvir as pessoas e captar informações, ser um bom orador, ser organizado, entre outras. Já, as habilidades gerenciais incluem as áreas envolvidas na criação, desenvolvimento e gerenciamento de uma nova empresa, tais como: marketing, administração, finanças, operacional, etc.

Diante disso, é possível notar indícios de que as habilidades técnicas e gerenciais, defendidas por Dornelas (2005) como importantes para o sucesso do empreendedor, são trabalhadas no processo de graduação dos alunos.

Por sua vez, a análise – Nível 3 tem o propósito de apresentar, dentre as demais disciplinas de cada curso, aquelas que podem colaborar para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras nos alunos, preparando-os, dessa forma, também, caso tenham interesse, para a atuação no mercado por meio da atividade empreendedora.

Conforme ressaltado anteriormente, Dornelas (2005) destaca as habilidades técnicas e gerenciais como requisitos fundamentais para o desenvolvimento da atividade empreendedora.

Além disso, somadas às habilidades acima mencionadas, as características pessoais, tais como: visão (projeção) de futuro, habilidade para tomar decisões, iniciativa, perseverança, dinâmica, comprometimento, dedicação, trabalho em equipe, liderança, organização, planejamento, capacidade de assumir riscos, entre outras, que podem potencializar as chances de sucesso e que são inerentes à atividade empreendedora, podem ser estimuladas.

Nesse sentido, a educação empreendedora, além de formar empresários, é capaz de permitir o desenvolvimento desse mix de habilidades, intensificando as possibilidades de triunfo, em qualquer atividade profissional.

O Curso Superior de Tecnologia em ADS, por exemplo, tem a intenção de habilitar os alunos, também para inserirem-se no mercado como empreendedores em informática.

Para que isso se torne possível, é importante que em sua grade curricular existam disciplinas que permitam o desenvolvimento das habilidades empreendedoras em seus alunos.

<b>CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS (ADS)</b>	
<b>Semestre</b>	<b>Disciplinas que podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras</b>
1º semestre	Administração Geral (4h/a)
2º semestre	
3º semestre	
4º semestre	Gestão de Pessoas (4h/a) Gestão de Projetos (4h/a) Ética e Responsabilidade Social (2h/a)
5º semestre	
6º semestre	

**Quadro 18** – Disciplinas identificadas a partir do terceiro nível de análise das ementas (ADS)

Fonte: Elaborado pela autora

Diante disso, com base no Quadro 18 visualiza-se as disciplinas que compõem a grade curricular do Curso Superior de Tecnologia em ADS que podem colaborar para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras nos discentes.

Foram identificadas quatro disciplinas, tais como: Administração Geral, Gestão de Pessoas, Gestão de Projetos e Ética e Responsabilidade Social.

Vale ressaltar que no 2º, 3º e 4º semestres não foram identificadas disciplinas que pudessem auxiliar o desenvolvimento de habilidades empreendedoras no Curso Superior de Tecnologia em ADS.

Considerando as ementas das disciplinas mencionadas, destacadas no Anexo A, têm-se, com relação à primeira, a apresentação de conceitos e métodos relacionados à prática e aos processos administrativos; além das funções básicas do processo de gestão, tais como: produção, marketing, finanças, etc.

A disciplina Gestão de Pessoas possibilita aos alunos o desenvolvimento de habilidades, como por exemplo, liderança, criatividade, iniciativa, capacidade de síntese e de planejamento, trabalho em equipe, negociação; possibilita ainda, o aprendizado de atitudes para a resolução de conflitos, etc.

De acordo com a ementa da disciplina de Gestão de Projetos observa-se o desenvolvimento do conjunto de conhecimentos de gestão de projetos, tais como, a comparação entre o gerenciamento por projetos com o gerenciamento tradicional, o ciclo de vida de um projeto, além dos fatores de sucesso e insucesso de projetos e sua mensuração, entre outros.

Já, a disciplina Ética e Responsabilidade Social pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras ao trazer para o contexto da sala de aula discussões referentes ao comportamento profissional ético, além de apresentar conceitos, princípios e normas de direito público e privado aplicados à atividade empresarial e ao exercício profissional.

Sendo assim, pode-se entender que, mesmo com um número reduzido de disciplinas identificadas no que concerne ao desenvolvimento de habilidades empreendedoras, é oportuno salientar que os alunos do Curso Superior de Tecnologia em ADS têm a oportunidade de conhecer, trabalhar e desenvolver tais habilidades ao longo do processo de graduação, ainda que de maneira discreta.

<b>CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO - GTI</b>	
<b>Semestre</b>	<b>Disciplinas que podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras</b>
1º semestre	Processos Gerenciais (4h/a)
2º semestre	Gestão de Pessoas (4h/a)
3º semestre	Gestão da Produção (4h/a)
4º semestre	Gestão Financeira (4h/a) Gestão de Projetos (4h/a) Fundamentos de Marketing (2h/a)
5º semestre	Sistemas Integrados de Gestão e Aplicações (4h/a) Gestão e Governança de Tecnologia da Informação (4h/a) Planejamento e Gestão Estratégica (4h/a)
6º semestre	Negócios Eletrônicos (2h/a) Gestão Econômica (4h/a)

**Quadro 19** – Disciplinas identificadas a partir do terceiro nível de análise das ementas (GTI)

Fonte: Elaborado pela autora

O Quadro 19, por sua vez, aponta as disciplinas que, de acordo com as ementas apresentadas no Anexo B, podem auxiliar a promoção de habilidades empreendedoras nos alunos matriculados no Curso Superior de Tecnologia em GTI.

É importante ressaltar que assim como os profissionais graduados em ADS, o Tecnólogo em GTI assume um papel de destaque para o desenvolvimento da atividade empreendedora no país.

Esse profissional é qualificado para atuar em um segmento da área de informática que abrange a administração dos recursos de infraestrutura física e lógica dos ambientes informatizados, e dessa forma, pode contribuir para criação e desenvolvimento de negócios mais inovadores.

Como pode ser observado no Quadro 19, foram identificadas, dentre as 44 disciplinas oferecidas ao longo do curso, 11 que podem favorecer o crescimento dos alunos no que concerne à prática do empreendedorismo.

As disciplinas destacadas são: Processos Gerenciais, Gestão de Pessoas, Gestão da Produção, Gestão Financeira, Gestão de Projetos, Fundamentos de Marketing, Sistemas Integrados de Gestão e Aplicações, Gestão e Governança de Tecnologia da Informação, Planejamento e Gestão Estratégica, Negócios Eletrônicos e Gestão Econômica.

A disciplina Processos Gerenciais apresenta os conceitos e os métodos administrativos, além dos aspectos relacionados ao apoio da tecnologia aos processos gerenciais, conhecimentos primordiais para a formação de um Gestor de Tecnologia em GTI.

Com relação às habilidades técnicas, ressaltadas por Dornelas (2005), destaca-se a disciplina Gestão de Pessoas como uma matéria capaz de construir essa competência, por meio do conteúdo referente à gestão estratégica de pessoas.

No que diz respeito ao fomento das habilidades gerenciais pode-se observar, como exemplo, a disciplina Gestão da Produção que possibilita o conhecimento, o entendimento e a aplicação de técnicas e ferramentas de administração da produção.

As disciplinas Gestão Financeira e Gestão Econômica também estimulam a construção de habilidades gerenciais, uma vez que trazem para os estudantes de GTI fundamentos da gestão financeira, ambiente financeiro e conceitos financeiros; fontes de financiamento; técnicas de análise e planejamento financeiro; administração de capital de giro; conceitos referentes à política de preços; análise de investimentos, entre outros, conhecimentos verdadeiramente significativos para o sucesso, se considerado que os aspectos financeiros são um dos maiores entraves para a manutenção dos negócios no cenário nacional.



Assim como para o Curso de ADS, a disciplina Gestão de Projetos garante ao aluno de GTI o desenvolvimento do conjunto de conhecimentos de gestão de projetos, tais como, a comparação entre o gerenciamento por projetos com o gerenciamento tradicional, o ciclo de vida de um projeto, além dos fatores de sucesso e insucesso de projetos e sua mensuração, entre outros.

A disciplina Fundamentos de Marketing contribui para o entendimento dos conceitos básicos de marketing, tais como: produto, preço, praça e promoção. Aprendizado importante e potencializado posteriormente com a disciplina Planejamento e Gestão Estratégica que possibilita o entendimento e a aplicação dos conceitos e das ferramentas para gestão estratégica, que envolvem, por exemplo, a construção de cenários e mapas estratégicos, etc.

Por meio da disciplina Sistemas Integrados de Gestão e Aplicações, os alunos são capacitados para a detecção dos impactos da tecnologia na gestão de negócios. Em Gestão e Governança de Tecnologia da Informação, o Gestor em GTI é treinado para planejar estrategicamente o uso da tecnologia alinhada ao negócio.

Talvez, por meio dessas duas disciplinas o Curso Superior de Tecnologia em GTI faça a sua maior contribuição para o desenvolvimento da prática empreendedora, considerando que grande parte dos negócios brasileiros não se atenta à necessidade de utilização da tecnologia alinhada à realidade do mercado para a conquista e manutenção do sucesso.

Por fim, tem-se a disciplina Negócios Eletrônicos que faz, de acordo com a ementa analisada, a Internet como um canal de negócios, permitindo a construção de uma visão geral e estratégica de desenvolvimento de negócios eletrônicos; além disso, apresenta conceitos relacionados às transações monetárias on-line e dinheiro digital, etc.

Diante dessas observações pode-se dizer que, ainda que o Curso Superior de Tecnologia em GTI não tenha a intenção primária de formar empreendedores, é possível que os alunos, durante o processo de graduação, tenham a chance de desenvolver habilidades técnicas e gerenciais que possam favorecer o melhor desempenho profissional no que se relaciona também à atividade empreendedora.

Já o Quadro 20, relaciona as disciplinas que, após análise das ementas, expostas no Anexo C, foram identificadas como possíveis fomentadoras de habilidades empreendedoras nos alunos do Curso Superior de Tecnologia em GE.

Tendo em vista o curso mencionado, pode-se afirmar que durante o processo de graduação, o aluno é capacitado para atuar no mercado de trabalho de maneira ampla, podendo exercer atividade profissional na indústria, no comércio, em serviços, em empresas de pequeno, médio e grande porte.

Ao desenvolver habilidades gerenciais, tais como elaboração e implementação de planos de negócios, gestão de riscos, negociação, entre outras, podem se tornar empreendedores bem sucedidos.

Diante disso, e considerando ainda o Quadro 20, observa-se 14 disciplinas que podem atuar como desenvolvedoras de habilidades empreendedoras nos alunos do Curso Superior de Tecnologia em GE.

<b>CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO EMPRESARIAL - GE</b>	
<b>Semestre</b>	<b>Disciplinas que podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras</b>
1º semestre	Administração Geral (4h/a)
2º semestre	Comportamento Organizacional (2h/a)
3º semestre	Gestão de Pessoas (4h/a) Gestão de Marketing (4h/a) Sistemas de Informação (4h/a) Organização, Sistemas e Métodos (4h/a)
4º semestre	Comunicação Empresarial Geral (2h/a) Gestão Financeira (4h/a) Logística (4h/a) Planejamento de Marketing (4h/a)
5º semestre	Gestão de Projetos Empresariais (4h/a)
6º semestre	Negócios Internacionais (4h/a) Análise de Projetos de Investimentos (4h/a) Planejamento e Gestão Estratégica (4h/a)

**Quadro 20** – Disciplinas identificadas a partir do terceiro nível de análise das ementas (GE)

Fonte: Elaborado pela autora

As disciplinas observadas são: Administração Geral, Comportamento Organizacional, Gestão de Pessoas, Gestão de Marketing, Sistemas de Informação, Organização, Sistemas e Métodos, Comunicação Empresarial Geral, Gestão Financeira, Logística, Planejamento de Marketing, Gestão de Projetos Empresariais, Negócios Internacionais, Análise de Projetos de Investimentos, e Planejamento e Gestão Estratégica.

Considerando as ementas das disciplinas apresentadas, conforme Anexo C, percebe-se que, a partir da disciplina Administração Geral, os alunos são

apresentados aos conceitos, métodos e processos de gestão pertinentes à criação e manutenção de negócios.

Na disciplina Organização, Sistemas e Métodos são trabalhados aspectos relativos às metodologias para o desenvolvimento organizacional, assim como para a identificação e classificação das disfunções organizacionais, visando a elaboração e aplicação de projetos de melhorias nos processos gerenciais em uma organização.

Por sua vez, a disciplina Comportamento Organizacional trabalha aspectos relacionados à cultura empresarial e ao comportamento humano dentro das empresas. Possibilita ainda, o aprendizado de técnicas de negociação, liderança e administração de conflitos.

Nesse sentido, a disciplina Gestão de Pessoas colabora ao expor a importância das pessoas no processo de gestão empresarial, além de mostrar a evolução da área de recursos humanos, bem como das políticas de administração estratégica de pessoas.

A disciplina Comunicação Empresarial Geral permite o desenvolvimento teórico e prático das habilidades técnicas referentes à comunicação como rede de relações, como por exemplo, comunicação verbal, redação de comunicações internas e externas nos ambientes empresariais, entre outras.

Com as disciplinas Gestão de Marketing e Planejamento de Marketing, os alunos de GE, aprendem aspectos relativos aos ambientes e canais de marketing, gestão de marcas, marketing de serviços, missão, estabelecimento de metas, análise de portfólio, formulação de estratégias de marketing, análise dos elementos de um plano de marketing, e finalmente, elaboração de um plano de marketing.

Sistemas Operacionais, por conseguinte, tem como propósito apresentar informações relacionadas as características e funcionalidades dos sistemas de informação de nível operacional, tático e estratégico nas organizações, ressaltando possivelmente, a importância do alinhando da tecnologia à gestão estratégica dos negócios, principalmente em ambientes competitivos.

Com a disciplina Logística, os alunos estudam fundamentos da logística, tais como: análise da cadeia de suprimentos, compras, planejamento e controle de materiais; análise da logística de distribuição dos produtos, recebimento, armazenagem e expedição, transportes e distribuição, conceitos importantes se considerados os gargalos logísticos para a gestão de negócios no Brasil.

Por meio da disciplina Gestão Financeira, os conceitos financeiros, como fontes de financiamentos, técnicas de análise e planejamento financeiro, administração de capital de giro, entre outros, são explorados. Já, a partir da Análise de Projetos de Investimentos, os fundamentos de investimentos de capitais, projeção do fluxo de caixa, técnicas de avaliação de investimentos são apresentados aos discentes.

Gestão de Projetos Empresariais possibilita a comparação entre o gerenciamento por projetos com o gerenciamento tradicional; o ciclo de vida de um projeto; os fatores de sucesso e insucesso de projetos e sua mensuração.

Negócios Internacionais aborda aspectos relacionados à dinâmica competitiva dos mercados globalizados, além do processo de internacionalização de empresas.

Planejamento e Gestão Estratégica informa a evolução do pensamento estratégico; apresenta as ferramentas de análise de ambiente empresarial e gestão estratégica, bem como construção de cenários e mapas estratégicos. Além disso, formulação, implementação e controle de estratégias também são objetos de estudo por meio dessa disciplina.

Com isso, é possível verificar que, ao longo do processo de graduação, os discentes cursam disciplinas que tendem a favorecer o desenvolvimento de habilidades técnicas e gerenciais, defendidas por Dornelas (2005) como importantes para a atividade empreendedora.

Assim sendo, é preciso destacar que o Curso Superior de Tecnologia em GE qualifica os profissionais para atuarem na gestão de negócios próprios, em diversas áreas, tais como: consultoria, turismo, comércio, indústria, entre outras. E ainda que os Tecnólogos em GE não se tornem empreendedores, há a possibilidade da formação de profissionais mais habilitados ao sucesso por atuarem no mercado com base nas habilidades empreendedoras desenvolvidas e/ou potencializadas ao longo do processo de graduação.

Por sua vez, o Tecnólogo em GFIN é preparado para aplicar métodos, técnicas e conceitos econômico-financeiros. Os profissionais graduados nessa área são qualificados para efetuar o gerenciamento de recursos, capital e investimentos de maneira eficiente.

Deste modo, o Quadro 21 mostra as disciplinas que podem acentuar o desenvolvimento de habilidades empreendedoras nos alunos do Curso Superior de Tecnologia em GFIN.

As 11 disciplinas destacadas são: Administração Geral, Fundamentos de Marketing, Comunicação Empresarial Geral, Planejamento e Gestão Estratégica, Comportamento Organizacional, Fontes de Financiamento, Orçamento Empresarial, Planejamento Tributário, Gestão de Crédito, Planejamento Financeiro e Gestão de Capital de Giro, e Gestão de Riscos, como exposto no Quadro 21

<b>CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO FINANCEIRA - GFIN</b>	
<b>Semestre</b>	<b>Disciplinas que podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras</b>
1º semestre	Administração Geral (4h/a)
2º semestre	Fundamentos de Marketing (2h/a)
3º semestre	Comunicação Empresarial Geral (2h/a)
4º semestre	Planejamento e Gestão Estratégica (4h/a)
5º semestre	Comportamento Organizacional (4h/a)
6º semestre	Fontes de Financiamento (2h/a)
	Orçamento Empresarial (2h/a)
	Planejamento Tributário (2h/a)
	Gestão de Crédito (2h/a)
	Planejamento Financ. e Gestão de Capital de Giro (4h/a)
	Gestão de Riscos (4h/a)

**Quadro 21** – Disciplinas identificadas a partir do terceiro nível de análise das ementas (GFIN)  
Fonte: Elaborado pela autora

Cabe ressaltar que das disciplinas citadas, Comunicação Empresarial Geral e Comportamento Organizacional relacionam-se ao desenvolvimento das habilidades técnicas, pois, de acordo com as ementas apresentadas no Anexo D, ambas disciplinas possibilitam o aprendizado de técnicas que envolvem o escrever, o ouvir e o gerenciar pessoas.

Como exemplo, em Comunicação Empresarial Geral os alunos têm a oportunidade de trabalhar a comunicação como uma rede de relações. Já, a partir da disciplina Comportamento Organizacional atuam em sala de aula com foco no comportamento, aprendendo os processos motivacionais, técnicas de gestão de equipes, conceitos relativos à liderança, à negociação e à gestão de conflitos, etc.

As demais disciplinas observadas no Quadro 21 ligam-se ao desenvolvimento de habilidades gerenciais necessárias à gestão de negócios bem sucedidos, principalmente quando destacada a visão de Hisrich, Peters e Shepherd (2014) ao mencionarem a importância da educação na área de finanças para a formação do empreendedor.

Dessa maneira, as disciplinas Fontes de Financiamento, Gestão de Crédito, Planejamento Tributário, Orçamento Empresarial, Gestão de Riscos, e Planejamento Financeiro e Gestão de Capital de Giro oferecem conceitos que se alinham à área financeira.

Em Fontes de Financiamento, por exemplo, os alunos de GFIN têm acesso ao conteúdo referente à capital próprio e de terceiros, à políticas de dividendos, à mecanismos de financiamentos, etc.

Com a disciplina Gestão de Crédito aprendem aspectos relativos à recuperação de crédito. Já, a partir de Planejamento Tributário são apresentados conceitos sobre sistema tributário e a empresa, principais tributos e formas de tributação.

A disciplina Orçamento Empresarial possibilita o aprendizado do processo de elaboração do orçamento econômico-financeiro, fluxo de caixa projetado, planificação de investimentos, elaboração do orçamento de capital e avaliação das alternativas, e controle orçamentário.

Por meio da disciplina Gestão de Riscos, os alunos trabalham o processo de tomada de decisão acerca dos riscos inerentes à atividade empresarial. E, em Planejamento Financeiro e Gestão de Giro são discutidos a determinação do capital de giro, ciclo operacional e ciclo de caixa na empresa, prazos médios e rotação dos estoques, contas a receber e contas a pagar, fontes e necessidades de capital de giro, visão sistêmica da gestão fluxo de caixa, etc.

Administração Geral é uma disciplina que apresenta técnicas de análise administrativa, assim como as estruturas das funções de produção, de marketing, de finanças e de recursos humanos na indústria, comércio e prestação de serviços.

Em Fundamentos de Marketing são trabalhados os conceitos de marketing, ambientes de marketing, composto de marketing. E, a partir da disciplina Planejamento e Gestão Estratégica conceitos de missão, visão e valores, assim como ferramentas de gestão estratégica, construção de cenários, formulação de estratégias e implementação de estratégias, são discutidos e trabalhados em sala de aula.

Diante disso, vale ressaltar que, ainda que não exerçam atividade profissional voltada ao empreendedorismo, os Tecnólogos em GFIN tornam-se profissionais muito importantes para o mercado, se considerado que as mais relevantes causas para o insucesso empresarial estão relacionadas à falta de um planejamento

financeiro adequado para a abertura de um negócio, à inexistência de controles gerenciais fidedignos com a realidade da empresa, à investimentos ou gastos excessivos, ao crescimento exagerado e sem planejamento proporcionando uma expansão do empreendimento sem o devido suporte financeiro e operacional, e à problemas de fluxo de caixa que podem repercutir em uma deficiente gestão das contas a receber e a pagar, entre outras.

Por fim, o Quadro 22 ressalta as disciplinas que, tendo como base as ementas destacadas no Anexo E, podem favorecer a promoção de habilidades empreendedoras nos alunos do Curso Superior de Tecnologia em LOG.

Vale lembrar que o Tecnólogo em Logística é um profissional especializado para atuar na área logística de uma empresa ou organização, exercendo as funções de planejamento e coordenação da movimentação física e de informações sobre as operações multimodais de transporte, proporcionando fluxo otimizado e de qualidade para peças, matérias-primas e produtos.

De acordo com o Quadro 22 identificam-se sete disciplinas que acabam por possibilitar o desenvolvimento de habilidades empreendedoras nos alunos matriculados no curso referido, tais como: Administração Geral, Gestão da Produção, Gestão de Equipes, Economia e Finanças Empresariais, Gestão Tributária nas Operações Logísticas, Tecnologia da Informação Aplicada, e Fundamentos de Marketing.

<b>CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM LOGÍSTICA - LOG</b>	
<b>Semestre</b>	<b>Disciplinas que podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras</b>
1º semestre 2º semestre	Administração Geral (4h/a)
3º semestre	Gestão da Produção (4h/a) Gestão de Equipes (4h/a) Economia e Finanças Empresariais (4h/a) Gestão Tributária nas Operações Logísticas (4h/a)
4º semestre 5º semestre 6º semestre	Tecnologia da Informação Aplicada (2h/a) Fundamentos de Marketing (2h/a)

**Quadro 22** – Disciplinas identificadas a partir do terceiro nível de análise das ementas (LOG)

Fonte: Elaborado pela autora

Ainda com base o Quadro 22, nota-se que no 2º, 5º e 6º semestres não foram identificadas, dentre as disciplinas que compõem a grade curricular do curso, disciplinas que atuam no desenvolvimento de habilidades voltadas ao empreendedorismo.

Das disciplinas destacadas, Gestão de Equipes é a que mais possibilita o desenvolvimento de habilidades técnicas, uma vez que, de acordo com a ementa, permite a vivência de técnicas de desenvolvimento de habilidades relacionadas à liderança, à criatividade, à iniciativa, à motivação, à capacidade de síntese e de planejamento, ao trabalho em equipe, aos sistemas de negociação, aos instrumentos e às atitudes de resolução de conflitos, entre outras.

As demais disciplinas apontadas no Quadro 22 relacionam-se ao desenvolvimento de habilidades gerenciais. Com a disciplina Administração Geral, por exemplo, os alunos trabalham em sala de aula conceitos e métodos referentes ao processo de gestão empresarial.

Já, a partir das disciplinas Gestão da Produção e Fundamentos de Marketing, os discentes aprendem aspectos referentes às funções administrativas de planejamento e controle da capacidade produtiva, e ambientes e composto de marketing, como exemplo.

A disciplina Economia e Finanças Empresarias atua no desenvolvimento do entendimento de conceitos econômicos, como ambiente econômico, formação de estratégias e avaliação econômica, função financeira na gestão, demonstrativos financeiros, análise de risco, etc.

Gestão Tributária nas Operações Logísticas é uma disciplina que trabalha aspectos tributários, carga tributária brasileira e operações praticadas envolvendo a logística no Brasil.

E finalmente, por meio da disciplina Tecnologia da Informação Aplicada, os estudantes de Logística entendem os fundamentos de sistemas e tecnologias da informação, gestão estratégica da informação, tecnologia da informação aplicada à logística, inovações em tecnologia da informação, etc.

Deste modo, pode-se observar que, ainda que tenham sido identificadas apenas sete disciplinas relacionadas ao desenvolvimento de habilidades empreendedoras, é importante destacar que os discentes do Curso Superior de Tecnologia em Logística têm a possibilidade de aprender, durante a graduação, as habilidades e competências que podem favorecer a atividade empreendedora.



#### 4.4 Análise Global dos Resultados

Esta seção se dedica a apresentar uma análise geral dos resultados obtidos a partir da pesquisa realizada com os coordenadores de curso e alunos. Considerando ainda, a análise das ementas das disciplinas dos Cursos Superiores de Tecnologia oferecidos pela Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico, objeto deste estudo.

Busca-se identificar se há convergência ou não das percepções acerca da importância do empreendedorismo e da formação para o empreendedorismo nos processos de graduação oferecidos pela Instituição.

Pode-se verificar que a visão dos coordenadores de curso e dos alunos pesquisados converge no que se refere ao conceito e à importância do empreendedorismo.

Para os coordenadores de curso, por exemplo, o conceito de empreendedorismo relaciona-se à realização de um sonho, à liberdade individual, à atitude e à motivação empreendedora como potencial do ser humano, por isso mesmo assume papel vital para o desenvolvimento econômico e social.

Na visão dos alunos refere-se à solução de problemas, à melhora da vida das pessoas, ao sonho, à inovação, à criação de uma empresa, produto ou serviço, ao desenvolvimento de competências e habilidades, ao futuro promissor, ao espírito empreendedor, entre outros, demonstrando assim, sua relevância para o progresso do país.

As duas concepções apresentam ainda alinhamento com as ideias dos autores apontados na revisão da literatura desta dissertação, com destaque ao pensamento de Schumpeter (1961) e Hisrich, Peters e Shepherd (2014).

O primeiro reforça que a essência do empreendedorismo está na percepção e na exploração de novas oportunidades, e no âmbito dos negócios, na utilização de recursos de maneira inovadora, ou seja, que o empreendedor é um inovador. O segundo afirma que o empreendedorismo é o processo de criar algo diferente e com valor, dedicando o tempo e o esforço necessários, assumindo os riscos financeiros, psicológicos e sociais correspondentes e recebendo as conseqüentes recompensas da satisfação econômica e pessoal.

Considerando o Desenvolvimento de Habilidades Empreendedoras foi possível observar que a perspectiva dos coordenadores de curso e dos alunos apresenta concordância, uma vez que, a Instituição, de acordo com os pesquisados, trabalha com o propósito de permitir que tais habilidades possam ser estudadas, estimuladas e ampliadas durante o processo de graduação.

De acordo com os coordenadores de curso, todos os cursos oferecem disciplinas que promovem a sensibilização para a prática do empreendedorismo. Nesse sentido, vale destacar que no entendimento dos coordenadores de curso a educação formal é essencial para o cultivo de habilidades que podem favorecer o sucesso frente à atividade empreendedora.

No que se refere aos alunos, pode-se observar que 93% dos pesquisados atestaram que ao longo do processo de graduação, por meio das práticas pedagógicas, ou seja, das aulas, dos projetos e das atividades práticas em sala de aula, habilidades como, por exemplo, saber planejar, identificar oportunidades, trabalhar em equipe, entre outras, acabaram por ser estimuladas.

Dessa forma, tendo em conta a afirmativa dos coordenadores de curso, cabe destacar que, de acordo com a análise das ementas dos cinco cursos, foram identificadas três disciplinas que apresentam o empreendedorismo, de maneira direta, sendo elas: Empreendedorismo, Desenvolvimento de Negócios e, Inovação e Empreendedorismo.

É necessário ressaltar ainda que os Cursos Superiores de Tecnologia analisados não oferecem disciplinas comuns a todos os cursos que expressam o empreendedorismo, de maneira direta.

Todavia, foi possível perceber também, a existência de duas disciplinas comuns a todos os cursos, Contabilidade e Comunicação e Expressão.

Entende-se que, ao menos, por meio de tais disciplinas, os alunos de todos os cursos, durante o processo de graduação, podem começar a desenvolver habilidades técnicas e gerenciais.

Saber escrever, saber ouvir e saber interpretar informações, elementos observados na ementa da disciplina Comunicação e Expressão, são, na concepção de Dornelas (2005), habilidades que favorecem a prática empreendedora.

Por sua vez, a partir dos conceitos de Contabilidade, os discentes podem receber informações acerca da área financeira que, na opinião de Hisrich, Peters e

Shepherd (2014) é uma necessidade quando o assunto é atividade empreendedora bem sucedida.

Ademais, é oportuno destacar que, dos cursos analisados, apenas o Curso Superior de Tecnologia em GTI não apresenta em sua grade curricular nenhuma disciplina que contemple o empreendedorismo, de maneira direta.

Mesmo assim, é importante realçar que o curso mencionado apresenta, ao todo, 13 disciplinas que, tendo em vista as ementas analisadas, podem favorecer o desenvolvimento de habilidades empreendedoras em seus alunos.

Por sua vez, o Curso Superior de Tecnologia em ADS oferece seis disciplinas que podem colaborar para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras nos discentes, ou seja, cabe salientar que, mesmo com um número reduzido de disciplinas identificadas no que concerne ao desenvolvimento de habilidades empreendedoras, os alunos do Curso Superior de Tecnologia em ADS, ainda assim, têm a possibilidade de conhecer, trabalhar e desenvolver conceitos e conteúdos que podem estimular o desenvolvimento de habilidades técnicas e gerenciais, ainda que de maneira discreta.

O Curso Superior de Tecnologia em GE, por ter o propósito de formar profissionais para atuarem na gestão de negócios, podendo por isso mesmo, tornarem-se empreendedores bem sucedidos, apresenta o maior número de disciplinas que podem facilitar o desenvolvimento de habilidades que possivelmente auxiliarão a prática empreendedora, totalizando 16 matérias distribuídas ao longo dos seis semestres.

Já o Curso Superior de Tecnologia em GFIN apresenta em sua grade curricular, ao todo, 13 disciplinas que podem acentuar o desenvolvimento de habilidades empreendedoras nos alunos. Por conseguinte, nove disciplinas que constituem a grade curricular do Curso Superior de Tecnologia em LOG podem favorecer a promoção de habilidades empreendedoras nos discentes.

Tais afirmações fortalecem o pensamento dos coordenadores de curso quando afirmam que em todos os cursos, os alunos têm a oportunidade de desenvolver habilidades e competências que podem contribuir para a prática do empreendedorismo, por meio das disciplinas oferecidas.

Quanto aos alunos pesquisados, foi possível notar concordância também no que se refere à aptidão da população brasileira com relação à atividade empreendedora, ou seja, de acordo com o GEM, em geral, os brasileiros sonham

com a possibilidade de tornarem-se empreendedores. Os dados dessa pesquisa apontaram que 74% dos discentes desejam empreender.

O que reforça a ideia de que desenvolver uma carreira voltada à atividade empreendedora é uma opção desejável de ocupação profissional para a maior parte dos brasileiros.

No entanto, outro dado que chamou a atenção foi o percentual de 63% dos alunos que relataram não se sentirem preparados para empreender.

Mesmo diante do afirmativo desejo de empreender, os alunos mostraram-se inseguros, ou seja, ainda que reconheçam que o processo de graduação fornece informações, conceitos e práticas que favorecem o desenvolvimento de habilidades para a prática empreendedora, na concepção deles, para a atuação de fato, é preciso aumentar a experiência profissional, aprofundar o conhecimento das práticas empreendedoras e, principalmente, assegurar que o capital seja suficiente.

Diante de tais resultados, vale lembrar que a formação para o empreendedorismo não deve ter obrigatoriamente foco na criação imediata de novos negócios, ou seja, na abertura de empresas, mas sim, o compromisso com o desenvolvimento de habilidades e competências que possam favorecer os atuais e os potenciais futuros empreendedores para atuarem no mercado por meio da atividade empreendedora de maneira mais bem sucedida possível.

Nesse sentido, os benefícios para os alunos que desenvolvem sua graduação em Instituições com foco para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras são particularmente importantes, pois mesmo que não iniciem uma carreira empreendedora, como proprietário de um negócio, a possibilidade de estarem mais bem preparados para atuarem no mercado de maneira mais competitiva é aumentada.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber que o Brasil está aprendendo a visualizar o empreendedorismo como uma oportunidade de desenvolvimento econômico e social.

Nos Estados Unidos, por exemplo, país com longo histórico empreendedor, os empreendedores são, há bastante tempo, considerados os grandes propulsores da economia, e por isso mesmo, a formação para o empreendedorismo e a capacitação dos empreendedores são amplamente estimuladas.

No Brasil, como pode ser observado a partir da pesquisa GEM, ao longo dos anos, as taxas de empreendedorismo têm se elevado apontando uma percepção positiva do brasileiro no que concerne à atividade empreendedora.

Diante disso, a educação empreendedora assume um importante papel no que se refere à capacitação de futuros e atuais empreendedores para o desenvolvimento de habilidades técnicas e gerenciais que possibilitem a formação de melhores empresários, assim como, a criação e manutenção de empresas mais rentáveis e duradouras, que possivelmente possam contribuir para o progresso econômico e social do país.

Vale ressaltar que a formação para o empreendedorismo tem o objetivo de promover uma nova forma de ensino/aprendizagem que estimule a criatividade, reforce a auto-estima e a capacidade de obter sucesso profissional e pessoal.

Sendo assim, conforme Dornelas (2005) é oportuno um estudo mais profundo a respeito do conceito do empreendedorismo, tendo em vista que a maior parte dos negócios criados no país é concebida por pequenos empresários que nem sempre possuem conceitos de gestão de negócios, atuando de forma empírica e sem planejamento, refletindo diretamente no alto índice de mortalidade de empresas.

Nesses termos, ainda segundo o autor (2005), dentre as razões para a formação empreendedora destaca-se a percepção de que nas últimas décadas, as relações de trabalho sofreram alterações, ou seja, o emprego formal tem aberto espaço para novas formas de atuação profissional. Além disso, exige-se hoje, mesmo para aqueles que vão ser empregados, um alto grau de "empreendedorismo", ou melhor, as empresas desejam, cada vez mais, funcionários

que, além de dominarem a tecnologia, conheçam também o negócio, saibam entender e atender as necessidades dos clientes, e possam identificar oportunidades e viabilizá-las.

Nesse sentido, considerando a LDB (1996), uma das finalidades da educação superior é preparar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira.

À vista disso, esta pesquisa teve o propósito de abordar um assunto atual e relevante para o cenário brasileiro, e gerar uma reflexão sobre a importância do empreendedorismo e a necessidade de estimular e/ou fomentar a expansão de práticas e ações que permitam o desenvolvimento de habilidades empreendedoras nos alunos de graduação.

Para isso, essa pesquisa foi realizada em uma Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico, por meio da percepção de três coordenadores de curso e de 74 alunos, regularmente matriculados nos 5º e 6º semestres dos cursos oferecidos pela Instituição, objeto deste estudo. Além disso, foram analisadas as ementas das disciplinas, que compõem os projetos pedagógicos.

Tendo em vista a questão de pesquisa que norteou esta dissertação pode-se dizer que a Instituição demonstra a preocupação de formar, qualificar e capacitar os alunos para que atendam as necessidades de um mercado cada vez mais competitivo, mesmo não que optem pela carreira empreendedora, permitindo o desenvolvimento de habilidades empreendedoras que os tornarão profissionais mais bem preparados e mais propensos ao sucesso em qualquer área de atuação.

Contudo, seria oportuno o aprofundamento dos estudos no sentido de entender a percepção dos professores, e também dos demais alunos não incluídos no recorte feito para esta pesquisa.

A pesquisa ainda poderia ser ampliada para outras Instituições Públicas de Ensino Superior Tecnológico com a finalidade de verificar se os resultados se assemelham, e se há uma tendência para a formação para o empreendedorismo.

## REFERÊNCIAS

ABRAHIM, G. S.; MATTOS e BOULHOSA, R. L. O papel das práticas de ensino na formação do perfil profissional e do comportamento empreendedor dos universitários. **XXIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO. A Engenharia de Produção e o Desenvolvimento Sustentável: Integrando Tecnologia e Gestão**: Salvador, 06 a 09 de Out. 2009. Disponível em: <[http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2009\\_TN\\_STO\\_109\\_722\\_13680.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2009_TN_STO_109_722_13680.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2014.

AMARAL, G. L.; OLENIKE, J. E.; AMARAL, L. M. F. Empresômetro – Perfil Empresarial Brasileiro 2013. **IBPT – Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação**. 2013. Disponível em: <<https://www.ibpt.org.br/img/uploads/novelty/estudo/1296/EMPRESOMETRO30092013Final2.pdf>> Acesso em: 05 jan. 2014.

ANDRADE, R.F.; TORKOMIAN, A.L.V. Fatores de Influência na estruturação de programas de educação empreendedora em Instituições de Ensino Superior. **ANAIS do II EGEPE**, Londrina: Nov. 2001. Disponível em: <<http://www.oni.uerj.br/media/downloads/EMP2001-39.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2014.

ANEGEPE – Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas. Disponível em: <[http://www.anegepe.org.br/?page\\_id=87](http://www.anegepe.org.br/?page_id=87)> Acesso em: 05 jan. de 2014.

BENDASSOLI, P. F. Recomposição da relação sujeito-trabalho nos modelos emergentes de carreira. **Revista de Administração de Empresas – RAE**: São Paulo, v. 49 n. 4, Out./Dez. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75902009000400003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902009000400003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 05 jan. 2014

BERNARDO, N.R.R.; CARNIELLO, M.F.; ARAUJO, E.A.S. A Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico e sua contribuição para o Desenvolvimento Regional: Análise dos Cursos Superiores de Tecnologia na cidade de Guaratinguetá. **CICTED – Congresso Internacional de Ciência Tecnologia Desenvolvimento**. XIV Mostra Internacional de Pós-Graduação da Universidade de Taubaté. Out. 2013.

BERNARDO, N.R.R.; ARAUJO, E.A.S. A Produção Acadêmica sobre Educação Empreendedora no Ensino Superior: Análise Bibliométrica dos Artigos Publicados na Anegep entre 2000 e 2012. **III CICTED – Congresso Internacional de Ciência Tecnologia Desenvolvimento**. Mostra Internacional de Pós-Graduação da Universidade de Taubaté. Out. 2014.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. LDB - LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL.

Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2013.

BULGACOV, S. **Manual de Gestão Empresarial**. São Paulo: Atlas, 2006.

CATÁLOGO NACIONAL DOS CURSOS SUPERIORES DE TECNOLOGIA.

Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=12352&option=com\\_content&view=article](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=12352&option=com_content&view=article)>. Acesso em: 09 jul. 2013.

CENTRO PAULA SOUZA. Cursos Superiores de Tecnologia. Disponível em:

<<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/Cursos>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

CHANLAT, J. F. Quais carreiras e para qual sociedade I? **Revista de**

**Administração de Empresas – RAE**: São Paulo, v. 35, n. 6, p. 67-75 Nov./Dez.

1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n6/a08v35n6.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

DEGEN, R. J. **O empreendedor**: empreender como opção de carreira. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

DORNELAS, J. C. A. **Planejando incubadoras de empresas**: como desenvolver um Plano de Negócios para incubadoras. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

DRUCKER. P. F. **O melhor de Peter Drucker**: obra completa. São Paulo: Nobel, 2002.

FILION, L. J.; DOLABELA, F. **Boa Ideia! E agora**. São Paulo: Cultura, 2000.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GHOBRIL, A. N., et al. Mudando Paradigmas para a Formação de Empreendedores em Cursos Universitários: a experiência da pré-incubadora de empresas na Universidade Presbiteriana Mackenzie. **V EGEPE – Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**. 05 a 07 mar. 2008.

Disponível em:

<[http://www.anegepe.org.br/edicoesanteriores/saopaulo/392\\_trabalho.pdf](http://www.anegepe.org.br/edicoesanteriores/saopaulo/392_trabalho.pdf)>. Acesso em: 30 jun. 2014

GONÇALVES, A.V.; RICCI, F.; ARAUJO, E.A.S. Os cursos de graduação e a viabilidade da oferta da modalidade a distância na Região Metropolitana do Vale do Paraíba. **II Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento**. Ciência, Educação e Esportes: Pilares Contemporâneos para o Integração e Desenvolvimento dos Países Latino-Iberoamericanos. Universidade de Taubaté. 15 a 19 de out. 2013.

GRECO, S. M. S. S. et al. **Empreendedorismo no Brasil: 2012 (GEM 2012)**.

Curitiba: IBQP, 2012. 162 p. Disponível em:

<<http://www.gemconsortium.org/docs/download/2806>>. Acesso em: 10 jan. 2014.



GUEDES, S. A. **A carreira do empreendedor**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo: São Paulo, 2009, 158 p. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-18122009-101254/pt-br.php>> Acesso em: 10 jan. 2014.

GUIMARÃES, L. O. **A experiência universitária norte-americana na formação de empreendedores**: contribuições das Universidades de Saint Louis, Indiana e Babson College. São Paulo: EAESP/FGV, 2002. 331p. (Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação da EAESP/FGV, área de concentração: organização, recursos humanos e planejamento). Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/4417>>, Acesso em: 20 jul. 2014.

HIDELBRANDO, V. **Considerações sobre a Educação Empreendedora e o Pensamento de Joseph Schumpeter**. 2009. Disponível em: <<http://educatore.com.br/artigos/Artigo%20final%20Consider%20Educacao%20Empreendedor.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

HIRISCH, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. **Empreendedorismo**. São Paulo: AMGH, 2014.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 07 jul. 2013.

IBQP (Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade). Disponível em: <<http://www.ibqp.org.br/noticia/97/divulgados-os-dados-da-pesquisa-gem-2013>>. Acesso em: 06 jul. 2014.

LANDSTROM, H. **Pioneers in Entrepreneurship and Small Business Research**. v.8. Springe,US, 2008.

LIMA, E., LOPES, R. M. A., NASSIF, V., SILVA, D. Intenções e Atividades Empreendedoras dos Estudantes Universitários – Relatório do Estudo GUESSS Brasil 2011. Grupo APOE – Grupo de Estudo sobre Administração de Pequenas Organizações e Empreendedorismo, PMDA-UNINOVE. **Caderno de pesquisa**, n. 2011-01. São Paulo: UNINOVE. 2011.

LOPES, R. (org.). **Educação Empreendedora**: conceitos, modelos e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=5WOOyQ3qBtEC&oi=fnd&pg=PP1&dq=educa%C3%A7%C3%A3o+empreendedor&ots=bWkiKMcpG&sig=Ufn3s6ODqawBLJWu8dy31S2NMvs#v=onepage&q=educa%C3%A7%C3%A3o%20empreendedor&f=false>> Acesso em: 05 jan. 2014.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. - 5. reimpr. - São Paulo: Atlas, 2010.

MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=14384#cur\\_sos\\_tecnologicos](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=14384#cur_sos_tecnologicos)>. Acesso em 09 jul. de 2013.

MER - MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Disponível em: <[http://www.dce.mre.gov.br/nomenclatura\\_cursos.html](http://www.dce.mre.gov.br/nomenclatura_cursos.html)>. Acesso em 09 jul. de 2103.

MIGUEL, P. A. C. Estudo de Caso na Engenharia de Produção: estruturação e recomendações para sua condução. **Produção**, v.17, n.1, p. 216-229, jan-abr/2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65132007000100015&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65132007000100015&script=sci_arttext)>. Acesso em: 18 mar. 2015

MINELO, I. F.; ALVES, L. C.; SCHERER, L. A. Insucesso empresarial: uma perspectiva de empreendedores que vivenciaram o fracasso. EGEPE – Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas. 2012, Mar. **Anais do VII EGEPE**. Disponível em: <[http://www.anegepe.org.br/javabusca/files/t16720100044\\_1.pdf](http://www.anegepe.org.br/javabusca/files/t16720100044_1.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2014.

PNUD (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO). Disponível em: <<http://www.pnud.org.br>>. Acesso em: 08 jul. 2013.

PORTAL BRASIL. **Jovens Empreendedores**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2012/02/jovens-empreendedores>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

PORTAL eMEC. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 09 jul. 2013.

\_\_\_\_\_. **Desemprego cai a 5,4% em 2013 e é o menor da história**. Disponível em: [http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2014/01/pb\\_desemprego\\_30\\_01\\_14.png/view](http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2014/01/pb_desemprego_30_01_14.png/view). Acesso em: 11 jul. 2014

PREFEITURA DE GUARATINGUETÁ. Disponível em: <<http://www.guaratingueta.sp.gov.br>>. Acesso em: 07 jul. 2013.

ROSAS, I. A. G., CÂNDIDO, G. A. Capital Social como instrumento para viabilização do Desenvolvimento Regional: Estudo de caso no Cariri Pernambucano. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. v.4, n. 2, p. 58-80, mai-ago/2008, Taubaté, SP, Brasil.

SACHS, I. **Desenvolvimento**: includente, sustentável, sustentado. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

SEADE (FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS). Disponível em: <<http://www.seade.gov.br>>. Acesso em: 07 jul. 2013.

SEBRAE (Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SOFTEX (Sociedade Brasileira para Exportação de Software). Disponível em: <<http://www.softex.br>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

VEIT, M. R.; GONÇALVES FILHO, C. A. Mensuração do Perfil do Potencial Empreendedor e seu Impacto no Desempenho das Pequenas Empresas. **Anais...** da ANPAD, 31, 2007: Rio de Janeiro, 22 a 26 de set. 2007. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/ESO-C1300.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

VIEIRA, S. N. et al. **Empreendedorismo no Brasil**: Relatório Executivo 2013 (GEM 2013). Curitiba: IBQP, 2013. Disponível em: <<http://www.sebraemg.com.br/Atendimento/bibliotecadigital/documento/Cartilha-Manual-ou-Livro/Pesquisa-GEM-2013---Relatorio-executivo>>. Acesso em: 04 jul. 2014.

VIRAMGAMI, H. S. **Fundamentals of Entrepreneurship**. APH Publishing, 2007.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO (ALUNOS)**

**Data:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Nome:**

---

**Curso:**

- a) Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas
- b) Tecnologia em Gestão Empresarial
- c) Tecnologia em Gestão Financeira
- d) Tecnologia em Gestão da Tecnologia da Informação
- e) Tecnologia em Logística

**Semestre:**

- a) 5º semestre
- b) 6º semestre

**1) Sexo:**

- a) Masculino
- b) Feminino

**2) Estado civil:**

- a) Solteiro
- b) Casado
- c) Divorciado
- d) Outros

**3) Faixa etária correspondente a:**

- a) de 18 a 25 anos
- b) de 26 a 35 anos
- c) de 36 a 45 anos

- d) de 46 a 55 anos
- e) mais de 56 anos

**4) O que significa empreendedorismo para você?**

---

---

**5) Na sua opinião, qual é a importância do empreendedorismo?**

---

---

**6) Você exerce atividade remunerada?**

- a) Sim. Qual? \_\_\_\_\_
- b) Não

**7) Você exerce alguma atividade empreendedora? \*Se a resposta for **SIM (a)**: passe para a pergunta 9 (nove).**

- a) Sim. Qual? \_\_\_\_\_
- b) Não

**8) Você deseja empreender (abrir o próprio negócio, por exemplo)?**

- a) Sim
- b) Não

**9) Como você visualiza sua carreira, assim que concluir a graduação?**

- a) Desempregado
- b) Empregado (Empresa Privada)
- c) Autônomo
- d) Empreendedor (Proprietário de Empresa, por exemplo)
- e) Funcionário Público
- f) Outros

**10)** A sua graduação oferece condições para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras e para a formação de empreendedores?

a) Sim

b) Não

**11)** De acordo com a escala em que 1 significa “Pouco Importante” e 5 “Muito Importante”, com você classificaria o Formação empreendedora nesta Instituição?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

**12)** Considerando a escala em que 1 significa “Pouco Importante” e 5 “Muito Importante” elenque por ordem de importância com relação à sua formação empreendedora, as áreas abaixo.

**Gestão**

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

**Negócios**

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

**Informação**

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

**Comunicação**

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

**13)** Há mais alguma área da sua formação que você considera importante para a formação empreendedora e que não foi apontada na pergunta anterior.

a) Sim. Qual(is)? \_\_\_\_\_

b) Não

**14)** Na sua opinião, no seu curso de graduação existem disciplinas de formação empreendedora?

a) Sim. Quais? \_\_\_\_\_

b) Não

**15)** Ao longo do curso, você foi estimulado a empreender por meio das disciplinas estudadas e dos trabalhos desenvolvidos?

a) Sim

b) Não

**16)** As aulas, os projetos, as atividades em sala de aula, permitiram o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, tais como: saber planejar; identificar oportunidades de negócio; liderar; negociar; tomar decisões; trabalhar em equipe; assumir riscos calculados, entre outros?

a) Sim. Qual(is)? \_\_\_\_\_

b) Não

**17)** Você entende que essas habilidades empreendedoras foram ensinadas a você, durante o processo de graduação?

a) Sim

b) Não

**18)** Você se sente preparado para empreender?

a) Sim (justifique sua resposta)

b) Não (justifique sua resposta)

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**19)** Você sabe se a Instituição de Ensino Superior na qual estuda, possui Centros de Empreendedorismo, Empresas Júnior, Escritórios de Negócios, Incubadoras, ou algum outro órgão de incentivo de novos empreendimentos?

a) Sim. Qual(is)? \_\_\_\_\_

b) Não

## APÊNDICE B – ENTREVISTA (COORDENADORES DE CURSO)

**Data:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Nome:**

---

- 1) O que significa empreendedorismo para você?
- 2) Na sua opinião, qual é a importância do empreendedorismo?
- 3) Você acredita que a educação formal é relevante para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras e para a formação de empreendedores?
- 4) Na sua opinião, nos cursos de graduação oferecidos pela Instituição existem disciplinas de formação empreendedora? Descreva?
- 5) A Instituição promove eventos, programas, trabalhos que despertem ou estimulem habilidades empreendedoras nos alunos? Descreva?
- 6) Na sua percepção, as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, permitem o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, tais como: saber planejar; identificar oportunidades de negócio; liderar; negociar; tomar decisões; trabalhar em equipe; assumir riscos calculados, entre outros, nos alunos?
- 7) Você acredita que ao terminar a graduação, os alunos estarão preparados para empreender?
- 8) A Instituição de Ensino Superior, possui Centros de Empreendedorismo, Empresas Júnior, Escritórios de Negócios, Incubadoras, ou algum outro órgão de incentivo ou fomento ao empreendedorismo? Quais as atividades? Qual a importância?



**9)** Existe um projeto ou plano de criação e/ou ampliação dos programas de fomento e incentivo ao empreendedorismo, na Instituição?

## ANEXO A – EMENTAS DAS DISCIPLINAS – ADS (QUADRO 18)

**Administração Geral – 4 h/a:** Teoria geral da administração: conceitos e métodos. Processos de gerência. Técnicas de análise administrativa. A empresa e os sistemas administrativos. As estruturas das funções de produção, de marketing, de finanças e de recursos humanos na indústria, comércio e prestação de serviços. Princípios de organização e métodos. Cultura organizacional.

**Gestão de Pessoas – 4h/a:** Vivência de técnicas de desenvolvimento de habilidades: liderança, criatividade, iniciativa, postura, atividades, entrevista, motivação, capacidade de síntese e de planejamento. Trabalho em equipe. Equipes de alto desempenho. Sistema de negociação. Instrumentos e atitudes de resolução de conflitos. Controles e atitudes gerenciais. Ações corretivas e preventivas.

**Gestão de Projetos – 4h/a:** Definição de projeto segundo concepção difundida pelas melhores práticas de gestão de projetos. Histórico do desenvolvimento do conjunto de conhecimentos de gestão de projetos. Comparação entre o gerenciamento por projetos com o gerenciamento tradicional. O ciclo de vida de um projeto. Os fatores de sucesso e insucesso de projetos e sua mensuração. As nove dimensões de conhecimento para a gestão de projetos e seus processos: Integração, Escopo, Tempo, Custo, Qualidade, Recursos Humanos, Comunicações, Riscos e Aquisições.

**Ética e Responsabilidade Social – 2h/a:** Ética. Comportamento profissional ético. Moral e Direito. Conceitos, princípios e normas de direito público e privado aplicados à atividade empresarial e ao exercício profissional. Legislação de informática.

## ANEXO B – EMENTAS DAS DISCIPLINAS – GTI (QUADRO 19)

**Processos Gerenciais – 4h/a:** Teorias e movimentos da administração. Conceitos e métodos administrativos. A empresa e os atuais sistemas administrativos. A estrutura organizacional e suas funções. Relacionamento interdepartamental. Processos Gerenciais. Apoio da Tecnologia da Informação aos processos gerenciais.

**Gestão de Pessoas – 4h/a:** Importância e evolução da área de recursos humanos. Políticas, objetivos e visão sistêmica da administração de recursos humanos. Os subsistemas de administração de recursos humanos: provisão, aplicação, manutenção, desenvolvimento e monitoramento. Gestão estratégica de pessoas. Responsabilidade social empresarial.

**Gestão da Produção – 4h/a:** Conceito, evolução e componentes dos sistemas produtivos. Planejamento e controle da capacidade produtiva. Arranjo físico e fluxo dos processos. Gestão de operações. Localização de instalações. Técnicas e ferramentas de administração da produção.

**Gestão Financeira – 4h/a:** Fundamentos da Gestão Financeira, ambiente financeiro e conceitos financeiros. Fontes de Financiamento. Técnicas de análise e planejamento financeiro. Administração de capital de giro. Análise do ponto de equilíbrio das operações e alavancagem. Administração de ativos permanentes e investimento de capital. Custo de capital, estrutura de capital e dividendos.

**Gestão de Projetos – 4h/a:** Definição de projeto segundo concepção difundida pelas melhores práticas de gestão de projetos. Histórico do desenvolvimento do conjunto de conhecimentos de gestão de projetos. Comparação entre o gerenciamento por projetos com o gerenciamento tradicional. O ciclo de vida de um projeto. Os fatores de sucesso e insucesso de projetos e sua mensuração. As nove dimensões de conhecimento para a gestão de projetos e seus processos: Integração, Escopo, Tempo, Custo, Qualidade, Recursos Humanos, Comunicações, Riscos e Aquisições.

**Fundamentos de Marketing – 2h/a:** Conceito de Marketing. Ambientes de Marketing. Mix de marketing. Marketing de serviços.

**Sistemas Integrados de Gestão e Aplicações – 4h/a:** Fundamentos de Sistemas de Informação. Impactos da Tecnologia na gestão organizacional. Sistemas Integrados de Gestão Empresarial (ERP). Fluxo de Informações. E-business. Soluções integradas de TI: Customer Relationship Management (CRM), Supply Chain Management (SCM) e Business Intelligence (BI). Gerenciamento estratégico de informação. Segurança em ERP. ERP na prática. Tendências.

**Gestão e Governança de Tecnologia da Informação – 4h/a:** O Gestor de Negócios e da Informação. Planejamento estratégico e o alinhamento entre o negócio e o uso da TI. Governança de TI (Melhores Práticas). Gestão da Infraestrutura de TI (melhores práticas). Análise de estudos de caso.

**Planejamento e Gestão Estratégica – 4h/a:** Definição de Estratégia; A evolução do pensamento estratégico. Conceitos de missão, visão e valores. Análise do Ambiente Empresarial; Ferramentas de gestão estratégica. Construção de cenários. Metodologia e técnicas para construção de mapas estratégicos. Formulação de Estratégias. Implementação de Estratégias. Controle de Estratégias.

**Negócios Eletrônicos – 2h/a:** A Internet como um Canal de Negócios. Visão Geral, Modelos e Estratégias de desenvolvimento de negócios eletrônicos. Transações Monetárias on-line e Dinheiro Digital. Segurança na Internet. Marketing eletrônico. Relacionamento virtual com o Cliente. Distribuição Eletrônica de Serviços e Produtos. Logística para Negócios Eletrônicos. Governo eletrônico. Estudo de Casos.

**Gestão Econômica – 4h/a:** Modelo econômico (Custos, Receita, Margem Bruta de Contribuição), Alavancagem Operacional, Margem de Segurança, Política de Preços, Amortização de dívidas, Análise de Investimentos. Comparação de Projetos e Investimentos (Valor Anual, Valor Presente, Taxa Interna de Retorno), Depreciação, Substituição de Equipamentos e Análise sob Condições de Risco e Incerteza.

## ANEXO C – EMENTAS DAS DISCIPLINAS – GE (QUADRO 20)

**Administração Geral – 4h/a:** Teoria geral da administração: conceitos e métodos. Processos de gerência. Técnicas de análise administrativa. A empresa e os sistemas administrativos. As estruturas das funções de produção, de marketing, de finanças e de recursos humanos na indústria, comércio e prestação de serviços. Princípios de organização e métodos. Cultura organizacional.

**Comportamento Organizacional – 2h/a:** O indivíduo e a organização, comportamento humano, mudanças comportamentais, aprendizagem e comportamentos organizacionais, processos motivacionais, grupos e equipes, liderança, negociação, administração de conflitos e mudança organizacional.

**Gestão de Pessoas – 4h/a:** Importância e evolução da área de recursos humanos. Políticas, objetivos e visão sistêmica da administração de recursos humanos. Os subsistemas de administração de recursos humanos: provisão, aplicação, manutenção, desenvolvimento e monitoramento. Gestão estratégica de pessoas. Responsabilidade social empresarial.

**Gestão de Marketing – 4h/a:** Conceito de Marketing. Abordagens: Clássica e Contemporânea. Os Ambientes de Marketing. Elementos e gestão do composto de marketing. Gestão das Marcas. Canais de marketing. Marketing de serviços. Marketing digital. Comportamento do Consumidor. Interface do marketing com as outras áreas da organização.

**Sistemas de Informação – 4h/a:** Conceito e classificações dos sistemas. Conceitos de dado, informação e conhecimento. Enfoque sistêmico. Sistemas de informação: conceitos, objetivos, funções, componentes e classificação. As dimensões tecnológica, organizacional e humana dos sistemas de informação. Características e funcionalidades dos sistemas de informação de nível operacional, tático e estratégico nas organizações.

**Organização, Sistemas e Métodos – 4h/a:** Organização Sistemas e métodos para qualidade e produtividade. Metodologias para o desenvolvimento organizacional. Identificação e classificação das disfunções organizacionais. Estruturas e arquitetura organizacional. Benchmarking, reengenharia, terceirização (outsourcing). Projeto de melhorias de processos gerenciais em uma organização.

**Logística – 4h/a:** Fundamentos e histórico da Logística; Análise da cadeia de suprimentos, compras, planejamento e controle de materiais, movimentação, armazenagem e abastecimento para a produção; Análise da logística de distribuição dos produtos, recebimento, armazenagem e expedição, transportes e distribuição; Informações do sistema logístico; Identificação e gerenciamento de custos; Estratégias de logística; Gerenciamento de operações globais.

**Gestão Financeira – 4h/a:** Fundamentos da Gestão Financeira, ambiente financeiro e conceitos financeiros. Fontes de Financiamento. Técnicas de análise e

planejamento financeiro. Administração de capital de giro. Análise do ponto de equilíbrio das operações e alavancagem. Administração de ativos permanentes e investimento de capital. Custo de capital, estrutura de capital e dividendos.

**Comunicação Empresarial Geral – 2h/a:** Comunicação Empresarial: signos e símbolos na comunicação – análise do discurso: teoria e prática, linguagem e comunicação; impacto das novas tecnologias de informação; comunicação como rede de relações; comunicação verbal; redação de comunicações internas e externas às organizações/empresas; redação de websites.

**Planejamento de Marketing – 4h/a:** Características dos negócios de alto desempenho; missão e alinhamento empresarial; estabelecimento de metas; análise do portfólio de negócios da empresa; formulação de estratégias de marketing. Análise dos elementos de um plano de marketing. Elaboração de um plano de marketing (projeto empresarial).

**Gestão de Projetos Empresariais – 4h/a:** Definição de projeto segundo concepção difundida pelas melhores práticas de gestão de projetos. Histórico do desenvolvimento do conjunto de conhecimentos de gestão de projetos. Comparação ente o gerenciamento por projetos com o gerenciamento tradicional. O ciclo de vida de um projeto. Os fatores de sucesso e insucesso de projetos e sua mensuração. As nove de conhecimento para a gestão de projetos e seus processos: Integração, Escopo, Tempo, Custo, Qualidade, Recursos Humanos, Comunicações, Riscos e Aquisições.

**Análise de Projetos de Investimentos – 4h/a:** Fundamentos de investimentos de capitais, projeção do fluxo de caixa e do valor residual; técnicas de avaliação de investimentos: payback, retorno contábil, VPL, TIR, IL. Problemas com o enfoque da TIR; incrementabilidade, excludência e restrições de capital, análise de sensibilidade e simulação, árvores de decisão e opções reais. Fundamentos da engenharia econômica.

**Negócios Internacionais – 4h/a:** Globalização e estratégia global. A dinâmica competitiva nos mercados globalizados. O processo de internacionalização de empresas: riscos da multinacionalização, estratégias cooperativas. Blocos econômicos e suas relações comerciais. Inserção da organização no mercado internacional. Perfil do executivo internacional.

**Planejamento e Gestão Estratégica – 4h/a:** Definição de Estratégia; A evolução do pensamento estratégico. Conceitos de missão, visão e valores. Análise do Ambiente Empresarial; Ferramentas de gestão estratégica. Construção de cenários. Metodologia e técnicas para construção de mapas estratégicos. Formulação de Estratégias. Implementação de Estratégias. Controle de Estratégias.

## ANEXO D – EMENTAS DAS DISCIPLINAS – GFIN (QUADRO 21)

**Administração Geral – 4h/a:** Teoria geral da administração: conceitos e métodos. Processos de gerência. Técnicas de análise administrativa. A empresa e os sistemas administrativos. As estruturas das funções de produção, de marketing, de finanças e de recursos humanos na indústria, comércio e prestação de serviços. Princípios de organização e métodos. Cultura organizacional.

**Comunicação Empresarial Geral – 2h/a:** Comunicação Empresarial: signos e símbolos na comunicação – análise do discurso: teoria e prática, linguagem e comunicação; impacto das novas tecnologias de informação; comunicação como rede de relações; comunicação verbal; redação de comunicações internas e externas às organizações/empresas; redação de websites.

**Fundamentos de Marketing – 2h/a:** Conceito de Marketing. Ambientes de Marketing. Composto de marketing. Marketing de serviços.

**Planejamento e Gestão Estratégica – 4h/a:** Definição de Estratégia; A evolução do pensamento estratégico. Conceitos de missão, visão e valores. Análise do Ambiente Empresarial; Ferramentas de gestão estratégica. Construção de cenários. Metodologia e técnicas para construção de mapas estratégicos. Formulação de Estratégias. Implementação de Estratégias. Controle de Estratégias.

**Fontes de Financiamento – 2h/a:** Capital próprio. Capital de terceiros. Operações de banco de desenvolvimento/agências de fomento; Ações e políticas de dividendos. Project finance. Projeto de investimento. Mecanismos de financiamentos, Métodos de análise. Desenvolvimento de projetos integradores em Gestão financeira.

**Comportamento Organizacional – 4h/a:** O indivíduo e a organização, comportamento humano, mudanças comportamentais, aprendizagem e comportamentos organizacionais, processos motivacionais, grupos e equipes, liderança, negociação, administração de conflitos e mudança organizacional.

**Gestão de Crédito – 2h/a:** Análise para pessoa física e jurídica; Garantias; Produtos de crédito; Recuperação de crédito; Sistemas de análise de crédito; Mercados para atuar com crédito; Os princípios dos créditos; O crédito e o negócio bancário; Definições de risk rating; Produtos oferecidos pelo mercado financeiro.

**Planejamento Tributário – 2h/a:** Sistema Tributário Nacional. Administração e Fiscalização. Planejamento Tributário. Sistema Tributário e a Empresa. Principais tributos. Formas de tributação.

**Orçamento Empresarial – 2h/a:** O Sistema Orçamentário Global. Conceitos Fundamentais. Processo de Elaboração do Orçamento Econômico-Financeira. Fluxo de Caixa Projetado. Aspectos de acompanhamento, controle e avaliação do projetado x realizado. Planificação de Investimentos. Elaboração do orçamento de capital e avaliação das alternativas. Controle orçamentário.

**Gestão de Riscos – 4h/a:** Fundamentos de risco e retorno. O processo de tomada de decisão – risco, incerteza e etapas do processo decisório. Compreensão e Aplicação das ferramentas estatísticas básicas para Gestão de Riscos. Análise da diversificação do risco de uma carteira com dois ativos. Rentabilidade pré-fixada por cenários. Modelos de Markowitz e Sharpe. Capital Asset Pricing Model – conceito beta de um ativo, condições de equilíbrio de mercado. Value at Risk (VaR)

**Planejamento Financeiro e Gestão de Capital de Giro – 4h/a:** Determinação do capital de giro. Ciclo operacional e ciclo de caixa na empresa. Prazos médios e rotação dos estoques. Contas a receber e contas a pagar. Fontes e necessidades de capital de giro. Ambientes Macroeconômicos, visão sistêmica da gestão Fluxo de Caixa. Planejamento Financeiro x Estratégico. Identificação da Necessidade do Capital de Giro. Formas de Negociação: Clientes x Fornecedores.



## ANEXO E – EMENTAS DAS DISCIPLINAS – LOG (QUADRO 22)

**Administração Geral – 4h/a:** Teoria geral da administração: conceitos e métodos. Processos de gerência. Técnicas de análise administrativa. A empresa e os sistemas administrativos. As estruturas das funções de produção, de marketing, de finanças e de recursos humanos na indústria, comércio e prestação de serviços. Princípios de organização e métodos. Cultura organizacional.

**Economia e Finanças Empresariais – 4h/a:** Conceitos de economia; microeconomia; macroeconomia; sistemas econômicos; relações econômicas internacionais; empresa e ambiente; formação de estratégias e avaliação econômica; função financeira na gestão; demonstrativos financeiros, melhoria dos resultados; avaliação e viabilidade de investimentos; análise de risco.

**Gestão de Equipes – 4h/a:** Vivência de técnicas de desenvolvimento de habilidades: liderança, criatividade, iniciativa, postura, atividades, entrevista, motivação, capacidade de síntese e de planejamento. Trabalho em equipe. Equipes de alto desempenho. Sistema de negociação. Instrumentos e atitudes de resolução de conflitos. Controles e atitudes gerenciais. Ações corretivas e preventivas.

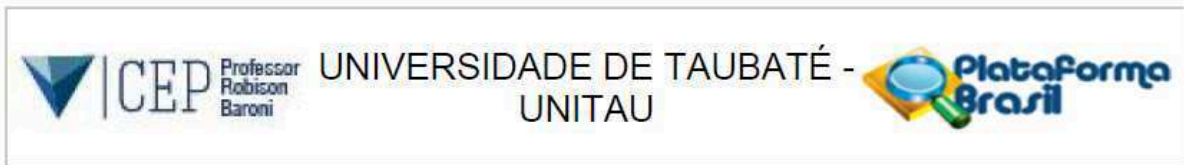
**Gestão da Produção – 4h/a:** Conceito, evolução e componentes dos sistemas produtivos. Planejamento e controle da capacidade produtiva. Arranjo físico e fluxo dos processos. Gestão de operações. Localização de instalações. Técnicas e ferramentas de administração da produção.

**Gestão Tributária nas Operações Logísticas – 4h/a:** Aspectos tributários; carga tributária brasileira; as operações praticadas. Pelos contribuintes; operações logísticas: abordagem para legislação fiscal e tributária. Estratégias fiscais no planejamento tributário; custo tributário; procedimentos fiscais atinentes aos tributos; estudo de casos práticos envolvendo a logística no Brasil.

**Fundamentos de Marketing – 2h/a:** Conceito de Marketing. Ambientes de Marketing. Composto de marketing. Marketing de serviços.

**Tecnologia da Informação Aplicada – 2h/a:** Conceitos gerais: dados, conhecimento, informação e processo. Fundamentos de sistemas e tecnologias da informação: SI e TI. Gestão estratégica da informação. Sistemas de negócios aplicados à logística: ERP, SAD, LIS, GIS dentre outros. Características, arquitetura e aspectos tecnológicos envolvidos no e-commerce e e-business. Tecnologia da informação aplicada à logística: roteirizadores, GPR, EDI, ECR, dentre outros. Inovações em tecnologia da informação. Estudos de caso de aplicação de SI ou TI em Logística.

## ANEXO F- PB\_PARECER\_CONSUBSTANCIADO\_CEP\_709777



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE ENSINO SUPERIOR TECNOLÓGICO E O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO: um estudo de caso

**Pesquisador:** Nathalia Rana Rosa Bernardo

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 32526314.0.0000.5501

**Instituição Proponente:** Universidade de Taubaté

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 709.777

**Data da Relatoria:** 04/07/2014

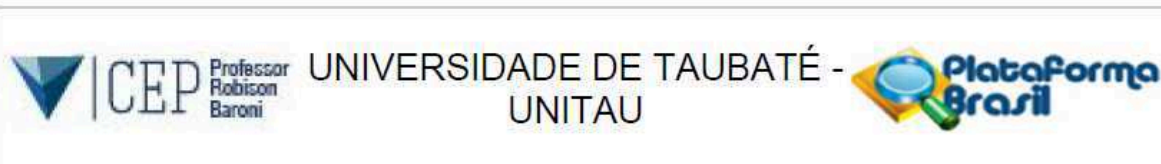
#### Apresentação do Projeto:

Esta pesquisa delimita-se a analisar o ensino do empreendedorismo em uma Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico por meio do projeto pedagógico e da percepção de seus alunos e coordenadores. Para a realização da dissertação proposta será efetuada uma pesquisa exploratória; do ponto de vista dos procedimentos técnicos, será realizada uma Pesquisa de Campo, por meio de pesquisa documental, a partir da análise dos conteúdos programáticos e ementas dos Cursos Superiores de Tecnologia e da percepção dos alunos e dos coordenadores de curso de uma Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico, por meio da realização de um Estudo de Caso. O instrumento para a realização do estudo de caso será questionário para os alunos, elaborado por meio de questões abertas, escala likert e múltipla escolha, e com os coordenadores de curso, o instrumento será entrevista, com roteiro elaborado por meio de perguntas abertas. Por fim, o projeto pedagógico e as ementas das disciplinas dos cursos serão analisados por meio de planilhas eletrônicas.

#### Objetivo da Pesquisa:

Analisar o ensino do empreendedorismo em uma Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico por meio do projeto pedagógico e da percepção dos seus alunos e coordenadores.

<b>Endereço:</b> Rua Visconde do Rio Branco, 210		
<b>Bairro:</b> Centro	<b>CEP:</b> 12.020-040	
<b>UF:</b> SP	<b>Município:</b> TAUBATE	
<b>Telefone:</b> (12)3635-1233	<b>Fax:</b> (12)3635-1233	<b>E-mail:</b> cepunitau@unitau.br



Continuação do Parecer: 709.777

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

##### **Riscos:**

A participação nesta pesquisa traz riscos mínimos. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à dignidade humana. Todas as informações coletadas neste estudo serão estritamente confidenciais. Os relatos de pesquisa serão identificados com um código, e não com o nome.

##### **Benefícios:**

Ao participar desta pesquisa o pesquisado não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, espera-se que este estudo traga informações importantes sobre o papel da Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico no ensino do empreendedorismo. No futuro, essas informações poderão ser usadas em benefício de outros alunos e da Instituição.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A atividade empreendedora sempre esteve presente na história da humanidade. Entretanto, somente a partir de meados do século passado é que passou a ter o significado atualmente conhecido e a ser considerada essencial para a geração de riquezas de um país, principalmente, por promover o crescimento econômico, gerar empregos e renda, possibilitando melhores condições de vida para a sociedade em geral. É através do

empreendedorismo que as descobertas acontecem, que as empresas são criadas, que mais empregos são gerados, que as tecnologias são desenvolvidas, que valores e riquezas são agregados à sociedade e que o mundo da forma como se conhece se tornou possível. O Brasil,

atualmente, ocupa a décima quinta posição no ranking mundial do empreendedorismo, sendo considerado um dos países mais empreendedores do mundo. No entanto, o grande problema que acomete o país é o elevado índice de mortalidade das empresas, o que não favorece o desenvolvimento da sociedade brasileira. O objetivo deste trabalho é analisar a contribuição de uma Instituição Pública de Ensino Superior Tecnológico no ensino do empreendedorismo.

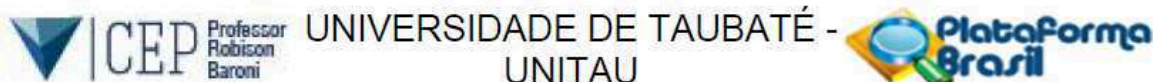
#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os documentos postados na Plataforma Brasil são os solicitados. O questionário e o roteiro para a entrevista estão na parte final do projeto.

#### **Recomendações:**

Atende as exigências

<b>Endereço:</b> Rua Visconde do Rio Branco, 210	<b>CEP:</b> 12.020-040
<b>Bairro:</b> Centro	
<b>UF:</b> SP	<b>Município:</b> TAUBATE
<b>Telefone:</b> (12)3635-1233	<b>Fax:</b> (12)3635-1233
	<b>E-mail:</b> cepunitau@unitau.br



Continuação do Parecer: 709.777

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Atende as exigências

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, em reunião de 04/07/2014, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 466/12, considerou o Projeto de Pesquisa: APROVADO.

TAUBATE, 04 de Julho de 2014

---

**Assinado por:**  
**Maria Dolores Alves Cocco**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Rua Visconde do Rio Branco, 210  
**Bairro:** Centro **CEP:** 12.020-040  
**UF:** SP **Município:** TAUBATE  
**Telefone:** (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cepunitau@unitau.br